



A última
Gang

Retornar nem sempre
é uma opção

Valeriano Alberto
SANGALBA

A ÚLTIMA GANG

Valeriano Sanguève João Alberto

Romance

Ficha Técnica:

A Última Gang (romance)

Copyright© 2018 by Valeriano S. J. Alberto

E-mail: valerianoalbertoalberto@gmail.com

Telefones: 925470779 – 924852777

Facebook, Instagram, Whatsap – Valeriano Sang Alba

Produção editorial:

Água Preciosa Editora Digital,

Edição: Valeriano S. J. Alberto

Revisão de Textos: Mille Tavares

Foto capa – Bob Lendário

Design artístico de capa – Valeriano Alberto Sang Alba

Lubango, Huila, Angola. **Água Preciosa** Editora Digital,

Literatura angolana

Índice

Notas do autor:	5
Agradecimentos.....	7
Prefácio	8
PARTE 1	10
UM	11
DOIS	16
TRÊS	22
QUATRO	28
CINCO.....	32
SEIS	33
SETE.....	36
OITO.....	44
NOVE.....	50
DEZ	61
PARTE 2	66
ONZE.....	67
DOZE.....	75
TREZE.....	85
CATORZE.....	98
QUINZE.....	107
DEZASSEIS.....	110
Sobre o autor:.....	118

Notas do autor:

Ao caro leitor,

Cordiais saudações!

Antes de avançares por entre as páginas e começares uma leitura voraz, quero dar-lhe a conhecer as razões do surgimento deste livro.

Estamos na presença de uma obra mediática, contemporânea e completamente inédita.

Eu como autor e leitor fui tomado por um desejo cada vez maior de trazer ao público (lubanguense/huilano), uma história que não estivesse tão distante de nós, isto é, da nossa realidade. Por isso mesmo, e em primeiro lugar o **Lubango** como palco do enredo.

Devo dizer que manifestar a minha escrita pela primeira vez para discorrer sobre uma ideia que achei que daria uma ótima história foi, e continua sendo para mim uma experiência única. Escrever este livro foi um desafio, acho que todo livro é.

Dificuldades foram muitas. Enormes, mas senti no fundo do peito a necessidade urgente do surgimento de uma obra do género.

Espero que goste e, boa leitura!

A ÚLTIMA GANG

Valeriano Alberto

(Sang Alba)

Agradecimentos

Primeiramente aos meus **pais**, por todo apoio possível, pela educação, amor. Aos meus **irmãos, amigos, primos, professores**, pelo carinho, e força que me deram para continuar a escrever este livro. O meu agradecimento especial ao Professor **Mabúkla** pela paciência de me aturar e ao meu caríssimo amigo **José Gonçalves** por todas às partilhas de ideias que me deram inspiração para grande parte dos rascunhos desta obra.

Muito obrigado a todos!

Prefácio

A escrita é o bálsamo e força que nos move para um lugar de paz e zelo. Todos podemos caminhar, alguns são mais lentos, outros mais rápidos, mas todos acabamos por atingir o ápice. Ao ler “A Última Gang”, fica-nos fácil peregrinar na ficção, cujos nomes, personagens e acontecimentos descritos, sejam da inteira criatividade do autor, embora os lugares sejam ao todo conhecidos.

Retomar nem sempre é uma opção.

Com vossa licença, dão-me por louco se o pensar não vale ouro. Em anos na literaestrada, jogando pelo sim e pelo não da vida, sem gritos, avança o autor, fazendo música para aliviar as máculas da *life*. Desengaveta-se na derrapante soleira, falando da Gang, dos rapazes que provindos de diferentes bandas, julgados doutos, desafiam seus pais, soltam-se às amarras e contribuem para a redução de assaltos, mortes, desfazendo laços, o arrimo para os que por si só não se podem proteger.

A todo custo, há um “doar-se” sem tamanha para (re)pensar e sair dos bastidores para as salas de cinema. Há muito por se dizer e rabiscar cada página das vestes de Sang Alba, pois, dele muito se espera, numa fase em que o ter superou o ser e ao grito, ao fumo e ao vinho, se dá mais valor, por parte da malta jovem.

Para a solução de qualquer dilema, basta um Power, com garra nos ossos e uma companhia sem igual de Tina...

...faló meu mano..., tá ligado...

Tão singular na sua abordagem, o autor traz a fala original de jovens da casa dos vinte, calão, linguagem familiar, repleta de marcas da oralidade, próprio de um autor que intenta manter a linguagem coloquial de uma verdadeira Gang, embora obra em questão faça referência a jovens estudantes.

Mille Tavares

Autor/Escritor

"Ver elefantes não significa ter muita idade,

Mas sim andar muito"

Provérbio tradicional

PARTE 1

Retornar nem sempre é uma opção

UM

Tarde ensolarada. Eram os primeiros minutos da primeira hora que o relógio teimoso insistia em pronunciar que já era início de uma tarde. Power agora sabia como terminavam as suas tardes. Mas não só as tardes, sabia também como era o principiar dos dias e seus finais.

Presenciava a última sessão de aulas da disciplina na qual buscava empenhar-se bastante. Finda a aula, Power não quer falar com ninguém, ele falaria se precisasse, sai da sala de aulas como o fazem os seus colegas, uns calmamente, outros nem por isso, ele, calmo naturalmente.

A viagem de volta à casa não era tão rápida quanto a de ida à escola, pois, o trânsito já não era a mesma coisa, obrigando-o a passar mais tempo dentro do inigualável “azul e branco”. Mesmo assim, não prestou atenção na moça que acabara de subir no táxi no último cruzamento quando mandou parar o automóvel e no gesto maquinal do gerente abrindo a porta lateral direita, ainda havendo muitos lugares vagos, incluindo os que sucediam o banco do motorista, estando ali somente o gerente como é de hábito, ela preferiu propositadamente os lugares seguintes, ali onde estava Power, ainda uniformizado com a bata que denunciava o local de sua vinda. Este era o pretexto perfeito para a moça que já sentada ao lado do jovem, conseguiu dizer:

— Esta cidade está cada vez mais quente! Ai, este Sol! — Power acenou com a cabeça concordando. Já era alguma coisa para ela, por isso continuou:

— Estudas na primeira secundária, não?

— Sim.

— Estive lá no batismo de caloiros este ano, foi uma festa de invejar! Eu estudo no colégio Esperança, mas você sabe como isso é, a vossa escola é bem falada no município, parabéns!

— Valeu!

Foram as duas únicas palavras que saíram da boca de Power estando na companhia de uma menina tão bela. Na verdade ele não queria dar importância àquela atitude da jovem, seu sotaque, português bem falado na voz fina e muito agradável de ouvir, o cheiro que dela provinha, nem se sabe se ele sentiu, ou talvez não tinha prestado atenção mesmo como já foi referido.

Passados mais alguns minutos, Power manda parar o táxi:

— Aqui fico! — Ficando quase de pé. — Até a próxima! — Despediu-se assim da jovem simpática que ajeitando suas pernas para facilitar a passagem apenas deu um sorriso breve e disse:

— Até mais!

Já fora do automóvel, Power devolve a mochila às costas, saca cem Kwanzas num dos bolsos de trás do jeans e paga a viagem. Nem reparou o olhar incrédulo do cobrador que embora gritava chamando seus passageiros, às vezes mesmo, querendo sair do carro, estando este em movimento, no entanto, não lhe passara despercebida aquela conversa pouco morosa e a atitude da moça para com o jovem totalmente indiferente. Deixou a outra sem o que pensar, ou talvez com muito por pensar, “ele nem sequer perguntou o meu nome”, disse ela em seu íntimo já estando distante do local em que o tal jovem descera.

Dali já não faltaria muito para chegar em casa, só tinha de ultrapassar as duas ruas que antecediam a sua, que se situava mais para lá da estrada principal, ali onde sempre tinha de vir para pegar o táxi com destino a um dos diversos pontos da cidade. Por fim, havia chegado, só tinha de empurrar o pequeno portão que a estas horas normalmente estava destrancado, ele fá-lo.

— Cheguei! — Exclamou em alto e bom som, fazendo-se ouvir pela mãe e a irmã que ainda confeccionavam o almoço numa habitual entrega para que o resultado final fosse como todos gostavam.

A casa era grande, se considerarmos que isso significa ter um quintal à medida dos quintais das casas não tão distantes do centro da cidade, isto é: permitir a colocação de dois portões, dando com a rua, um mais grande naturalmente para a entrada de automóveis, e outro relativamente pequeno, um pouco mais para a esquerda. A varanda da casa era aconchegante, ladeada de grades, do teto ao chão e prendidas em pilares nas extremidades. Havia nestas grades, soldaduras que a mãe tinha mandado colocar como base para os vasos de flores que em conjunto com o jardim logo à entrada, davam um aspecto ainda mais agradável à entrada da casa. Desta mesma varanda era visível a enorme janela de vidro da sala, e uma porta mais para o lado direito, esta dava acesso ao corredor. Eis a vista da casa, pintada de um amarelo que tentava ser forte perante a agressividade ora do sol ora da chuva. O quintal tinha um chão todo calçado com pedras presas com a ajuda de cimento, bastava abrir um dos portões para dar de cara com esta imagem.

Power não entrou pela varanda mesmo tendo em sua posse uma chave da mesma e outra da porta que dava para o corredor. Foi do outro lado à direita onde havia outra porta que ao entrar dava para a cozinha.

– Meu maninho! – Exclamou alegremente sua irmã Sara quando o via entrar.

– Boa tarde! – Saudou o menino.

– Boa tarde! – Responderam elas. Angélica, sua mãe e Vilma a sua irmã mais velha estavam na cozinha e ouviram-no gritar “cheguei”, enquanto Sara saía do quarto e aproximava-se da cozinha ouvindo uma das suas músicas favoritas nas preciosas auriculares *Samsung*.

– Então, tudo bem? – Perguntou Sara.

– Tudo bem. – Respondeu Power enquanto ia até à geleira sacar uma maçã.

– O Sol não fez confusão?!

– Olha, está mesmo um sol danado ali fora!

– Este Sol incomoda qualquer um. – Disse a Vilma. A mãe, do seu jeito quase impercetível buscava o olhar do filho recém chegado como se quisesse confirmar algo, mas sentiu-se parte da conversa e disse:

– Eu até estou pensando em colocar uma sombra ali em frente.

– Sim mãe, boa ideia! – Exclamou outra vez Sara, digitando algumas letras no telefone. Power apenas concordou com a cabeça enquanto saboreava um pedaço que arrancara da maçã, numa mordida que se repetiria, estando sentado à mesa ao lado da Sara.

Houve um silêncio e a mãe ainda do lado do fogão, fazia aquela busca de informações nos olhos de Power, agora talvez fosse um bom momento para conseguir tal feito já que ele vinha da escola, ela costumava conseguir tirar as informações dos olhos do filho, mas foi perdendo esta habilidade com o tempo, ou talvez o menino tinha crescido, mudado e etc., o facto mesmo é que já era muito difícil saber o que se passava, pois, Power tornara-se imprevisível, espontâneo, totalmente impenetrável, ele deixava saber o que queria que soubessem. Era desconhecido.

— Ha, ha, ha... — O silêncio foi interrompido pela risada de Sara pelo que tinha lido na rede social mais popular do mundo. Todos olharam para ela. — Só devem estar a brincar. — Continuou. Sara tinha a capacidade de estar em dois mundos ao mesmo tempo, era ligada à internet, mas não estava desligada do que acontecia ao seu redor, logo, iria ao quarto de Power perguntar-lhe o que não estava bem.

Vilma já estava colocando a comida nas tigelas, a mãe metia os pratos na mesa. Em dias normais de trabalho e estudos, tinham o hábito de comer na mesa da cozinha. Posta a mesa, Sara pousou *Samsung galaxy último* e as respetivas auriculares no armário ao lado, Vilma fez uma oração, breves palavras de agradecimento, e comeram.

O relógio marcava 14h 30 minutos. A estas horas normalmente Vilma estava na Universidade, Power e Sara ficavam em casa enquanto a mãe ia assistir ao segundo turno de trabalho na mediática empresa que agora já tinha as suas três filiais em distintos pontos da cidade. Sempre foi o sonho da mãe ter o seu próprio negócio, desde criança esteve inclinada em trocas e vendas, e os pais tinham o hábito de a levar quando fossem ao mercado municipal, viu mesmo novos mercados e lojas erguerem-se no seu tempo de adolescência, e ajudara os pais a despachar um televisor que já não precisavam ou não o queriam. Então, eis a menina Angélica, ou a linda *Angel* “no inglês mais fino” se preferir, mas já não era chamada assim desde o final do secundário.

Terminou os seus estudos secundários aos vinte anos e muito sinceramente ainda não tinha conhecido o seu príncipe encantado que a levaria a dar uma volta no seu vaidoso cavalo branco, e será que existem estes homens? E será mesmo isso que fazem? Estas ideias só cabem na cabeça de uma jovem muito sonhadora, não de pessoas normais. Claro, também teve os seus namoricos, platonicidades que se foram com o tempo. Passados os três anos dedicados inteiramente a números e operações no instituto médio de economia, a moça pensou em se mudar para a capital, a fim de cursar a Universidade. Por sua vez, as coisas lá não foram como previstas, simplesmente a vida da capital não era para aquela moça. Lembrou-se que sempre quis estar à vontade, a capital não lhe oferecia isso, era corrida o tempo todo, para ela, tinha de haver tempo de correr, tempo de andar e tempo de estar sentado. Mesmo assim, tentou no exame de acesso, tinha dado certo, já não havia muito ânimo em

ficar, ainda assim, ficou morando em casa da sua irmã mais velha Sélia que desde sempre morou na capital, os pais tinham decidido ir para o interior, mas ela já sendo grandinha, optou por ficar com a avó. Passados três meses, recebeu a notícia de que seu pai tinha falecido. Era a filha última, a dor foi imensa, decidiu mesmo voltar ao Lubango, largar os estudos, por enquanto, afinal, ainda era nova e tinha muito pela frente.

Estavam nas terras altas da Chela, ela, Angélica e Sélia em uma tarde de finais de Maio.

A viagem tinha sido bem à maneira daqueles tempos, morosa pelas condições do "asfalto" se é mesmo que merecia esse nome. Havia ainda os rumores que a guerra produzia no país a dentro. O óbito tinha sido de quatro dias. Por fim ela chegou e ficou com a mãe.

O tempo passou e quando deu por si, estava pensando constantemente no jovem refinado, mas bastante modesto que de quando em vez ou sempre que tinha tempo aos finais dos dias laborais, parava para tomar um *drink* ali no bar em que ela atendia e geria, era o pretexto que o tal jovem tinha para a poder ver, ouvi-la nem mesmo que fosse só a perguntar "o que desejaria". Gostava de a contemplar, movendo-se de lá para cá, querendo alegrar a todos, era uma tristeza quando ela simplesmente metia outra garçonete, Aurora no atendimento, ficando ela apenas nas contas, compras ou em outros assuntos, assim, não a podia ver. Tia Chica, que viu Angélica crescer no seio dos pais, talvez era a única que não estava contente pelo facto de a miúda estar atender no bar, mesmo se lhe tinham entregue para ser a responsável. — Eh, minha filha! Assim mesmo você que estudou bem, estás mais aqui só mesmo a atender?! Áka! Eneh, meu Deus! — Lamentava, mas ela, Angélica, sabia que era muito, muito provisório aquilo tudo, havia muitas opções para ela. Cursar a universidade mais tarde, atirar-se no mundo dos negócios, sair do país, porque não? Havia mesmo muitos a abandonar o país aproveitando o interregno para melhor fazer as transferências com um sonho europeu, ou outros tipos de sonhos estrangeiros.

DOIS

No instante, o telefone tocou... Ele não quis atender, não atendeu. A música tocou de novo e ele não atendeu. Passados alguns minutos o hip-hop voltou a soar, ele arrastou o dedo no visor e levou o telefone ao ouvido, do outro lado, uma voz séria.

– Aí mano, tudo na paz?

– Yeah man! E com você?

– Yeah na paz, olha brow, a Tina está de volta à banda. – As últimas palavras tinham caído abruptamente no peito de Power fazendo o coração acelerar.

– Tens a certeza?

– Yeah man, e está disposta a falar o que aconteceu naquela noite.

Power ficou em silêncio.

– Alô! Power?

– Ok brow...

– Então, estás disposto a ouvir o que ela tem a dizer? – Outra vez o silêncio toma conta de Power, mas de seguida, respondeu:

– Acho que já sabemos o que tinha acontecido.

– Não mano, você está enganado, nós estávamos enganados, não foi como nos contaram, faltou coisas.

– Seja como for, agora já não dá para fazer nada, então, deixe como está!

– Não! Não é assim que funciona, você precisa saber o que aconteceu na verdade.

– Não me interessa, ficou pra trás.

– Hun, hun, hun, olha pra você man!... te esforças para esquecer, eu sei, andas fingindo que está tudo bem, bom menino, casa-escola, escola-casa qualé?! Daqui a pouco vais à igreja?

– Se for preciso.

— Mano, não te esqueças que você está assim pelo que supostamente aconteceu, aliás, todos nós estamos assim pelo ocorrido, ainda és nosso li... — A palavra não saiu — Ainda és o nosso brow que nunca nos deixou na mão. Precisamos ir ao fundo disso, pelo menos saber o que aconteceu. — Power logo ficou reflexivo com estas palavras. No fundo ele sabia que o outro estava certo.

— Te mantereí informado, tu decides onde e quando nos reunimos para conversar com ela.

— Faló. — Desligou o telefone e continuou reflexivo. O nome "Tina" saltava em sua mente que nem pipocas a torrar.

O Sábado tinha passado a voar, tentou distrair-se o máximo que pôde. Fez limpeza, jogou play-station, lavou a roupa, deu uma leitura na matéria anterior e a por vir. Fez tudo isso ouvindo música.

A noite tinha sido ótima, apesar do nível um pouco elevado de ansiedade em seus pensamentos. O relógio marcava 07h 40 minutos quando já não havia sono nem motivos para continuar de olhos cerrados. Estava um dia lindo lá fora, dava para saber disso através da janela do seu quarto que não se atrevia a travar a luz brilhante que o astro-rei liberava desde o alto.

Tinha o hábito de acordar tarde aos domingos, mas hoje nem por isso. Ainda deitado e envolto em lençóis, a ideia de colocar um rap bem ao seu estilo nas colunas para começar o dia era quase já um ritual a cumprir. Assim fê-lo, era a voz de um norte-americano sobre um instrumental bastante mexido, uns até diriam "muito pesado". Enquanto ouvia, prosseguia em teclar no fone, um sms a todos do grupo como fazia há muito:

"RM 16h e 30"

Acabou de escrever, atirou o telefone na cama e foi dar um duche. Não demorou muito para que as reações se fizessem sentir. De volta ao quarto, antes de tocar em creme, pente, perfume ou ir até ao espelho, olhou de imediato no celular e premiu uma tecla, era uma sensação estranha, o coração acelerava um pouco. E por quê?

O visor denunciava quatro mensagens não lidas. Desbloqueou e de seguida abriu as mensagens.

"Faló meu mano..."

"Tá ligado"

“É isso aí Danny!”

“Estamos de volta”

Tinha as respostas, agora apenas sobrava se preparar.

– O que farei para o almoço? – Perguntou Sara ao entrar no quarto do jovem, quando este já acabara de vestir, tinha por hábito deixar a porta aberta algumas vezes, quando isso acontecia, os outros sabiam que podiam entrar no quarto sem problema nenhum.

– Faça aquela caldeirada que só você sabe fazer. – Sara era uma especialista em confeccionar pratos com molhos a mais.

– Yeah, estava mesmo a pensar nisso, meu maninho lindo! – Sara era aquela que tinha mais proximidade de Power, davam-se muito bem, riam, vocês sabem como é.

– Vais sair? – Perguntou ela.

– Sim, preciso comprar um SD novo.

– SD?!

– Sim, um cartão de memória.

– Ahn! Estou fazendo o pequeno-almoço.

– Yeah!

– Quando acabares de calçar os sapatos, já terei servido. – Disse, retirando-se às pressas. Power sorriu enquanto ia pegar os sapatos. No domingo pela manhã não tinha muito que fazer, Vilma e Sara tratavam de tudo, não era muito trabalho, já o faziam praticamente no sábado.

Substituir o SD sim, mas também era um pretexto para se pôr longe de casa pela manhã de domingo... isso já não acontecia há muito. Caminhava, tentando pôr em ordem os pensamentos, havia muita coisa que simplesmente lhe roubavam alguma quietude, mas sabia que era muito normal a tensão. Controlar-se... sabia fazer isso, então caminhava.

Trajava uma t-shirt azul, jeans e ténis all-star pretos, estava simples, esportivo, mas muito elegante, ele sabia vestir modestamente e deixar as atenções viradas para si, no caso dos mais atentos, principalmente "das atentas", também com o corpo de um ginasta do tipo, musculoso todo na medida certa, pele clara como

a do pai que nunca conhecera, pelo menos não que ele se lembrasse, dread-locks amarrados para trás, um metro e oitenta, olhos café e relógio *swatch* no pulso esquerdo, não tem como. Ali estava o nosso jovem. Tinha chegado ao destino. Agora parado de pé, mãos nos bolsos de frente do jeans, contemplava a paisagem à sua frente, era o Lubango lá em baixo, cidade alegre, movimentação do trânsito, pessoas em vários lugares em que ele podia notar. Vinha à este lugar sempre que se quisesse sentir a respirar de verdade, quando se quisesse sentir no controle da situação, ali em cima das minimansões, na estrada que desvia para baixo da principal lá mais em cima, que leva até ao Cristo-rei e todos lugares de lá de cima. Havia um espaço ainda por se construir após uma curva, numa elevação, já lá em cima, a estrada se tornava mais horizontal. Ele estava parado ali, de pé olhando o Lubango lá em baixo. Era o penúltimo domingo do mês de Outubro. A manhã estava mesmo um espetáculo, o Sol brilhante parecia iluminar até os esconderijos das cobras nas margens verdes do mucúfe. "Tudo bem Power... — Vamos a isso!" — Não gostava de monólogos, por isso, as três últimas palavras saíram em voz audível. Saltou do passeio e pôs-se a andar, descendo com a estrada entre árvores, tudo belo, de fato, aquele resto de montanha oferecia mais do que um lugar para viver.

O relógio marcava 10h e 25 quando Power chegou à casa, Sara já estava a preparar o que iria guisar para o almoço, Vilma e a mãe tinham ido à igreja.

— Oi! — Disse ele enquanto ia puxar uma cadeira para se sentar.

— Oi! — Respondeu a mocinha, mexendo a cabeça, acenando um "sim" ,não pela resposta, mas sim, por acompanhar a música que soava na casa a partir da sala, ela conectava o seu telefone ao aparelho de som da *sony* que ela dizia ser pequeno, mas que fazia um enorme barulho. Assim, podia ouvir os seus R&Bs, pops, blues e outros estilos de que gostava, sem estar com o telefone por perto, desta vez eram uns chamados *westlife* que cantavam *where we are*, ela amava as músicas destes jovens de não sei donde, pareciam americanos, mas ela sempre soube de onde eram, "Irlanda" dizia ela. Power já está a tomar o pequeno almoço que a irmã deixou para ele na mesa.

— Então mano, como estás? — Ele não a quis olhar nos olhos, já que a sua voz agora parecia mais séria.

— Estou bem, maninha. — Respondeu descontraído e olhando apenas no pão que tinha na mão.

— Hum! Mesmo?! Eu quis falar consigo antes, mas não tem sido oportuno, quero falar agora, se quiseres... eu estou de ouvidos!
— Power sabia que a irmã sabia quando algo não estava bem, quando havia algo a contar, não dá para fugir disso, apenas para adiar ele diria "não" e ela não insistia.

— Só tem sido meio difícil lidar com certas cenas que tenho sentido, a minha life ultimamente...

— Sim.

— Pois é, lidar com tudo tem resultado em solidão, tristeza enfim, parece que não acaba, não passa.

— Entendo maninho.

— É como se...

— Como se tivesse sido arrancada uma parte de ti. — terminou ela.

— Isso. Às vezes, me sinto perdido, não sei mostrar por fora, mas por dentro... — Houve um silêncio, a música também tinha acabado. Sem muita demora começou a soar uma guitarra, eram os irlandeses de novo, agora cantando *umbreakeble*.

— Apesar disso, tens tido ótimas notas na school! — Disse ela com alegria na voz enquanto cascava as batatas numa bacia pequena.

— Tenho tentado me esforçar.

— E tem dado certo. Olha, mano, eu te admiro bué, a forma como mudaste, problemas deixam sequelas néh?, mas tu consegues, conseguiste. Acho que é nesta vertente que deves direcionar o teu pensamento. O que passou, passou.

Com estas palavras de Sara, como ele podia dizer que a Tina estava de volta? Não. Não disse, como também não disse que se iria encontrar com os cambas da "Maika", a "gangue". Não. Achou por bem deixar as coisas como estavam, Sara tinha que continuar achar que o que passou, passou, até porque ele mesmo não sabia o que lhe aguardavam as surpresas, se iria apenas ouvir o que se passou naquela noite e ficar por aí ou...haveriam outras decisões. Ficaram curtindo a música, ele já acabara de comer e ela sempre cortando batatas.

— Estes gajos cantam mesmo bué! — Disse Power em tom de admiração.

– Achas como?! – Diz ela, sorrindo. – São um fenómeno.

– Yeah, temos que admitir, são únicos.

– Então, conseguiste o cartão? O...

– SD? Sim, há uma loja na Deolinda Rodrigues que abre aos domingos, das oito às doze. – Disse ele tirando o dito cujo de um dos bolsos e mostrando a ela.

– Quantos GBs?

– Oito, vou experimentar, queres ajuda? – Disse querendo sair já da cozinha.

– Hum! Não, pode deixar, eu tomo conta.

– Fixe.

Dirigiu-se para o seu quarto olhando para o relógio, ainda era cedo. Entrou no quarto e ficou parado de pé, olhando para o computador por cima da secretária e, decidiu estudar, as provas estavam às portas. Afinal, como é que a Tina voltava à banda sem que o ano letivo tenha terminado? Ou lá em Windhoek encerram-no mais cedo?, disse no seu íntimo.

TRÊS

1992

O jovem não era de muitas palavras faladas, sabia disso. Preferia escrever é por isso que trabalhava na conservatória. Não era de uma família rica, mas também não era pobre, ele preferia pensar que era da classe média, mesmo que o resto das pessoas achasse o contrário "que ele fosse mesmo de lá de cima". Pele clara, cabelos fartos, meio caracolados, dava até para ver o brilho deles. Há um quilómetro de distância através do gel aplicado. Optava sempre por deixar o casaco e respetiva gravata no seu carro, este que ficava estacionado há duas ruas depois do bar, diminuindo assim a atenção que o fato brilhante e devidamente engomado lhe proporcionava. Camisa com os dois botões de cima desabotoados sobre as calças, já estava mais sociável para o bar. O tipo parecia simples mesmo, só que os irmãos de lá do bar é que não entendiam tal coisa. Evitavam sentar ao lado dele, numa mesa. "Epah!, por que eu vou me sentar com esse pula rele?, ele que procure lá os seus sócios!, são todos metidos, esses gajos!," dizia tio Tchissingue, um natural do Huambo que viera parar nestas áreas em busca de refúgio à guerra. O dito "pula", um dia desses já ouviu mesmo alguém dizer algumas coisas semelhantes a estas quando saía do bar, mas não respondeu, nem olhou para trás, saiu e cuidou da sua vida.

A cidade tinha naturalmente vários lugares que ofereciam boa acomodação, ótimos pratos e drinks, mas ele preferia estar ali às tardes, por uma razão que já conhecemos. Ora, afinal, também era um cidadão livre e não devia satisfações a ninguém, muito menos temer alguma coisa. Talvez o reacender da guerra. Sim, isso dava! Dava não, tinha que temer, mas agora era um bom momento para pescar, os que estavam a fazer a guerra tinham ficado cansados e decidiram um cessar fogo para fazer eleições. Estava tudo na paz. Paz?!

Neste dia, Armando Jorge Figueira ao entrar tinha notado o bar mais movimentado, cheio. Dirigiu-se a uma mesa que ainda tinha duas cadeiras vagas.

— Boa tarde! — Saudou em alto e bom tom, pois a música estava mais alta que de costume. Os três senhores ali sentados não responderam, pareciam já estar com alguns graus a mais no cérebro. Olharam-no, de seguida, se entreolharam.

— Sim. — Disse um, num tom que parecia querer dizer o antónimo do que disse.

— Posso me sentar aqui? — Disse Armando apontando uma cadeira.

— Não, o Beto foi só aí mijar... vai voltar já íi, e onde vai sentar?

— Respondeu o mesmo senhor, irónico. Os outros só mexiam as cabeças concordando enquanto davam uns goles dos copos nas mãos.

— Mas tem duas cadeiras!

— Não, eu disse não... nós chegamos primeiro, todos aqui somos clientes, eu não sou burro... tavé compadre?! é isso aí... - disse as últimas palavras olhando para o outro do lado direito. — Vê!, eu sei que tem duas cadeiras aqui. — o tom de voz subia um pouco mais, fazendo alguns ali começarem a prestar atenção ao que acontecia.

— Eu estou a falar néh?, nós também somos clientes aqui... Óh! É quê você afinal?

— Desculpe! Não queria incomodar.

— Não... eu já vos conheço, vocês nem são os tais brancos puros, mas é que se estranham bué. Só porque é um pouco fulo, pensa já que é mais que os outros. — Armando só ficou parado a ouvir as verdades que saíam com a ajuda das cervejas. Todos já estavam sabendo o que se estava a passar ali, era o tio Mingo... o tal Beto tinha chegado com mais uma senhora, ou moça, não sei, parecia gostar de beber. Olharam para o pula, interrogando-o com os olhos, "tá a fazéh aqui quê?!".

Não era homem de sair correndo e ali só queria paz, mas os olhos já estavam fitos nele. Merda, que borrada! Agora já havia um motivo para o ignorarem ainda mais. As conversas ali no bairro seriam sobre ele e o tio Mingo... Manchete da semana, do mês, ou quiçá do ano?! "olha já sabes?! O tio Mingo discutiu com o pulamulabá... éh, parece que queria ocupar o lugar do cota Beto na lanchonete...ti-Mingo é mau... nem lhe permitiu!" Se desculpar não mais adiantaria, mas mesmo assim o fez. — Desculpem! — Era uma vergonha, todo mundo a olhar e ele nem sequer poder mostrar indignação ou pelo menos trancar a cara. Sorriu sem mostrar os dentes, e sentiu uma mão tocando o seu ombro esquerdo, virou, era ela, a garçonete. No momento o mundo parou, pelo menos para ele, Armando Figueira. "Nossa, ela é mesmo linda, parece um anjo". — Se é que já tivera visto um, esqueceu de repente o incidente ocorrido a poucos segundos.

— Vem para perto do balcão, eu vou buscar-lhe uma cadeira lá trás. — Foi a primeira vez que ele ouviu tantas palavras a soar naquela voz tão bonita. “Eu amo essa voz.”

— Sim, está bem. — Demorou um pouquinho, mas conseguiu responder.

— Está bem, então, eu volto já! — O mundo tinha voltado ao normal, mas já não era a mesma coisa, pois, o cenário tinha mudado, pelo menos para ele. Seguiu até ao balcão, a moça demorava um pouco, aproveitou dar uma olhada ao redor do bar e tentar recapitular o que aconteceu. Foi breve. Terminou com um sorriso escondido no canto dos lábios.

— Huh! Desculpe pela demora! Não estava no lugar que sempre estive, tive que procurar. — Disse ela ajeitando o banco para junto do balcão.

— Fique à vontade!

— Obrigado!

— E desculpe por ter que passar por aquilo... já, já o sirvo.

— Tudo bem, só quero tomar o meu copo em paz e aproveitar a tarde.

Ela sorriu e foi buscar umas garrafas vazias.

— Ah, e desculpe também por lhe tocar o ombro daquela maneira, foi estranho, não quis abusar. — Disse ela ao voltar.

— Foi maravilhoso, salvaste-me a vida. — Ela não conseguiu esconder a alegria no rosto e o sentimento de alívio.

Se calhar bastaria chamar “senhor” ou simplesmente impor-se na conversa dos dois, foi logo tocar o ombro? A verdade é que foi algo arbitrário, impulsivo, não pensou. A moça depositou as garrafas na grade que estava por trás do balcão, ao levantar, deu encontro com os olhos do jovem ainda a fitando.

— Então, vai querer o mesmo de sempre?

— Sim, por favor!

“Então, ela sabe qual é o meu favorito!” Gostou disso.

O movimento no bar parecia um formigueiro, gente entrando e saindo, não parava.

Atualmente

Finalmente o relógio marca quinze e trinta, ele já estava preparado, avisou que iria dar uma volta, a mãe estava a descansar, Vilma e Sara estavam entretidas com o talk show da televisão, as duas responderam em coro "ok", não é a palavra que se usa quando não se tem mais outra para dizer?, ou quando não se presta muita atenção numa conversa?

Era uma área um pouco afastada de casa fazendo-o andar um bom bocado até chegar, porém, sabia que estava adiantado à hora marcada. Era uma sensação estranha, a que sentia, mas parecia haver algo de novo, algo bom lá no fundo, palpíte? Carma?, sei lá. As árvores eram as mesmas, a frescura das sombras, o capim que agora queria crescer e parecer mais verde, tudo intacto, foi o que ele percebeu ao chegar na Maika. Olhava as paredes velhas daquela estrutura castigada pelo tempo, através da força dos agentes erosivos, mas que mesmo assim insistia em permanecer de pé.

A Maika era uma abandonada infraestrutura de tempos idos. Rodeada por muros que davam às ruas de estrada asfaltada em duas extremidades, a frente para quem estivesse de cara para os seus portões, e do lado esquerdo para quem estivesse na mesma posição.

[O objetivo aqui não é descrever geograficamente onde e como estava posicionada a "tal" estrutura nem quero causar mais confusão ainda sobre a localização da mesma. O que o caro leitor tem de saber é que se trata aqui de um lugar algures nesta cidade, mas é bem verdade que este não distava muito do centro da cidade. O Lubango tem muitos lugares assim, os vazios que brotavam capim entre prédios, em frente de lojas, as fábricas que fecharam já no tempo dos faraós, enfim. Portanto, estamos falando de algo real, que uso aqui com o privilégio que um escritor tem, o de criar ficção]

Estava a observar as enormes janelas sem vidros nenhum, as de cima ainda tinham consigo as molduras que outrora sustentavam os vidros

quadriculados. Entrou por uma janela, a porta do edifício não era usada nunca, pois, estava cercada com paus de espinhos, chapas, ferros e outros tipos de coisas deste género, que alguém pusera ali para impedir que os amados munícipes fizessem daquilo um aterro sanitário, ou os meninos de rua ou ainda os doentes mentais, vulgarmente tratados por “malucos”, a tomassem por casa. O fato é que era inútil tentar deter os malucos ou os outros tipos aqui citados, se eles quisessem mesmo estar ali, haveriam de estar, mas por incrível que pareça, eles não gostavam lá muito daquele lugar, os meninos de rua dormiam mesmo nas ruas, o mesmo acontecia com os mendigos sem teto, no caso dos doentes mentais, não sei, talvez tivessem também outras preferências, vai entender! Por dentro, o reboco das paredes denunciava a antiguidade das mesmas, Power estava num dos muitos compartimentos da enorme casa, quando acabara de saltar para dentro, andou um pouco até à porta, esta dava para um corredor comprido com muitas portas posicionadas nos dois lados alternadamente de maneira que não dava para sair de uma das divisões, atravessar o corredor e entrar diretamente para a outra em frente. Andou um pouco pelo corredor quase até ao meio, ali havia um outro corredor maior em largura, também com quatro portas e duas escadas em cada parede lateral que levavam para o andar de cima, foi até ao fim e saiu de lá, no claro, havia um pátio bem no meio da estrutura. Ela não era toda construída no estilo de um duplex, ali onde entrara sim, eram dois pisos, mas ao redor do pátio era uma coluna de compartimentos todos ligados, porém, cada um com a sua respetiva porta. Se ele vinha do corredor, tinha de dar com a direita, subindo uns poucos degraus em direção a uma das divisões em que ele queria estar. Nem todos compartimentos tinham teto, ao que ele se dirigia, estava dividido, uma parte tinha uns sobrados de telha, o que dava uma boa sombra, mas também tinha uma abertura ligeira que possibilitava ver as árvores lá fora. Havia nesta divisão uma mesa de ferro, quatro cadeiras plásticas velhas de cor azul e uma de madeira. Havia também uma espécie de prateleira de ferro com cerca de um metro de altura. O chão de cimento liso era mais limpo que em todo resto da estrutura, as paredes eram pintadas de branco, com algumas inscrições a preto e azul por caneta da china.

Puxou dos bolsos um guardanapo, limpou na mesa onde iria colocar os braços e também a cadeira. Sentou-se de maneira que todo aquele que entrasse por aquela porta pudesse vê-lo antes de qualquer outra coisa. Não demorou muito para que notasse a aproximação de alguém. Dois jovens entraram gritando: “filho da mãe, Danny!” o encontrado apenas sorriu e levantou-se para os cumprimentar.

— Como vai você, niga?! — Disse um de voz rouca.

– Eu estou bem, e vocês?

– Pochas! Faz tempo póh! Tu me provou que também posso sentir saudade de homem. – Disse o outro mais alto, que parecia jogador de basquete, vestia-se como se estivesse a ir jogar basquetebol.

– Estamos bem brow, póh, mas tu sabe que a vida sem aquilo que a malta fazia antes não mora!

Power sentou-se e eles puxaram as cadeiras para se sentarem.

– Estão sabendo do que se está a passar? Pois é manos, temos de aguardar, os outros vêm aí. – Não queria que os outros entrassem em conversas que ele sabia não serem boas no momento, especulações, preferia o silêncio mesmo.

Ficaram cada um conectado ao seu telefone através de auriculares, mexendo a cabeça, às vezes, olhando um para o outro.

Mais um tempinho, chegou um rapaz magro com muito cabelo e mais três raparigas com ele. Power não acreditava no que via, já sabia que ela estava aqui mas, vê-la... todos ficaram calados, ele levantou-se e foi até elas. Saudou com beijos no rosto as duas primeiras e a última olhou fixamente nos seus olhos e, abraçou-a... a moça correspondeu com a mesma vontade, todos arregalaram o que acontecia. Soltaram-se e fitaram-se...

– Power!

– Tina!

Era como nos filmes, um encontro daqueles, reencontro no caso. E tudo que um conseguia dizer era o nome do outro.

QUATRO

— Bem... Obrigado por estarem todos aqui! Sei que... talvez tenha sido... meio... difícil decidirem aparecer, mas estão aqui e... já. Valeu por isso. — Power parecia estar a falar para si mesmo. Também quem sabe se além dele os outros também têm tido maus sonhos algumas vezes, algum sentimento de culpa, ou em alguns dias vontade de sumir? Ou se alguém tem tido medo, raiva dele e se se quisesse vingar? Não sabia, mas tinha de presumir, afinal os humanos são os seres que mais estão suscetíveis a mutações. Quem podia garantir que eles continuavam mesmo como amigos? Havia muitas questões. O inegável mesmo é que para ele particularmente, não foi nada fácil decidir reaparecer, encontrar-se com a Tina. Mal terminou de falar, Leu “o voz séria” que tinha chegado com as moças pôs-se a falar:

— Danny, cada um de nós está aqui porque sentiu que é o certo a fazer, por mais que não admita isso. — Leu “o frontal”. Power apenas meneou a cabeça concordando.

— Tina, sem mais delongas podes falar?! — Perguntou Power.

— Sim. — Respondeu a moça, com a voz um pouco embargada como se tivesse alguma coisa encravada na garganta. Estavam todos sentados em volta da mesa, uns sem cadeira puxaram a arrumação de ferro, que parecia ser usada antes como prateleira, arrastaram-na para frente de maneira a afastá-la da parede, deitaram-na e usavam-na como assento. Quem eram eles? Tina, sentada a direita de Power, a seguir estava Sónia e depois desta assentavam Rico o que parecia jogador de basquete e Joel o de voz rouca. Leu e Carla estavam sentados na arrumação de ferro, era alta o suficiente para estarem como se estivessem assentados em cadeiras.

— A festa não estava uma grande coisa. — Tina continuou. — Só o habitual, caras tentando acenar para nós, tentando se aproximar e tal, eram vinte e três e poucos minutos quando as coisas começaram a esquentar. Ela estava muito feliz e ansiosa, era o que ela queria, queria muito aquilo, “preciso”, dizia. Tão entusiasmada que tivemos que chegar mais cedo na festa. Entornamos alguns *shots*, mas estávamos bem, um pouco alcoolizadas, mas de leve. Como vocês não chegavam, decidimos ir acender uns cigarros.

— Havia muita gente lá a estas horas? — Perguntou o Rico.

— Sim. Fomos pra fora, queríamos achar um lugar pra fumar, ela nunca tinha fumado, nem mesmo eu, só o fizera uma vez. Era apenas ilusão. — Falou com desprezo. — Só para nos sentirmos bem lá em cima. Livres. E antes de ir achar o lugar, já eu tinha trocado mais um sms com a Carla, eu tinha dito... “Já estamos impacientes”, e ela respondeu, “estamos a chegar, mais vinte minutos”. Saímos do salão e fomos um pouco mais para a direita da estação, dali dava para ver perfeitamente as pessoas chegarem e estas também a nós, se acendêssemos um cigarro, saberiam que estávamos ali, não queríamos que algum rapaz aparecesse, enfim, não ficaria bem se soubessem que éramos meninas, só estávamos querendo ficar à vontade, sem ter que nos preocupar com nada percebem? — Hum-hum. — Ouviu-se este som emitido por uns em concordância, todos estavam extremamente atentos às palavras da jovem esbelta que voltara de Windhoek. — Só nos queríamos divertir... — Continuou. — E aquela sensação de que estávamos a fazer algo não habitual, até inaceitável pelas nossas famílias, semibêbadas e a querer puxar um fumo pros pulmões. Era uma loucura. Fomos lá um pouco mais para trás onde havia muitos tambores, uns com água outros vazios, estava escuro mas pudemos notar isso ao passar, tocamos em alguns deles. Havia um canto a nossa direita onde tinha muitas peças empilhadas, ferros velhos. Ficamos ali, acendemos o nosso charro e ficamos curtindo. Ainda nos rimos quando partilhamos a imaginação das caras de nossos pais se nos vissem a fazer aquilo. Rimos... estávamos bem. Tinha recebido o teu último sms quando lá estávamos Carla. Já no fim do nosso charro. Tinhas dito que estavam a chegar “quinze minutos”. Vimos juntas a mensagem. — Disse estas últimas palavras já a soluçar, lágrimas corriam no seu rosto. Os ouvintes comovidos, sabiam que chegava o ápice da história, apertavam os cintos, Sónia segurou a mão da companheira. — Levantamos-nos, prontas para ir até ao portão a fim de vos esperar, e foi então que ao cruzar a parede que nos ocultava apareceram dois moços de capuches que logo se atiraram em nós, eu recuei na hora, mas um deles pegou a Jeruza, estava escuro, luz só se via lá em frente na porta do salão. Tudo que consegui foi gritar “o que vocês querem? larguem ela, deixem-nos em paz”, o outro homem vinha atrás de mim querendo pegar-me, eu esquivava-o entre os tambores. Passou-me pela mente ser alguma pegadinha, brincadeira de mau gosto que logo acabaria, nem vi quando tropecei numa pedra ou bloco que ali estava e caí, ele jogou-se em cima de mim, fiquei ainda mais assustada quando ouvi a Jeruza tentar gritar “me solta”, eu tentava gritar mais alto, mas o moço segurou-me com muita força ali no chão em cima de mim, tentando tapar-me a boca. Era um inferno, eu queria ajudá-la, mas a minha força para o tirar de cima era inútil. Ele cheirava a liamba e bebida alcoólica, o outro também estava assim, pensei. Ele

cheirava tão mal parecia nem sequer banhava. O outro que pegou ela só dizia “cala... shiii... cala a boca, porras! Eu não os podia notar, estava deitada e sem me poder mexer muito, mas ele tinha-a empurrado para o canto em que estávamos, eu não via o que ele estava a fazer com ela, mas então, comecei a... a sentir a mão dele a tocar os meus seios querendo percorrer todo meu corpo. Eles vieram abusar de nós. — Fez uma pausa, e continuou. — Ninguém nos ouvia, talvez pela música alta. Então comecei a ouvi-la dizer “não, não...” a voz dela parecia de choro, e eu me mexia um pouco mais para me soltar, mas impossível, ele prendera-me os pés e eu não podia fazer mais além de mexer o tronco minimamente. Ele estava a... estava a meter aquela boca suja em mim enquanto prendia os meus braços com os seus contra o chão, eu mexia a cabeça de um lado para o outro para me esquivar, assim ele teve de descer pro pescoço e peito, sobre a blusa claro.

— Desgraçados! — Disse Carla em tom desprezível. Tina continuou:

— Foi então quando ouvi um barulho muito alto, agudo de mais para ser um toque num dos tambores ou nos ferros velhos que estavam naquele canto. A minha intuição naquele momento me dizia que era um tiro, mas eu não queria crer, não podia ser... logo, o jovem saiu de cima de mim gritando “porra meu!, por que você fez isso?” eu levantei-me o mais rápido que pude e eles ainda estavam ali, os da festa não se aproximavam. Eles não perderam tempo, correram e pularam o muro que dava para o outro quintal, eu corri até ela gritando o seu nome. Ele tinha disparado sobre ela. Segurei ela, levantando a sua cabeça e um pouco de suas costas até pousar sobre os meus joelhos, eu não a podia tirar do chão. Ela ainda conseguia dizer alguma coisa, eu perguntava “onde?, onde?” procurando com a mão tentando achar o ferimento. Sei que era inútil, eu não podia fazer nada mesmo, o sangue borrava a camisa, era muito sangue, mas eu abracei-a, abracei com tudo que podia e chorei como nunca tinha chorado antes. Alguns dos que estavam dentro do salão tinham saído, mas não ousavam chegar perto, pelo medo de haver outro disparo, e não nos podiam ver através da parede. A policia não demorou a aparecer.

— Quando a policia estava a entrar, nós também estávamos a chegar, isto as vinte e três e trinta e três minutos. — Disse Rico com tristeza no semblante.

— Foi sinistro, muitos tentando pular o muro, outros a tentar esquivar-se dos polís, todos se espalhando que nem uma bomba detonada. — Disse o Joel.

– Gritos por todos os lados. – Acrescentou o Leu. – O cenário estava um caos, não estávamos a entender o que se estava a passar na real, mas cheirava a queimado.

Leu “o frontal”.

– Tina, continue!, por favor! – Pediu Power.

– Eu fiquei lá, não a abandonei, fui pedir socorro aos que estavam ali quase à porta, mas quando souberam que alguém tinha sido boleado não quiseram mais ouvir, uns correram para dentro creio que a avisar os outros, porque depois todos correram de medo, eu estava em desespero e foi ali que a polícia chegou, e numa atitude em que já não sabia mais o que estava a fazer, corri até ao carro deles clamando ajuda, “socorro!, a minha amiga foi baleada”. E todo resto vocês sabem. Chegaram mais e mais policia, iluminaram todo aquela escuridão, nossos pais com toda aquele gente dos arredores. Os policia já a haviam encontrado sem vida. – Fez uma pausa, e de seguida só conseguia abrir a boca para chorar, Sónia e Carla não fizeram outra coisa. Eram lágrimas quentes. Uma verdadeira tristeza nos rostos.

CINCO

1993

Três meses após aqueles acontecimentos, Armando Figueira tinha começado a namorar aquela linda moça, finalmente. Cavalheiro, muito cavalheiro, soube esperar e confiar no que sentiam um pelo outro. Também não tinha escolha mesmo... estava amarrado àquele sentimento, "amor". A verdade mesmo é que não era só ele que estava apaixonado. Ela também, por ele. Vale aqui dizer que em algumas etapas dessa eterna espera do "sim", ele ficava meio ansioso e temeroso. Sim temeroso, pois, já havia reacendido a guerra e com ela aquela confusão na rotina do pessoal no bar, na ruas, praças enfim, ele mesmo também já não era um cliente assíduo para os *drinks* no final das tardes. Viam-se de quando em vez, mas valia apenas cada encontro, para uma alegria nos olhares e toques. O mundo até podia mesmo entrar em guerra ao seu redor, eles porém, estavam em paz. Era amor de verdade, não admira que não levou muito tempo para que surgisse a primeira barriga no ano seguinte. Era uma menina, linda, clara como o pai. Dormia muito nos seus primeiros meses de vida. Deram-lhe o nome de Vivi. Mais tarde surge Danny, em 1996, e Sara em 1999, ano em que um grave acidente rodoviário tirou a vida de Armando Figueira, o amado da amável Angélica. Jovem ainda, com três filhos para cuidar, não se quis envolver com outro homem por algum tempo, pretendentes é que não faltavam, ela, porém, só queria cuidar das crianças e trabalhar, trabalhar muito, não encontrava substituto para o coração. Tinha algumas condições que junto de Armando criara para a família, deu para ajeitar, na altura. O resto do tempo foi metendo tudo no seu devido lugar até aos dias de hoje.

SEIS

Não era só a morte de Jeruza que estava em pranto naquela sala, mas também as muitas mudanças radicais a que cada um foi forçado a arcar, as perdas, as tentativas sem sucesso em fazer coisas novas, as noites mal dormidas, enfim. Era muita coisa em jogo, cada um podia pensar no que lhe sucedeu após a morte de Jeruza naquela maldita noite, e reviver sem querer as dores. Nunca mais seriam os mesmos.

Jeruza foi uma colega da Tina, se tinham conhecido na escola mesmo, não demorou para que começassem a andar juntas nos intervalos, tinham um grupo de raparigas, mas eram as atitudes da Tina que lhe chamavam atenção, despertava curiosidade, a forma como ela falava... parecia não ter muitos problemas, bem, tinha problemas, mas a maneira como os encarava era o fator decisivo, a miúda assumia uma posição. Às vezes, para ela, ignorar acabava sendo um bom remédio, é isso aí, nada de ouvir muito, nada de se importar muito, quem ouve de mais, se importa de mais com certos assuntos, acaba ficando louco, e ninguém estará ao lado dele para o acolher, porra, as pessoas falam muito, eu estou a cagar-me pra maioria do que esta gente diz. Havia uma certa dose de rebeldia na moça, mas não era uma "fora dos limites", até sabia ceder, mas vivia assim, vivia o que pensava, era mais feliz assim. Jeruza passou a interessar-se por aquele modo de vida, de pensamento, é claro que ela também queria se sentir assim, mais viva, sentir-se ela mesma já que problemas lá em casa não cessavam, seus pais tinham transformado o doce lar de outrora em uma arena de gladiadores, eram brigas constantes, palavras. Seus irmãos mais velhos já tinham tentado inúmeras vezes a reconciliação e trazer de volta a harmonia no bendito lar, mas assim-assim, o casal dava uma pausa e recomeçava tudo depois, já se tinham separado e voltado. É bem verdade que estas brigas traziam consigo outros muitos fatores destruidores de lares, tristeza, medo, desconfiança, álcool, adultério, sim, este último foi mesmo o que fez os filhos se cansarem de vez com as conversas de reconciliação. O pai não mudava, assumia ter outras mulheres à disposição, já haviam filhos fora do casamento. Jeruza era filha última depois de muitos irmãos, menina de dezessete anos, só queria estudar bem, ter o bom futuro, todo aquele sonho de menina. Farta de derramar lágrima pelos outros, estando estes ainda vivos. Estava farta. Conheceu Power e todos os amigos da Tina, supostamente aqueles a instigavam a pensar como pensava. Jeruza entraria para o grupo naquela noite caso tivesse a aprovação de todos. Era mesmo um batismo para ela, assim passaria a andar com eles desde então.

— Eu não sei vocês, mas eu vou fazer algo. — Disse a Carla com voz séria e ainda com lágrimas a rolar no rosto.

— Como assim? — Perguntou o Joel.

— Sim, eu vou dificultar a vida deles, não... não vão ficar bem nos próximos tempos, até irem parar, sei lá, na prisão.

— É, pelo menos isso. Eu concordo. — Foi a vez do Rico falar. — Apesar de tudo que ouço por aí, que nada acontece por acaso, que se calhar era mesmo o dia dele, dela... hum...

— E os gajos ainda andam por aí, não sabemos ao certo quem foi, mas obviamente ainda andam fazendo o que mais gostam, roubar e ferir tantos quantos puderem. — Disse Leu, o "frontal".

— O grupo deles. — Disse Power e todos olharam para ele como que pedindo que continuasse a falar. — Ainda ouvi semanas atrás a sua última façanha. O grupo continua operando em assaltos não muito frequentes, mas, que lhes dá muito mais que antes, pois, quando o fazem é pra valer, resumindo, eles têm planeado bem, antes de atacar os seus alvos.

— Sacanas!... mas como ter a certeza que são eles? Quer dizer, já se passaram quase dois anos... — Disse a Sónia enxugando as lágrimas dos olhos com um lenço azul que levava na bolsa.

— Bem, todo mundo ficou sabendo da festa devido aos anúncios, eles não são daquele bairro, isso ficou claro com os relatos da policia, eles apenas apareceram, vindo de outra área. Mais tarde houve uma pequena má-fama de que poderiam ter sido os Nocaute mas depois, foi provado que não poderiam ter sido eles. Então hoje as evidências mostram que só podem ter sido "eles", os espertinhos que nem sequer se identificam como gang, estão nas sombras, mas, não é muito difícil achá-los. — Disse o Joel pausadamente.

— Então?! — Disse a Carla.

— Power, tu já notou que estamos todos juntos nisso. É só fazermos aquilo que bem sabemos. — Concluiu o Leu.

Power parecia muito pensativo, "e será que ainda sabemos fazer?" Os outros não desdenharam quando a Sónia estendeu a mão por cima da mesa, sabiam o que aquele gesto queria dizer. Carla foi a primeira a colocar a mão por cima da mão da companheira, e depois Rico, Joel e Tina. — Precisamos de você Danny, vens connosco? — Perguntou o Leu

enquanto os outros acenavam “sim” com as cabeças e os olhos fitando-o. Ele encarou-os também.

De seguida pôs a mão direita por cima das mãos dos companheiros. Estava feito, selado. E no três explodiram lá em cima até onde os braços podiam chegar.

O relógio marcava dezassete e trinta minutos, Power sentia-se obrigado a dizer algumas palavras antes que saíssem.

— Bem, primeiro quero agradecer mais uma vez à Tina, pela coragem demonstrada ao vir até aqui trazer-nos o relato verdadeiro do que se passou, obrigado! E... a gente já fez muita coisa antes, mas o que está por vir é algo grande, vocês têm ideia do que eu estou tentando dizer. Então, vamos preparar-nos para isso. Estamos juntos nisso. — Não quis falar muito, pois, sabia lá seu íntimo que também precisava agora ir para a casa trancar-se no seu quarto para poder processar tudo aquilo, era muita coisa, precisava pensar.

Saíram pela primeira janela que dava para a frente da enorme Maika que ao que tudo indicava, era deles de novo. Quem diria! Estavam ávidos para começar ou recomeçar com o que agora chamavam de “acerto de contas”.

SETE

Três semanas depois

- Tens certeza?
- Sim tenho, mas tem de ser agora.
- Sara ele pode não gostar disso!
- Não vamos saber se não fizermos. Nós somos as irmãs dele, as únicas, se não fizermos quem vai fazer?

Lá estavam elas, Vilma e Sara, falando em cochicho a medida que se aproximavam do quarto de Power que ao que tudo indicava ainda estava dormindo. Iam sem arrastar os pés Sara pegou na maçaneta e destrancou a porta Vilma vinha logo atrás. Sim, de facto o jovem ainda estava dormindo inocentemente, aproximaram-se da cama, Vilma levantou o dedo indicador esquerdo com cara de quem se havia lembrado de algo e foi até a secretária onde tinha o computador e mais uns altifalantes pequenos, estes estavam conectados à energia porém desligados, ligou-os e trouxe para o seu telefone o cabo que os fazia emitir os acústicos, escolheu uma música alegre, parecia um pop, ao que Sara concordou meneando a cabeça e disse baixinho: “aumenta”, ela foi aumentando até ver um fixe da parceira. Parecia que o homem começava a receber algum estímulo afinal, estava a mexer-se e já abria os olhos quando as duas invasoras saltaram para cima da cama gritando “feliz aniversário”. Eram um coral aquelas vozes senão ele não estaria lúcido na hora. Apenas abriu um sorriso e disse:

- Vocês!
- Dormiu bem?! – Pergunta a Vilma.
- Muito bem, e vocês?
- Nós estamos ótimas, a noite não podia ter sido melhor. – Sara apressou-se em responder. – Hoje é um dia especial, vamos dar uma festa!
- Sem festas Sara! – Disse Power.
- Ah, qualé?!

— Éh, qualé?! — Disse a Vilma concordando com a Sara. — Podemos fazer algo fixe, não precisa ser grande até porque não foi nada planeado, néh?, mas podemos estar entre nós e mais alguns amigos que sabemos que não vão mayar na cena.

— É isso mesmo, até porque já acionei alguns amigos... Vai bombar... — Continuou a Sara.

— Está bem, vocês estão muito animadas, eu não tenho nada contra festas de aniversário desde que não sejam minhas néh? — Disse Power sorrindo enquanto tirava o cobertor de cima.

— O quê, você já vai sair daí? Não, ainda não! Queremos conversar contigo. — Disse a Vilma metendo a sua mão no peito do que não queria festa empurrando-o contra o colchão.

— O quê?

— Sim, Power. — Disse a Sara. — Queremos falar com você. — Desceu da cama e puxou a cadeira da secretária para se sentar.

— Está bem. — Disse Power ajeitando a cabeça na almofada.

— Bem, nós temos notado que até agora, desde que ocorreu o... — Era preciso fazer paragens na explanação, "paragens obrigatórias", e direcionar bem o discurso. Vilma sabia que Sara teria mais facilidade de começar esta conversa, mas mesmo assim, partiu na frente, talvez porque sabia que talvez esta fosse uma boa altura para reativar as boas conversações e risadas que tinha com o irmão. Tinha se passado muito tempo e ele agora era frio e distante, mais distante que no tempo da Gang. — Desde que ocorreu o... Bem, desde as ocorrências... — falou rapidamente como uma metralhadora atirando balas. — E todos nós sabemos do que se trata poxas! — Sorriu displicentemente. — Não foi fácil lidar com tudo aquilo no princípio, sim, mas tu soubeste lidar da sua maneira até agora, olha, quero que saiba que eu o considero fenomenal Danny, sim eu sei que nunca tivemos esta conversa antes, não deste jeito, mas é isso que o quero dizer antes de tudo. Dizer que eu me orgulho de você.

Nossa, que conversa é essa? Está mais para uma declaração de amor. Power olhava para a janela e depois olhou fixamente a irmã na sua cama, bem na sua frente e a outra sentada ao lado.

— Hoh, venham cá minhas maninhas! — Elas jogaram-se nele abraçando-o. — Eu vos amo, sabiam?

– Nós também te amamos. – Disseram quase em uníssono.

Soltaram-se e o semblante de Power agora começava a pesar. Vilma concentrava-o.

– Mas tenho de vos contar algo. – Disse ele.

– Sim. – Responderam elas.

– Pode dizer monamour. – Disse a Sara.

Power fez uma breve pausa, respirou fundo e de seguida disse:

– A Tina está aqui.

As duas irmãs entreolharam-se e depois fitaram-no, admiradas, surpresas.

– Sério?! – Inquiriu a Sara.

– Sim e... encontramos-nos há duas semanas, com todos. Ela contou o que tinha acontecido naquela noite. não foi como a maioria estava a alegar. Foram dois malucos que as atacaram e elas não estavam completamente embriagadas. Só se tinham afastado um pouco da festa e foi lá que tudo aconteceu.

– Que coisa! – Exclamou a Sara enrugando a testa.

– E como ela está? – Perguntou a Vilma.

– Está bem. – De seguida fez um flashback no qual viu o rosto meio contraído de Tina, devia ser caso sério, pois pelo que conhecia da amiga, ela não precisava trancar a cara para mostrar que estava chateada. Agora era diferente. Também o fator “tempo” devia ser levado em conta ao se tentar perceber esta atitude da moça hoje, pois, ninguém mesmo sabia o que lhe sucedera depois, mas era de se imaginar pela maneira como os seus pais reagiram à situação, foram veemente radicais. Tina ficou trancada em casa por uma semana e depois enviada para a República da Namíbia sem cerimónia alguma de despedida para as pessoas que amava, como uma mercadoria clandestina foi parar em Windhoek, poucos ou quase ninguém sabia desta transação. Nem mesmo os amigos, apercebendo-se mais tarde.

– Mas deixa lá, não muda nada. Está tudo bem. – Disse a Vilma.

– Ela conseguiu ver-se livre das obrigações dos pais? – Inquiriu a Sara.

— É, parece que sim, não sei como. — Disse Power. — Windhoek pode não ter sido muito bom para ela. Ficaram em silêncio ouvindo o som que soava dos pequenos altifalantes.

— Festa! — Gritou Sara saltando da cadeira quebrando o silêncio entre os três.

— Éh, festa! — Gritou a Vilma concordando com a irmã mais nova ao mesmo tempo que saltava da cama para dançar “à toa” ao lado da secretária, Sara acompanhava-a, levantando os braços, mexendo a cabeça, saltando, Power ainda envolto no cobertor apenas as observava sorrindo.

Naquela tarde em casa havia mais gente que de costume, claro, já não se via tantas pessoas em casa desde as festas de aniversário quando ainda eram crianças. Passaram a rejeitá-las desde o principiar da adolescência.

Muita cara bonita na casa. Uns convidados por Vilma outros por Sara, convidados trouxeram convidados, assim estava a festa. É claro que entre estes dois grupos também se encontravam Joel, Sónia, Carla, Rico, Leu e Tina, esta última estava sentada numa das quatro cadeiras pretas que a mãe de Power comprara numa nova loja de imobiliários, muito requintados aqueles assentos, dignos de uma varanda como aquela da casa. Os outros citados estavam mesmo lá em frente da varanda, usufruindo bem do largo espaço que havia no quintal. Era conversa daqui, conversa dali, risadas, piadas contadas entre grupinhos de três ou de quatro, uns trouxeram mesmo os seus laptops *Macbooks*, tinha de ser, para exhibir. Power trajava modestamente, *tshirt*, jeans e ténis, porém, elegante. O miúdo parecia que tudo lhe ficava bem, as moças que se esforçavam em fingir não notar, são a prova irrefutável desta afirmação. É verdade, não posso deixar de fazer menção de como Sónia, Carla e Tina eram bonitas, lindas mesmo, uns até diziam serem filhinhas da mãe e do papai, mas, isso não era bem assim.

Sónia tinha conhecido a Carla no colégio, frequentavam o ensino médio juntas, apenas em turmas diferentes. Carla é prima de Power e um dia desses apresentou Sónia a ele e aos seus amigos de então, Rico e Joel. Todos esses conheceram Leu e Tina mais tarde num concerto de Hip-hop de alguns artistas locais.

— Então, se divertindo? — Perguntou Power ao passar pela porta da varanda.

– Sim, a festa está boa! – Respondeu Tina esforçando um sorriso.

– Mesmo assim estás aqui, só!

– Só não!, estou com o meu copo! – Disse levantando o copo de sumo, sorriram por um instante e depois um ar sério foi tomando os dois.

– Estou feliz por estares aqui Tina, acho que todos estamos. – Disse as últimas palavras olhando para atrás, pois, estava encostado aos gradeamentos de costas estando frente a frente com ela.

– Também estou feliz por estar aqui, de novo. Sabe, eu já tinha pensado em fazer amigos novos lá em Windhoek, recomeçar mesmo. Mas sei lá, não deu certo, eu aproximava-me de uns, umas, mas era tudo supérfluo. Porque quando dava por mim querendo conversar... Não tinha ninguém. Eu estava só.

– Entendo. – Disse Power.

– Enfim, agora estou aqui e... só quero seguir com a minha vida. Power olhando para ela fazia um “sim” com a cabeça e de seguida levantou o copo que tinha na mão em direção a ela, ela correspondeu com o seu copo fazendo-os cantar, e beberam.

Era sábado, a festa decorria no melhor ambiente, agora tinha chegado a hora de cantar “parabéns”, assim foi, seguido pelo apagar das velas. Vilma com o microfone na mão exigiu a atenção de todos e conseguiu.

– Hum! Eu quero em primeiro lugar agradecer a Deus por tudo que tem feito nas nossas vidas, obrigado Deus! Hoje o meu irmão está completando mais um ano de vida, estás de parabéns Danny! Muitas felicidades, te amo, e que esta data se repita por muitos anos! É nós!... – Todos disseram um “Éh!” e bateram palmas, Power corou as bochechas era a primeira vez que ouviu um “te amo” vindo da Vilma, parecia mesmo que tudo estava mudado agora. E prosseguia a festa com danças, comidas e bebidas.

O relógio agora marcava 22h e 15, tinha sido uma tarde e pré-noite bem passadas. Alguns já se despediam ficando o quintal cada vez mais vazio. Vilma estava no portão conversando com alguns colegas que convidara, parecia já estavam indo embora também. Sara ainda dançava o *House music* do momento com alguns amigos, formando uma roda na qual entrava um de cada vez, os convidados especiais de Power estavam sentados em volta de uma mesa num canto do quintal. Power por sua vez, estava na casa, e o telefone tocou...

– Alô Mãe! Boa noite!

– *Parabéns a você, nesta data querida...* – Do outro lado a mãe cantou a musiquinha toda.

– A mãe sabe que eu não gosto disso. – Disse sorrindo.

– Estás de parabéns filho!

– Obrigado, pensei que a mãe se tinha esquecido.

– Ham? O quê? Não..., está tudo bem ali em casa?

– Sim, está tudo bem. – Houve um silêncio do outro lado. – Ah, sim mãe! Há uma festa cá em casa.

– Nossa! Sério?! Mas que bom, você merece, filho. É assim mesmo, divirtam-se! É pena eu estar a perder esta grande festa...

– Hum! Sei que a mãe teve alguma coisa a ver com isso, suspeito mesmo que foi sua a ideia.

– Ham?! Eu?, não sabia de absolutamente nada até me contares...

– Hum! Hum!, tá bem... – E lá prosseguia a conversa, descontraída. Na verdade a mãe estava muito divertida hoje.

Power estava mais feliz depois das últimas palavras da mãe, as sábias palavras conselheiras. Estava fácil dizer o que se sentia de verdade, e fácil também sentir a sinceridade no que se dizia. A ligação o tinha posto a pensar em como seria se a mãe estivesse em casa hoje, sorriu. Já fazia quatro dias desde a ida dela à África do Sul, em Durban a tratar de negócios, “a mãe só trabalha”, pensou meneando a cabeça.

Saiu de casa e notou o quintal ainda mais vazio, a música também já estava mais baixa, foi ter com os companheiros assentados em volta da mesa afastada.

– Aniversariante! – Exclamou o Rico olhando para ele aproximando-se da roda em volta da mesa.

– Como está isso? – Perguntou Power.

– Nós estamos fly... senta-te aí, meu! – Disse o Joel apontando uma cadeira.

– Danny descobrimos uma coisa. – Disse a Carla séria. – Sim, é como tu tinhas dito, eles continuam agindo em golpes periódicos, são espertinhos tem sido um pouco moroso o intervalo entre um e outro

golpe dependendo ainda de como estes decorrem, isto é dependendo também dos estragos feitos ao invadirem, a quantidade do que é roubado, vítimas ou não e por aí a fora.

— Nenhum deles nunca foi apanhado? — Perguntou a Sónia.

— Um, até hoje. — Respondeu a Carla.

— O que houve com ele? — Foi a vez do Joel perguntar.

— Não sei, não se sabe, desapareceu, a polícia levou-o, deve estar preso por aí, mas o fato é que os demais continuam ativos. — Respondeu a Carla perspicaz como sempre.

— O que quer dizer que este apanhado não mostrou os demais. — Disse o Rico.

— Pois é. — Retrucou a Carla.

— Mas onde foste buscar estas informações todas Carla, és da CIA agora? — Indagou o Leu admirado, verdadeiramente aquelas informações levava-os a muitos passos à frente, afinal Carla não brincara quando disse que faria alguma coisa, começava a provar.

— Fui fazer umas contas, sim deu um pouco de trabalho, mas são factos credíveis. Pude constatar. Achei interessante, imaginem um grupo que anda fazendo assaltos a cada cinquenta dias! — Todos a fitaram com espanto. — Pois é. — Continuou. — Os últimos três assaltos deram-se na loja azul, a casa dos Marqueses e no botequim da peça, passando por estes lugares perguntei em curiosidade quanto, ou seja, os dias em que cada roubo aconteceu. Sim, o calendário marcou cinquenta dias entre um e outro assalto. E não é tudo.

— Diz! — Disse Power.

Carla fez uma breve pausa e depois disse:

— Ao que tudo indica o próximo golpe deles está perto, bem perto.

— Tens certeza? — Perguntou a Tina. Claro que tinha certeza, eles sabiam que podiam confiar na perspicácia daquela mulata, já tinham inúmeras provas disso.

Ficaram em silêncio por uns segundos.

— Quanto tempo? — Perguntou Power enquanto meneava o *Samsung*, fazendo-o girar na sua mão.

– Quatro dias. – Disse a Carla e outra pausa se fez sentir.

– Muito bem pessoal, temos dois dias para averiguar locais e dois para preparar um plano. Estão comigo? – Disse Power.

– Certo! – Disseram uns aos outros apenas fizeram um “sim” bem forte com a cabeça.

– Precisamos ver bem como agir, eu quero invisibilidade falou?

– Yeah, responderam os companheiros na mesma emoção. – Tina soltou uma risada.

– O que foi Tina? – Perguntou o Leu sorrindo também.

– É que... isso... É nós! – Disse ele balançando a cabeça divertida.

– Amanhã estaremos vigiando. – Disse o Rico.

– Isso mesmo amanhã estaremos montando o mapa que havemos de usar para agir. Vamos percorrer esquinas, zonas não muito frequentadas, o local do possível assalto, o covil deles enfim, devemos ser precisos se queremos que isso dê certo. – Disse Power olhando para todos em volta. – Devemos pensar como um ladrão.

OITO

No dia seguinte, domingo de manhã, lá estavam eles tentando montar o esquema. Como irão atuar? De fato, tinham mesmo de pensar como um ladrão como Power já havia dito, mas a verdade mesmo é que não era nada fácil. Era algo novo, não as brigas que tinham antes, algumas em resposta a insultos, males entendidos, e outras só mesmo por vontade de sair por ai metendo alguns atrapalhados na linha. Sim, eles faziam isso, mas só com os atrapalhados mesmo, aqueles não muito bons para com os outros, armados em superiores, burladores, digamos: aqueles que faziam males e males por tudo e por nada, tramando os que não se podiam defender.

A faixa etária não importava muito, batiam neles numa emboscada noturna. Alguns não tornavam a proceder da mesma forma, outros mudavam a área de atuação, que não fosse mais ali no bairro ou nas proximidades. Divertiam-se bastante com isso, embora não fossem todos a ir dar as "surras", pois eram apenas Rico e Leu, encapuçados e mascarados com a aprovação de Power, era um trabalho de equipa, claro, ficavam a rir depois quando se descreviam as cenas em "off", diziam não ser nada pessoal, que tinham de fazer algo pelos lesados e oprimidos. Se era justo? Não sei, mas hoje estavam mais crescidos, cada um sabia minimamente o que queria fazer com a sua vida, mas por que não um último trabalho como "grupo" que foram? Só tinham de dismantelar um grupo de meliantes, gatunos, sabotadores que até já carregam consigo o peso de mortes nas costas. Não era brincadeira. Sabiam.

Power observava a cidade lá embaixo, com maior relutância na área dos supostos malfeitores, de lá de cima era muito fácil sentir que tudo estava sobre controle. Outrora talvez não precisasse de elevações para o efeito, mas agora sim. Também qualquer um se sente estar no controle ou no top do mundo estando ali em cima aos pés do Cristo-rei.

— Eles são rápidos a agir. — Disse a Carla aproximando-se de Power que estava mais afastada dos outros.

— Preferem por passar muito mais tempo planeando, preparando-se da melhor forma, de maneira a evitar o máximo de erros possíveis. — Disse Power em resposta. — No fundo devem não mais gostar da adrenalina nas veias quando atuam, ou pelo menos alguns deles não a suportam, atuam drogados. E por que será? — Disse olhando para ela. — Medo? — Disse ela levantando os ombros e balançando a cabeça em dúvida na adivinha.

— Pode ser isso, e mais. Ansiosos, claro, a coragem está acima de tudo, bandidos continuam sendo, mas tu achas que eles não devem ter preocupação com o que pode acontecer? Medo de ser pegado lá fundo do peito e vezes saltando cá pra fora. Crescendo subconscientemente. Psicose. Acredite, tem gente que não nasceu para ser marginal. Não deixam de ser perigosos, um dos motivos fortes disso reside no seguinte: já não sabem mais quem são, identidade afetada, então, vivem como vivem. Esses gajos são infelizes. — Carla apenas olhava lá em baixo a cidade, enquanto prestava atenção ao comentário de Power, Tina também tinha chegado perto deles e ouviu-o, parecia conhecer os tais, ela sentiu-se segura e encheu-se de certeza que queria fazer aquilo. As duas sabiam, Power falava bem, mas fazia melhor.

— Supondo que alguns deles tenham esta... ansiedade, medo na espinha ou sei lá, que faz com que ajam rápido como se quisessem acabar logo com a coisa e tal, entre estes pode se achar o líder deles, uma vez que é ele quem comanda a coisa toda, néh?! Não sei, é apenas uma hipótese. — Disse Tina rompendo o silêncio entre os três.

— É, pode ser, fazendo todos dançar a sua música. Uma música rápida. — Disse a Carla abrindo um sorriso no final.

— Sim, são hipóteses, também pode ser o caso de ele, o líder estar dando ordens, ficando de fora das atuações no campo. — Disse Power.

— Vamos pegá-los. — Afirmou a Carla olhando para ele, ao que Power respondeu “sim” meneando a cabeça, de seguida olhou para o relógio, já eram onze da manhã e mais vinte minutos, “temos muito que fazer”, pensou. Ficaram conversando os três mais um pouco enquanto os outros quatro estavam do outro lado, dois tirando fotografias e dois estavam no carro.

Power havia tirado o *suzuki* da Vilma como muitas vezes fazia, na maioria das vezes sem a autorização da irmã, ao que ela se zangava um pouco, mas hoje não era o caso, pois, a mãe já pagara a carta de condução para ele, talvez pelo bom comportamento. Foi moleza, já sabia conduzir desde os dezesseis anos, muito curioso, então, aos dezoito anos só tinham de lhe adquirir uma carta, sem mesmo ter que passar por uma escola de instrução, ainda que ele também dizia ser uma parda de tempo ao que as irmãs concordavam, ele era excelente ao volante. Também os jogos de computador e Play-station serviam para quê afinal?

Sorte nunca ter sido apanhado pela polícia quando ainda não tinha consigo o cartão que lhe dava acesso à estrada, sabia esquivar-se muito bem dos agentes de trânsito, afinal estes estavam sempre nos mesmos locais, nunca surpreendiam. Mas hoje a irmã entregou-lhe o carro com todo gosto, até disse que quando a mãe chegasse iriam falar em comprar um para ele, “já estava na hora, o próximo ano vais para a faculdade, tu és responsável, mereces,” “claro mana isso será muito bom”.

Tinham ido para o Cristo-rei os sete, cinco no carro e dois na moto, a fada novinha do Leu. Power, Tina e Carla voltaram para junto dos outros, Joel e Sónia estavam no carro enquanto Leu e Rico faziam as últimas fotos com o *tablet samsung*. Estavam todos juntos do carro, portas abertas, Raps e R&Bs soavam aleatoriamente.

— Então pessoal, como correram as provas? — Perguntou o Joel saindo do carro e dirigindo-se ao porta bagagens.

— Bem, não me correram como queria, foram normais, queria que fossem melhores. — Disse o Rico.

— Yeah, pra mim idem, eu estava mais numa perspectiva de fechar o médio com chave de ouro, mas não creio que tenha sido assim. — Disse a Sónia baixando um pouco mais o banco da frente no qual assentava.

— Eu cá acho que consegui pôr os pontos nos ís e os traços nos tés, ajustei as contas no final. — Disse o Joel voltando com a tigela de salgadinhos e uma caixa térmica com gasosas no gelo das quais cada um se servia.

— As minhas acho que foram fixe. — Diz Power acompanhado pelo som do gás escapando ao abrir a 7up. — Preparei-me.

— As minhas também foram super fixe! Deu ainda para me desferrar de algumas disciplinas, hum!, isto está bom. — Disse a Carla saboreando os rijos bolinhos de sal.

— Cá pra mim já deu para aproveitar, só quero esquecer o médio logo, focar noutras cenas. — Diz o Leu. Espera aí! E você Tina como ficou afinal a sua saída da escola na Namíbia?

— Ah pois é. Apenas saí, não fiz questão de dar alguma satisfação à direção da escola, só disse alguma coisa a uma professora, a Ms. Rosalih, alguma coisa como, “um dia me vou ausentar”, não sei, parecia que ela me entendia, não buscava desenvolver este assunto, sorria pra mim e confortava-me com as suas poucas palavras, às vezes no

recreio parava para me saudar e perguntava como estava a minha família tanto a de lá quanto a de cá. Muito simpática. Sabia que eu mesmo sendo angolana estudava lá, na escola dela Mink Seinch School Center, a primeira angolana até então, sem bolsa, sem outros tipos de apoios que se pudesse saber, isso deve ter lhe chamado atenção, muitos se deviam perguntar onde saía o meu dinheiro, é que não me faltava nada, meu pai cuidava pra que assim fosse. Ou talvez gostasse mesmo de mim. Praticamente apenas me faltavam as últimas avaliações. — Respondeu Tina com um olhar distante como se estivesse a devanear.

— E como fica isso agora? — Perguntou Power.

— Bem, como a minha prima que ficou por lá vem passar aqui o natal, já lhe tinha pedido que trouxesse a guia com as minhas notas, todo histórico possível, porque de modo nenhum vou repetir o décimo primeiro ano aqui. Não mesmo.

— Yeah, não tem porquê, tu dominas tudo. — Disse o Joel.

— Sim, e mesmo que haja algum tipo de problema com estas notas, isto é, em aceitarem a continuação do segundo ciclo, tu não tens que esquentar a cabeça, procure...nós te ajudamos a procurar alguém que entenda do assunto para que possa ajudar. — Disse o Leu ao que todos concordaram.

— Se as notas vierem, seja por papel ou e-mail fica mais fácil, tu és boa, conheço as tuas capacidades. — Disse a Carla depois de um bom trago na coca-cola fresca.

Tina continuou:

— Hum!Hum! Lá apenas deixei claro com a prima que se complicassem era só dizer que se tratava de problemas familiares lá em Angola, psiu! Não seria ao todo uma mentira. Não aguentava mais ficar lá. Tão sozinha... — Fez uma pausa olhando para o chão, seu semblante era carregado de impressões distantes e delicadas.

— Estamos contigo. — Disse o Rico levantado a lata de fanta como se quisesse fazer um brinde.

— Sim, vai dar tudo certo. — Completou a Sónia com a sua voz fina e mansa e todos concordaram mais uma vez, "éh".

— E vocês devem preocupar-se com a faculdade, já estão vendo o que fazer? — Perguntou a Tina enquanto iam formando um pequeno círculo em frente do carro.

— Eu vou mesmo fazer economia. — Retrucou o Joel.

— Eu também... — Disse a Sónia dobrando o pescoço e fazendo uma carinha de criança, ficava mais bonita. Aquele sorriso já começava a incomodar o Joel, dissimulava-o. Não havia nada de mal nele, era num outro sentido, começava a afetar e alarmar-se em alguma parte do seu interior, só não sabia onde. Era confuso, mas bom.

Agora iriam fazer faculdade juntos?

— Que fixe, vamos ver-nos por aí, porque eu vou fazer medicina... — Disse a Carla num tom divertido e orgulhoso, dava para ver o brilho nos seus olhos quando acabou de pronunciar a última palavra.

— Bom, mais alguém vem para a mesma faculdade que nós? — Perguntou o Joel.

— Psiu!, eu nem pretendo fazer faculdade. — Disse o Leu sem graça.

— O quê? Porquê? — Inquiriu a Sónia um pouco surpresa, e todos olharam para ele.

— Ah, vos peguei, vou estudar comunicação social. — Disse ele super divertido fazendo um gesto dos cantores de rap com os braços e todos gritaram "iéh!".

— Mas... terás de mudar para Luanda?! — Perguntou a Carla um pouco incrédula.

— Yeah man, é verdade, fica mais fácil lá. — Diz o Rico.

— Fácil não diria, mas lá este curso está mais aberto e tal, podes inserir-te num trabalho do género mais rápido, é diferente dos restantes lugares que oferecem esta faculdade. — Retrucou a Carla.

— Hum! Hum! Eu já fiz a escolha, UA aqui vou eu. — Leu falou com convicção, estava feliz com o que tinha decidido fazer.

— Hum! Eu vou fazer Direito, pretendo endireitar-me um dia. — Disse o Rico seguindo ainda a onda de diversão nas vozes.

– Quando eu terminar vou fazer... – Tina desatou a falar levantando o dedo indicador e continuando com o braço levantado, poi, a última palavra não saía para de seguida baixar ao mesmo tempo como se fosse uma martelada num prego. – Ah, deixa pra lá, ainda não me decidi, mas quero continuar nesta onda de literatura e artes, já estou a prever a minha primeira viagem fora do continente, no Brasil, assim que terminar o médio.

– Uau!, que fofo! Vai visitar as terras de Machado de Assis... Isto é tua cara, não é cara dela, pessoal?, é, alguns de nós como eu só agora estamos decidindo-nos, faça diferente, se sentes atração por este sonho, começa já a investir nele! – Disse a Sónia cada vez mais séria na voz e no semblante.

– Sim, com certeza, obrigado! Danny! – Exclamou a Tina.

– Ainda me decidindo, Arquitetura ou Agronomia, vou ver. – Respondeu Power.

– E é nós aqui, sabe eu acho que o próximo ano trará muita coisa boa e no final de tudo acho que a malta merece. – Disse o Rico antes de dar o último gole da coca-cola.

Pareciam estar bem, ali em cima, cada um sentia a brisa que beijava as folhas verdes outras meio amareladas ainda pela força do último cacimbo. A conversa seguia entre vários temas, um puxava outro, risadas, gestos, imitações caricatas nas quais Joel, Rico e Tina eram exímios, os outros desatam em gargalhadas, apenas Power abria um sorriso meio largo e abanava a cabeça, vocês!

Tinham ficado um bom tempo conversando, até decidirem descer, já se fazia tarde, nos momentos finais da conversa Power tinha pensado em mais algumas coisas que fariam tão logo chegassem à cidade.

NOVE

— Bem, eles vão agir daqui a dias, então, devem ter visitado este lugar, óbvio. — Diz Power apontando com as duas mãos juntas como fazem os devotos a rezar, de tal modo que apenas os que estavam com ele podiam entender que se referia ao estabelecimento comercial com o nome de “mercado 2014” conhecido também como “mamadú da banda”.
— Isso aconteceu ainda a pouco, podem me dizer o porquê?

— Ora, acho que não foi mais senão para reconhecer o lugar. Eles devem conhecer isso tão bem quanto os donos, ou até melhor do que eles. — Disse a Carla.

— Faz sentido, no momento sabem como entrar e escapar muito bem. — Reforçou a Sónia

— É isso aí, a nossa missão não será outra a não ser a de o impassar, vai acontecer algo inesperado por eles, uma surpresa. — Disse Power.

— Que mal para eles... — Suspirou o Rico.

Observaram mais um pouco o estabelecimento e depois rumaram para outro lugar.

É claro que não tinham estado ali apenas observando tentando recalcar tudo na memória, não. Levavam consigo máquinas fotográficas, estes telemóveis de última geração que capturam imagens 5D e permitem a sua visualização a qualquer momento com a mesma precisão. Fizeram algumas fotografias, lá trás o local que interessava observar e na frente do telefone um individuo que parecia estar a ser fotografado fazendo poses, o foco da câmara era virado para a rua, os prédios junto a dita loja, tudo podia servir de algum recurso. Pararam os motores em frente da casa da Carla. Os da moto, Leu e Rico aproximaram-se do *Suzuki* inclinando-se quase metendo as cabeças dentro do carro preto. Power adiantou-se a dizer:

— Vamos dividir o nosso modo de ataque em três etapas ou pontos, uns estarão no pré-local, outros no local e outros no pós-local. Ainda não estão seleccionados os de um e de outro grupo, mas se já vai saber. Devem já imaginar mais ou menos como vai rolar a coisa. Pré-local, local e pós-local. Depois mando um sms, cada um fica a saber a que ponto pertence.

— Fixe! Hum! Hum! — Responderam os outros, sérios.

— Carla, ficas? — Perguntou Power.

— Sim, claro. — Respondeu ela um pouco distraída ou atenta noutra coisa, o que Power acabara de dizer deixara-a reflexiva. Joel saiu do carro para dar espaço à mulata de olhos castanhos claros, tão claros que pareciam refletir a cor dos cabelos meio loiros e acastanhados, pintados na certa, mas ficava única a moça, linda mesmo, o corpo cheinho, era um espetáculo. Joel tomou o seu lugar no banco de trás do carro.

— Então, até depois! — Disse a Carla levantando o seu *smartphone* e colocando os cabelos que vinham cá em frente tentando tapar os olhos lá trás do ouvido esquerdo.

— Yeah, maninha a gente se fala no “face”. — Disse a Sónia, os outros sorriram e acenaram a ela enquanto o carro arrancava.

— Nós também nos mandamos. — Diz o Leu ainda sem arrancar a moto. — Levo esse puto pra casa e depois vou descansar um pouco, ver um filme ou sei lá.

— Fixe, esperem a minha sms! — Disse Power acelerando carro logo a seguir.

— Rapazes! — Disse a Carla acenando para eles em despedida enquanto empurrava o portão de casa, os dois corresponderam da mesma forma acenando a ela, Rico quis fazer mais do que isso, ela sorriu bonito para ele e entrou. Rico se perguntou se o Leu também tinha notado aquele sorriso, ou ele estava a delirar.

Já eram dezasseis horas, os dois rumaram para as suas casas, estas que não ficavam muito distantes dali.

Power tinha deixado cada um em frente da sua casa. Por fim voltou a sua. Ficou sabendo. Sara contou-lhe, a mãe estaria em casa amanhã pela manhã. Bom, disse ele, logo sentiu que tinha de falar mais alguma coisa, já está a dar saudades, as outras admitiram que sim embora a mãe tivesse feito muitas outras viagens que lhe tinham rendido muito mais dias fora, muito mais que agora, entretanto, desta vez as horas parece que não avançavam.

Talvez as coisas estivessem mesmo diferentes agora.

Espera!, dizer “talvez”, talvez seja um tanto impróprio. No fundo ele sabia, e por isso mesmo aquele sentimento de responsabilidade e medo. Não queria mais desapontar ninguém, tudo estava caminhando bem, tranquilo, e podia melhorar ainda mais, sim, porque

não? As coisas estavam diferentes agora, em casa havia alguma harmonia, alegria, paz, sossego, queriam ficar um com outro. Era notável. Nossa muito bom isso, daí talvez o medo de perder tal coisa. Eu não tenho o direito, não tenho. É muito bom o bocado que temos, que ainda pode se tornar maior e eterno, porque perder isso? Vale a pena? Talvez eu esteja sendo egoísta, muito egoísta, porque não pude me conter ao que me foi contado, sobre tudo que julguei já sabia, por que não ficou como estava?, aceitei revidar. Mas não foi por emoção, tinha de fazer algo pelo que sentia, sobre a maneira como vivia. Sobrevivia. Talvez seja egoísta, mas não dava mais. Então estou me salvando e me perdendo? Não sei, já aprendi que nem tudo a gente controla. A mãe? Ela se esforça no trabalho que tem, vi ela avançar no passar dos anos e também alguma satisfação nos seus olhos com os degraus deixados para baixo, ela é uma lutadora, merece mais. Mais de nós. De mim.

— Tem sopa para o jantar. — Afirmou a Sara. — Power! — Chamou o outro de volta à terra, ao que ele reagiu como se estivesse saindo dum sono. — Tem sopa pro jantar mano, onde está com a cabeça?

— Han, nada, a lado nenhum querida, só estou prestando atenção no filme.

— Han-han, vou trazer pra ti?

— Sim, por favor!

Sara foi até a cozinha e voltou com uma bandeja contendo uma tigela de sopa e uma colher ao lado, pôs na mesinha que ficava no meio dos sofás, bem na direção de Power que não demora mais, começa a devorar a refeição, não estava muito quente, percebeu pela ausência de vapor e primeira colherada confirmou isso.

— A Vilma? — Pergunta ele.

— Saiu a poucos minutos antes de chegares, disse não demorava. — Sara fez uma pausa. — Acho que foi se encontrar com ele.

— Ele?

— Sim Danny, senão não haveria motivo pra tanta arrumação.

— A isso não dá pra contestar, que se foi encontrar com alguém, foi.

— Pois eu que o diga. Bom para ela, ao menos assim faz coisas diferentes e não fica apenas em escola-casa, casa-escola, grupo de estudo e ver séries românticas.

— Sara! Séries românticas? — Disse Power pausadamente em cuidado para não se engasgar de riso com os graus de arroz contidos na sopa.

— Sim, essas que têm uma dose maior de romantismo, apaixonase muito, ama-se muito, sofre-se, luta-se por sentimentos, morre-se por amor, enfim, coisas deste género.

— Estas séries são fixes.

— Yeah, mas no caso dela sei que busca alguma emoção. Associação à sua vida.

— Ai, que frieza.

— É sério mano, a vida dela tem girado em torno disso.

— É inegável que os últimos relacionamentos dela também contribuíram para estas atitudes de hoje.

— De facto. Eu só espero que este não seja igual aos outros. — Resmungou a menina escura bonita levando uma almofada ao peito e ajeitando as pernas no sofá a direita de Power.

— É, não seria nada bom se ela passasse por aquilo de novo.

— Traição! Será que existe palavra mais feia no mundo?! — Sara falou mostrando indignação.

Power deu um sorriso breve e disse:

— Acho que não, tratando-se de relacionamento, não.

Tinham ficado a ver o filme até a Vilma chegar mais tarde quando já eram horas de deitar.

Power tinha de fazer uma lista, seleccionar, dizer quem era quem, ainda havia alguma dúvida mas já estava a imaginar o lugar de cada um. Foram dormir.

"Estou todo contente e satisfeito, chego em casa e o que vejo não é nada agradável, a mãe está furiosa, não devia ter feito o que fiz. Ela começa a ralhar-me e a sua aparência torna-se cada vez mais assustadora, ela está muito chateada, nunca a tinha visto assim, eu também começo a falar, a respondê-la, ficou feio, já era uma briga. Saio de casa chateado, corro até a rua da loja do Orlando, não quis entrar, olho para direita lá mais para cima da calçada e, vi. Vi aquele homem de fato preto, era claro como eu, muito mais claro que eu, só não conseguia ver os seu rosto tal como era, está um pouco fusco daqui, está parado com as mãos atrás e olhando para mim. A imagem incomoda-me, mesmo assim tento aproximar-me... Nada, não tem ninguém quando chego ali onde estava o homem. Fiquei ainda mais chateado e com medo. Começo a correr em direção do nada à medida que avanço tudo vai ficando escuro e frio, mais e mais..."

Acordei.

Merda, que porra de sonho. Olho para o relógio, quatro da manhã e treze minutos. Respiro... Levanto da cama e vou até à secretária, dou um toque no computador, ele liga e seleciono umas tantas músicas que quero que toquem enquanto vou tentar adormecer de novo. Pouco provável. O computador obedece e começa a reproduzir a primeira faixa, volume baixo, aceitável a estas horas, dócil, suave. Acomodo-me na cama, com o meu telefone na mão, meu pensamento voa, encontra o sonho de a pouco. Não sei o que é mais ruim nele, ver a mãe furiosa daquele jeito ou ver aquele homem que desaparece ou ainda ver tudo escurecer a medida que corria. Porra, não dá nem pra pensar. E ainda assim tem gente que diz haver significado pra sonhos. Acabam mazé interpretando como querem, encorajando-se, puxando as brasas para a sardinha. Deixo-me estar nos cobertores, olho para o teto, talvez também esteja a precisar de uma namorada, no momento me viro para a direita, a tela do computador ainda está ativa dando clareza ao quarto, ela apaga e eu começo a digitar no telefone uma mensagem. Acabei, de seguida marco os contactos, respiro, envio. Não demora muito e começa chover fortemente lá fora. Ouço a música meio melancólica soar das colunas e ao mesmo tempo a chuva lá fora, casamento perfeito, tudo isso?! Descontraio ainda mais, sinto-me a esvaír, vou adormecer...

A manhã estava cinzenta e fria, com nevoeiro cobrindo as montanhas, nenhuma amostra do Sol. De quando em vez começava a choviscar e parava. Já eram nove da manhã e tudo estava assim, nada mudava. Power e as irmãs estavam em casa, tinham acabado de tomar o pequeno almoço, leite com chocolate a esquentar e bolachas de água e sal.

A estas horas cada um já sabia o seu lugar, ele tinha escrito a todos na madrugada, ainda haviam muitas coisas por fazer hoje em relação à véspera. Já tinha recebido a manifestação da Sónia com um "fixe" por sms. Não demora muito após o pequeno almoço quando cai outra mensagem. Era a Carla perguntando onde se iriam encontrar. Por esta mensagem Joel também reage com outra mensagem dizendo:

"Power diz aí".

Eles tinham o hábito de se dirigir uns aos outros por sms marcando todos, assim todos podiam ver as mesmas mensagens e seguir a conversa mesmo não estando em nenhuma rede social, assim também era mais seguro e não tinham de se preocupar com privacidade, links, browsers, sessões abertas noutros, computadores, dispositivos enfim, não sou nenhum *hacker* para explicar tal coisa, Power é quem sabia, apoiado pelo Leu.

A Maika não seria um bom lugar agora com as chuvas intensas e constantes, e agora sim devia haver algum doente mental alojando-se bem às portas. Se encontrarem em casa de um deles também não era uma boa ideia, Power não queria que fossem vistos juntos antes do que estava por acontecer, assim as tias mamás não diriam com tanto gosto "eu bem que já estava a pressentir que dai não vinha coisa boa, este grupo não pode andar junto". E de seguida, as devidas punições com restrições para cada um. Nada a ver. Se elas souberem, apenas saberão que aconteceu, ponto.

"No M' 30mn. Cada um vem sozinho."

Power escreveu para os amigos, ninguém respondeu, isso significava aceitação, outra medida que o Leu discutiu para que implementassem para certas ocasiões, e não é que resultava? Isto exigia de cada um atenção ao telefone, o que aliás, só tinham que aprimorar, pois a geração actual já nasce com este instinto impregnado no ADN.

Tinham aprendido a combinar, cada um estava metido em si e ao mesmo tempo com os outros. Estavam sincronizados.

Acabaram por se encontrar todos lá, uns chegaram juntos por se encontrarem mesmo na entrada. O Millennium nesta manhã estava ligeiramente cheio de gente, apesar do clima denso, todo mundo atrás de alguma coisa, vendo preços, possíveis comparações com outros mercados e lojas, efetuar pagamentos, serviços bancários, restaurantes, compras, esta última era a febre sendo final de ano, quem não queria coisa nova nesta época?

Breves sudações, Power toma a palavra:

— O segurança praticamente só se faz sentir durante o dia. Segurança só ao dia, por quê?, bem a loja nunca fora assaltada antes, é respeitada, bem falada, então de noite o guarda fica na frente até às vinte e uma no máximo e depois vai dormir no quintal, tem sido assim já há bastante tempo. — Power fez uma pausa, fitou os companheiros, puxou a cadeira para se sentar e continuou. — Sónia e Carla estarão no pré, entre cinquenta a sessenta metros antes, poderão informar quantos são e como vêm, o que dá muito bem para ver pelas luzes noturnas dos postes. — As duas acenaram sim com a cabeça. — Eu, o Rico e o Leu estaremos no local e Joel e Tina no pós. Agora, é preciso dizer que estes pré e pós podem trocar já que não temos a plena certeza que eles virão da alameda onde a Sónia e a Carla estarão a vigiar, se não for assim, só poderão vir do outro lado.

— Que seria o pós. — Disse o Rico.

— Isso. — Respondeu Power. — Ou os do pré também podem se tornar do pós caso eles decidam sair pela mesma rua pela qual vieram, mas isso só mesmo se eles conseguirem sair néh?!

— Ok então os do pré também podem se tornar do pós depois, e os do pós do pré antes ou vice-versa, simples. — Disse o Leu cruzando os braços.

— Entendido. — Disse Tina que mascava pastinhas do sambapito preferido, era quase já um vício, tinha mais um no bolso do casaco, já que na bolça apenas coisas femininas.

— A intenção é segurar a barra até a polícia chegar.

— Mas Power, isso demora muito. — Diz o Joel.

— Sim a polícia demora a chegar. — Concordou a Tina.

— Depende... — Sussurrou o Rico.

— Explica! — Pediu o Joel.

— Depende do tempo. O tempo que a gente avisa a polícia, o tempo que os assaltantes levam a tentar carregar o que quiserem, o tempo que lhes mantemos ocupados com o impasse... — Desatou a explicar o Rico, deixando todos mais esclarecidos.

— Pois é, nos encarregamos de lhes manter um pouco entretidos e já está e... já está. — Disse o Leu.

- Mas normalmente nesses assaltos não fica alguém a controlar?, um deles vigiando na porta? – Inquiriu a Sónia.
- Sim, há esta possibilidade, neste caso o entretenimento deve atraí-lo para dentro, a gente não vai de mãos vazias, levaremos algum material pra fazer o trabalho com que eles não se preocupam agora. Nem imaginam.
- A porta, tenho que ver a porta de novo, ver melhor como ela é. – Disse o Rico com a voz mais rouca que de costume, estava nervoso.
- Precisamos entrar lá hoje, nós três. – Ver melhor a estrutura da casa por dentro, teto, chão, as paredes... sempre tem aquela porta da qual não temos acesso.
- Estão pensar o mesmo que eu? – Interrogou Power divertido e depois sério, os outros olharam para ele surpresos. – Estaremos lá antes deles com tudo pronto pra fazer aquilo que eles não esperam.
- Temos tempo? – Indagou a Carla olhando as horas no telefone.
- O resto do dia é pra irmos observar a loja, e ver o que vamos precisar. – Disse Power.
- Power, estamos praticamente vendo locais e preparando o plano ao mesmo tempo, isso é bom, achei que seria mais complicado determinar como agir. – Disse o Joel.
- Os dois dias que faltam serão pra ver detalhes e relaxar. Estamos conscientes do que está por vir, o que havemos de fazer. A calma agora é importante. Como se fossemos fazer uma prova. – Disse Power.
- Então... vamos? – Perguntou o Leu impaciente.
- Sim, vamos lá. – Respondeu Power levantando-se.
- Malta! – Despediu o Rico, as moças acenaram para ele. Distanciaram-se deixando o Joel com as meninas.
- É meio cedo para mandarmos vir uma pizza? – Perguntou a Sónia um pouco sarcástica.
- O quê?! Não, claro que não. – Retrucou a Carla.
- Manda vir! – Exclamou a Joel, Tina vasculha na bolsa.

– Onde se meteu o cartão multicaixa?

– Deixa que eu vou lá. – Diz o Joel balançando a cabeça, ele sabia que Tina tinha problema com o machismo que “tudo paga”. – Bebidas? – Galão e coca-cola fresca para Tina apesar do frio.

Joel voltou à mesa e não fez muito tempo, a garçonete trouxe primeiro um e depois outro tabuleiro com tudo que haviam pedido, começaram a comer sem mais perda de tempo. Era só comer uma pizza sentados e volta de uma mesa de restaurante num dia cinzento, chuvoso e frio, não há nada de especial nisso. Há? Ora, ver a Sônia comer, o rosto modificando-se (se é mesmo que modificava), exprimindo a boa recepção do gosto pizza, para o Joel era um show, simplesmente não dava sequer para descrever, ele mesmo não entendia, então, se escondia em si mesmo. Gostando em silêncio, já começava a crescer o que sentia, obrigando-o a prestar mais atenção nos pequenos gestos que outrora não eram de se notar. As mãos macias com os dedos compridos, não usava vernizes, apenas aplicava uma base e ficava igual a uma dessas moças que aparecem nas publicidades de cosméticos franceses. Não sei se um líquido que se aplica às unhas podia ter tanto poder assim. Talvez só Joel via. A boca com os dentes brancos e devidamente alinhados, a voz, uma coisa puxava outra, e não é que tudo se encaixava feito puzzle?

Do outro lado, os três tinham chegado à loja. Puderam notar muitos detalhes interessantes, Rico marcava, Power sempre podia contar com o amigo quanto a isso, mesmo de olhos fechados. Rico “o detalhista”.

O dia voava, já eram catorze e quarenta minutos quando os três se separaram. Power pediu que Rico escrevesse aos outros o que acharam. O que seria mais interessante seria a forma como iriam atuar. “Soco na cara”, para usar a palavras do Leu.

Power chegou em casa e notou, o carro da mãe não estava no lugar. Sorriu sem abrir a boca, entrou em casa e logo deu de cara com uma moça estreita de boa aparência, modelo? Um figurão.

– Boa tarde! – Cumprimentou com cara de quem tem uma dúvida grande. A mulher simplesmente olhava para ele, apática, não respondia. Ficaram encarando-se por alguns segundos e Power teve vontade de dizer:

– Nós não nos conhecemos pois não?! Eu sou Danny, e tu quem és e que fazes aqui? – Power falou querendo parecer engraçado.

A moça desviou um pouco o olhar para a janela e de seguida fitou-o outra vez com a mesma expressão. Estavam de pé, ela próximo do fogão e ele mais pra lá depois do balcão.

– Zunana!

É a voz de Sara, que logo entrou na cozinha e encontrou os dois assim. Power olha para a irmã como que pedindo uma explicação. Sara desatou logo a explicar:

– Hum, mano Zunana veio com a mãe, veio passar as festas connosco.

– Zunana!...

– Sim. – Respondeu Sara alegre.

– E ela não fala?

– Óh, fala!... – Disse olhando para ela como que pedindo que ela começasse imediatamente a falar. – Mas só fala inglês e suaíli néh? – A outra fez um “sim” com a cabeça e depois disse “yeah”. Power aproximou-se dela e estendeu a mão, ela correspondeu.

– Wellcome! – Disse ele, ela fez de novo o gesto com a cabeça e disse:

– Thank you.

Soltaram-se.

– My name is Danny.

– Zunana.

– Nice too meet you, Zunana.

– Equally.

– Fique à vontade! Como é que se diz mesmo fique à vontade em inglês? – Perguntou olhando para Sara que assistia divertida.

– Nem faço ideia. – Disse ela sorrindo.

– A mãe?

– Foi ver uma situação no banco.

– Claro, a mãe não para... – Disse andando para sair dali, Zunana ainda o olhava, agora com uma expressão mais alegre.

— O almoço. — Disse Sara apontando as tigelas em cima da mesa.

Sim claro, vou só tirar esta roupa.

Zunana! Que moça!, pensou. A Sara está muito feliz com a sua presença, óbvio, normalmente temos sido só nós, poucas vezes os primos Tilson, Josias e Nayara vinham passar o natal connosco, pararam mesmo de vir já faz muito tempo. Sara sempre tentou andar um pouco mais nas festas de calendário como a páscoa, o natal e aniversários de familiares próximos mas com o tempo desistiu. Sempre fomos só nós.

Não se tinha passado muito tempo desde que almoçara quando a mãe chegou.

Zunana era sobrinha de uma amiga sul-africana que tinha morado nesta cidade do Cristo-rei por dois anos até ao ano passado quando já havia feito tudo que tinha que fazer, tinham se tornado boas amigas, a mãe já falara dela alguma vez me lembro agora, então nesta viagem oportuna até a África do Sul tinham que se encontrar, e como a amizade continua forte apesar da distancia, ai está, surgiu a ideia de trazer a moça para a Angola afim de conhecer, a tia não se importou, achou bom, contanto que a sobrinha aceitasse. Afinal a moça também queria viajar em tempo de festa, conhecer outro país?, melhor ainda. A tia explicou-lhe, estava em boas mãos, que Angélica era como uma irmã, que ela "Zuh" iria gostar. É assim que ela veio parar aqui, explicou a mãe com voz alegre. Iria ser um bom natal? Não sei...

A mensagem do Rico caiu.

De seguida Power escreve:

"Tudo posto. Agora é só relaxar, esperar o momento."

DEZ

Conforme. Sónia e Carla antes do local, Power, Rico e Leu no teto da loja e Joel e Tina lá mais para frente no final da rua. Todos escondidos. Óbvio.

Era uma tarde calma de sábado, 15 de Dezembro, tinha chovido um pouco na véspera, mas hoje estava um clima ameno. Estavam todos ali hoje, camuflados, vestindo preto, luvas nas mãos e com os corações expectantes, porém, relaxados. Telefones ligados, modo silêncio ativado, iriam comunicar-se como planejado.

No caso da Carla e Sónia, tinham inventado uma desculpa em casa, que haveriam de se encontrar com as amigas, era uma ocasião especial, um encontro onde se iam divertir, fazer um brinde a amizade, afinal, tinham terminado o ensino médio juntas, uma festa do pijama, portanto, apenas meninas. Foi fácil a aceitação dos pais quando disseram que podiam chegar mais tarde ou mesmo acabarem por pernoitar na casa da festa. Era preciso arranjar uma desculpa, mas para os outros não era necessário, já tinham alguma autonomia, podendo chegar às horas que precisassem chegar, não davam sarilhos, tinham a confiança dos pais, eram responsáveis, tinha de haver algo forte que os fizesse voltar tarde à casa. Não que Carla e Sónia eram aprontadoras, irreverentes. Apenas em suas casa era diferente, tinham de chegar mais cedo. Depois de tudo acontecer podiam ir mesmo passar o resto da noite na casa da Sónia e depois dizerem que fora lá onde tinha se passado a festa do pijama. Não deixaria de ser verdade já que estavam pretendendo comemorar esta noite, dependendo do êxito da operação "512", foi assim que o Rico denominou ao impasse que iriam causar hoje aos marginais.

Conforme os detalhes, ficaram a saber que os tais meliantes possivelmente atuavam com armas sem balas, apenas um tinha a arma carregada, este sim, era o que decidia em casos extremos, mas além das pistolas traziam consigo facas e chaves-de-fenda. Power advertiu que o facto deste estar com arma carregada não indicava necessariamente que era ele o líder, podia apenas lhe ser imposta tal responsabilidade, fazendo a arma da decisão estar na mão de um e de outro a cada assalto. Cara Preta seria o nome do líder do grupo, ouviram no rumor popular, a boca dos aterrorizados.

— Esses filhos da mãe! A cadeia vai-lhes ficar muito bem daqui a algumas horas. — Disse a Sónia.

— Minutos, queres dizer, ai vêm eles... — Disse a Carla com voz firme.

– Porra, já?! Dê o sinal verde!

– Espere... e... já, está. – Disse a Carla mandando a mensagem para todos, os quais a aguardavam relutantemente.

Sónia e Carla estavam dentro de um quintal com jardim de flores, árvores e algumas plantas que cresciam como arbustos, ajudava na camuflagem, as duas estavam igualmente encapuçadas, no quintal alheio, nem conheciam os nomes dos donos. Sorte os cães ficarem no pátio de trás, só tinham de ser silenciosas para não os convocar para perto delas.

– Tens a certeza que são eles? Não. Claro que são eles, só pode... – Disse a Sónia perguntando e se respondendo já com alguma alteração na voz.

– Vê como eles vêm?! Tem ladrão que pensa que nunca será apanhado. – Disse a Carla intrigada.

Elas viram três homens rompendo aquele ar de tranquilidade que havia na calçada à frente. Logo, tiveram certeza que eram eles pela maneira como os tais vinham, o que trajavam, o que traziam e num sexto sentido, a névoa que havia por cima de suas cabeças. Convenceram-se, era deles que estavam a espera.

– Pois bem, vamos a isso eles chegam em dois ou três minutos. – Disse Power com voz a tranquila, como se quisesse ninar um bebé no meio de um tiroteio. Os dois companheiros estavam do mesmo jeito, calmos, Leu disse “é agora”, e Rico endireitou a toca.

Os três homens chegaram mesmo. Estavam de preto também, todos de tocas. Pararam em frente do estabelecimento, um deles deu uma espreitadela para dentro através do enorme vidro da porta e de seguida fez o sinal para avançar. Power, Rico e Leu estavam quietos aguardando, ouvindo-os.

Arranhaduras na parede? É isso?! Pensou Power e disse rapidamente cochichando:

– Eles vão entrar pelo teto, devemos sair daqui agora! – E movimentaram-se sem fazer barulho, pisando quieto os blocos que haviam ali em cima para segurar as chapas, uma espécie de guarda-fogo. Tinham de andar até um ponto afastado e mais escuro mas não daria tempo. Andavam apoiando-se numa parede pequena construída apenas para marcar diferença entre uma e outra loja no que toca aos telhados, Power dá o sinal e toma a iniciativa de subir saltando para outro teto que começava depois da pequena parede, os dois companheiros

entenderam logo a intenção e seguiram-no, bem a tempo de não serem vistos pelo primeiro dos três homens recém-chegados, este subiu pela parede lateral com a ajuda dos dois outros que o sustentaram, levantando-o até este pegar o cimo da parede e posicionar-se lá em cima. Estando ali, muito rapidamente andou até a um ferro preso na parede que ocultava os três jovens escondidos e da mochila tirou uma corda fina com muitos nós, amarrou e a atirou para baixo. Foi assim que os demais conseguiram subir. Uma vez estando todos ali, da mesma mochila tiraram um alicate com o qual separaram as porcas dos grampos que prendiam as chapas aos ferros de suspensão. Não falavam, apenas agiam, tudo rápido, pareciam profissionais. Tiraram quatro porcas de uma das muitas chapas que constituíam o teto da loja e levantaram a parte solta com cuidado para que esta não os denunciasse, a abertura era boa, dava para passar, agora só tinham de enfrentar o teto falso que estava bem à seguir, bem debaixo de seus narizes. Power, Rico e Leu apenas aguardavam num silêncio ainda maior o momento em que estes iam entrar, que não ia demorar. Um deles segurou de novo a mochila retirando desta uma caixa contendo uma pega borrada de cola, parecia uma tampa de panela com a cola pronta a ser usada em materiais de plástico, baixou um pouco, esticando os braços um pouco mais até tocar um dos muitos plásticos quadriculados, estampando-o. Já era uma imagem que lhes agradava aquela. Pousado tudo de lado, agora era só entrar, fizeram isso com muita calma e normalidade sem se preocupar com a altura, pois tinham escolhido abrir uma das chapas que ficava em direção a uma das quatro altas prateleiras de arrumação, acertaram em cheio, afinal, porque tinham visitado o local antes? Estavam lá dentro mexendo no que os interessava, o caixa e outros possíveis lugares para se guardar dinheiro, não eram ladrões quaisquer, tinham licença para tal, só não sei onde tinham conseguido.

Power deu um sinal pelo telefone, Tina entendeu... Ligou para a polícia.

— Alô! Eu sou a Margarida e quero denunciar um roubo... Éh, eu passei de carro em frente do mercado 2014, esse que fica aqui na rua dos Chagas e... sim eu sei o que vi. — Desligou. Tina falou como uma senhora assustada, foi convincente.

— Boa garota!, muito bom! — Joel elogiou-a, Tina faz uma vénia.

— Temos eles na mão. — Disse o Leu muito baixinho quando saltaram para o outro lado da parede, esta era só um pequeno muro, apenas uma barreira com a altura de uns cinco tijolos empilhados.

— Yeah, é agora? — Indagou o Rico na mesma tonalidade.

— Calma, ainda não. — Disse Power apressando-se sobre o guarda-fogo até chegar no sítio onde os marginais tinham entrado desbravando o seu caminho. Power como um carrasco ou herói, pegou nas porcas e as respectivas borrachas, ajeitou a chapa, os grampos ainda estavam no lugar, então, era só grampar de novo, assim o fazia rapidamente o quanto dava, pois ainda tinha de ser silencioso, um por um, mesmo que não os apertasse até ao fim, os dois companheiros já estavam a suar.

— Danny, não temos tempo, a polícia vem aí... — Murmurou o Leu super preocupado, todavia, em cochicho, ninguém o ouviu, falou para ele mesmo. Rico pôs uma folha na pasta dos assaltantes.

Lá em baixo os homens pareciam ter achado algo de valor, dinheiro? Só podia ser, daí um pouco de barulho agora, que talvez só os três que estavam ali em cima ouviam, porque sabiam?, talvez, afinal, não se tem dito por aí que cada um ouve o que quer? Basta concentrar-se no que se pretende ouvir.

Power terminou, sabia, a policia em casos de denuncia a noite vinha com as sirenes desligadas, então, não podiam ouvi-las como sinal de alerta também, mas era melhor assim. Desceu primeiro um, depois outro, foi mais fácil que subir, agora com a corda. Correram sobre a calçada, era arriscado, mas não tinha outro jeito, fizeram assim mesmo, olhando atrás e em todos os lados, quase no final da rua reduziam a velocidade, e agora apenas andavam. Estavam de frente de um entroncamento que dava para uma zona escura, no pós onde estavam o Joel e a Tina escondidos. Dali no escuro dava para ver a parte lateral da loja bem lá no fim da rua, já eram 23h e 50 minutos, o carro da polícia chegou, os que estavam atrás saltaram para fora como soltados entrando no campo de batalha, a loja era o alvo, uns já iam entrando mesmo no quintal para terem acesso a outras portas do estabelecimento, possíveis saídas. Não dava para escapar, já os tinham visto ali dentro tentando levantar a chapa, agora presa, inútil, esta apenas levantava até um certo ponto, passavam uns dedos não mais que isso. Disparar? Perante aquele batalhão todo? Não seria uma boa ideia.

Foram apanhados, algemados. Veio um outro carro onde os puseram. O guarda estava meio burro, incrédulo com o que acontecera ali esta noite, era um senhor de olhos fundos e avermelhados, nos seus cinquenta e poucos anos, magrinho, parecia não comia, a farda lhe ficava super mal, grande de mais. O dono da loja e mais alguns que pareciam seus parentes apenas agradeciam talvez a algum deus.

Dois agentes subiram no teto para ver o que os assaltantes fizeram do dito cujo, notaram a chapa mexida, mas esta estava mesmo grampada, como isso seria possível? Olharam mais para os lados, tinha ali uma pasta, um alicate, a tampa com o pedaço de teto nela colado e mais para lá uma corda. Bem, até aqui, cada um podia pensar do seu jeito.

Fizeram descer tudo e apresentaram ao chefe da operação, chefe Benjamim Quessongo, este abriu a mochila na qual não havia mais nada além de uma folha A4 dobrada, desdobrou e nela estava escrito com letras informatizadas:

"Estes marginais e assassinos são os causadores de muitas dores em muitas pessoas. Até hoje eles fizeram o que fizeram por terem vivido como quiseram, roubando e matando.

A nossa amiga foi vítima em suas mãos.

Que a justiça seja feita!"

PARTE 2

Tudo ou nada

ONZE

Eu sou o alvo. Eles querem pegar-me. Corro. Corro, eles vêm logo atrás, não posso ver os seus rostos, está escuro, mas eles são tons muito mais escuros na noite. Sinto que não terão piedade se me pegarem então corro ainda mais, não sei exatamente quantos são, mas são muitos. Nós correndo freneticamente na calçada que nem o mover de um remoinho, a sensação é estranha, parece real, mas, não podes ser. Eu não quero ser apanhado, estou cansado mas não posso parar, não, não posso. Tudo que é porta parece estar fechado, somos só nós aqui? Desvio para a minha direita, empurro a porta com a velocidade que trago, ela se abre e começo a subir as escadas do prédio da Enip. Não os sinto mais atrás de mim como antes, não entraram, porém, eu mantenho a minha velocidade e logo me encontro no último andar, a escada que leva para cima tem a porta cerrada, estou parado no meio do corredor entre portas de apartamentos trancados, corro até ao fim do corredor onde tem vidros grandes fazendo a vez da parede. Estou parado em frente dos enormes cristais, ofegante e assustado quando... Sinto aquela sensação de haver mais alguém ali, viro-me e, são eles, todos eles, um após outro, o medo é grande, faz o coração querer sair do lugar e parece o mundo acabou ali mesmo. Eles aproximam-se e eu não posso suportar a sua presença cada vez mais próxima. Diabos! Não havia muita distância entre eu e a vidraça, joguei-me... Quebrando um deles, estou em queda livre, caindo vertiginosamente que nem um bloco em gravidade. Não pode ser verdade... Tudo se dissipa em pequenos fragmentos de imagens antes que eu chegue num impacto com o chão e...

Estou acordado.

Foi só mais um sonho para a coleção de pesadelos. Detesto-os, juro. O relógio marca 2h e 7 minutos, mantenho-me estático, chateado com não sei o quê, a sensação não é boa, parece estou a vir do inferno. Sinto vontade de beber água, fico de pé, ajeito-me nas chinelas e então prossigo até à cozinha. "Porra de sonho, já não posso dormir sem?, prefiro mesmo não sonhar, sonhos são ilusões", no momento o pensamento translada ao encontro de uma aula dada pela professora de psicologia numa de suas sessões em relação a este assunto, "deve haver uma explicação para cada sonho", ora, mas também tem aqueles que simplesmente não tem como se explicar. Revelações? Visões? Ilusões... Já nem sei. O facto mesmo é que não foi nada agradável este sonho que tive. Agora também estou triste. Já estou perto da pia, um copo, tiro a minha água da torneira e bebo. Duas e nove agora, o meu telefone está calmo, talvez também meio reflexivo como eu, com o ecrã bloqueado apenas me diz horas, mas

agora que abro noto uma mensagem de ontem. Era a Tina dando-me um "feliz noite com dois corações vermelhos", quase abro um sorriso, fez-me lembrar a conversa que estávamos tendo ontem no *twitter*.

"Quando voltas? Bom dia!"

Escrevi para ela e volto para o meu quarto.

Era dia 27 de Dezembro, estava uma manhã muito linda, afinal o resto da madrugada tinha sido de um sono sem turbulência. Power levantou-se às 7h 50, fazia uns alongamentos no seu quarto ao som da Sia cantando na sala e encantando as moças que tinham ligado a aparelhagem de som.

Terminados os exercícios, saiu para o banho, passando pelo corredor viu Zunana dando aqueles toques, ela sabia mexer bem aquele corpo bonito, parecia uma verdadeira estrela da música pop, as tranças longas e grossas, essa miúda é um show, ficou parado na enorme porta da sala observando-a querendo dançar e varrer ao mesmo tempo. Ela estava de costas para ele. Continuou indo para o banho pensando no 25 que tiveram. Foi um natal... Uma tarde de natal muito bem passada, memorável! Isso sim. Tinham feito coisas que apenas se faziam em tempos idos. Puseram-se na pele de meninos relembando-as, "só pah quebrar a mesmice chata dos natais atuais", dizia a Tina. Então tiraram fotos com caras engraçadas, visitaram lugares vários, fizeram doações, cantaram em coro, enfim... divertiram-se bastante.

Apenas Leu e Carla foram os ausentes. O primeiro tinha de ir para Luanda mais cedo, dois dias antes do previsto por ele, e Carla tinha de estar com a família em uma visita ao Namibe, coisa chata, mas tinha de ser, dizia, pois haviam chegado em sua casa dois primos de Portugal, Tiago e Manuel, estes não davam descanso, queriam andar, andar e andar, conhecer esta terra agora muito bem falada lá no polo norte. Carla era um dos guias nas visitas, não havia remédio. No Namibe vivia um tio-avô chamado Eduardo, o qual se deixara ficar naqueles terras já a muito tempo, este tinha muitos bens conquistados ao longo dos anos com muita insistência em negócios e algumas prestações de serviços em manutenção e reparação de eletrodomésticos, colocação de telhados etc., preguiça não fazia parte do seu vocabulário, ao contrario de alguns compatriotas que quando chegavam sentiam-se donos, patr porém, nele sempre via-se um funcionário, um trabalhador. Veio para a Angola em 2005 aos seus cinquenta e quatro anos e ainda trabalhava com vontade e vigor apesar da idade. Para dizer a verdade esta nunca foi um incómodo, até a dada altura. Mantinha-se ocupado e quando estava livre tinha uma

pilha de livros o esperando na sua sala arejada, assim pensava pouco na viuvez, na mulher que tanto amara, Susana, o amor de toda vida. Os filhos, Jónatas e Ana já eram donos de seus narizes, portanto, faziam suas vidas em Portugal, sempre com o auxílio de algum dinheiro enviado pelo pai. Tinha empregada em casa cuidando de tudo, empregados na média empresa e finalmente os amigos que não dispensavam uma cerveja fresca ou vinho à beira mar. Ainda pensava em voltar para Portugal, talvez morrer no Alentejo, terra que o viu nascer, e de boa parte de sua infância, mas agora talvez fosse inapropriado pensar em morrer, só mesmo em reforma, sim, reforma em Portugal, bastava despachar tudo aqui, vender tudo?! Não. Deixar nas mãos de alguém? Ninguém de confiança para tal. Vinha pensando nisso já a algum tempo, como ficará? O facto mesmo é que o tuga-coroa tinha um bom dinheiro guardado, já estava praticamente de reforma aqui e podia viajar quando bem quisesse, talvez em um ou dois anos, aproveitar encher um pouco mais os bolsos enquanto cá está. Carla apenas o viu umas duas ou três vezes em dez anos, coisa que não a motivava a prosseguir viagem até à casa do velho. Os pais já lhe tinham explicado o grau de parentesco quando o senhor apareceu pela primeira e única vez em sua casa, desde então era raro um encontro entre ambos. Também não havia muito interesse em visitá-lo, afinal o pai que era seu parente não o via, mania de grandeza, cada um metido nos seus afazeres, porque ela Carlinha seria a exceção da regra? Iriam no enterro dele se fosse o caso.

Power sai do banho, o cheiro na casa é do detergente super aromático que a mãe tanto adora, eu também gosto, pensou como se corrigindo, todos gostamos cá em casa. Zunana ainda esfrega o chão, agora no corredor.

– Bom dia Zú! – Saudou alegre.

– Bom dia! Como está? – O sotaque era diferente.

– Estou bem, I'm fine and you?

– All right...

– I can see, eu posso ver... continue mana! – Falou afastando-se desta. A mãe deve, não, desta vez eu mesmo contrato uma boa empregada, ainda no principio de Janeiro, esta casa é grande e cá já não tem alguém folgado para dar conta das limpezas. Agora com a faculdade, escola, curso, treinos, trabalho, não, tem mesmo de ser.

No quarto ainda de toalha, checa o telefone, tem uma mensagem da Tina, esta saúda-o e diz que volta entre cinco seis de Janeiro.

“Tão longe?”

Escreveu brincando.

Brincou?

A moça respondeu quase instantaneamente:

“Aqui não está uma grande coisa, vem me buscar!”

Um sorriso leve, e volta a escrever:

“Bem, aqui também não está uma grande coisa, estou meio que sem ideia. Para onde a levarei?”

Demora um pouco, ele vai até ao espelho, balança a cabeça soltando muitas gotas de água das tranças cada vez mais longas, enxuga-as com outra toalha quando ouve o toque de mensagem, abre:

“Pra qualquer lugar desde que esteja com vocês. O 25 foi muito good!”

Power fica parado olhando o pequeno ecrã, estas palavras parecem tão reais. São reais. Lê mais uma vez e de repente tem a perceção que aquele “vocês” na verdade é um “você”, ou ele quer que seja um “você”? Fica na ambiguidade, a verdade é que ele gostou da mensagem, parece que tocou em algum órgão de sentido, sendo assim, a sms é válida para um ou outro caso. — Porra Power! O que é isso? Nada, não é nada. — Diz para si mesmo balançando a cabeça muito rápido o que faz soltar mais pingos de água das tranças e logo se lembra que tem de acabar de os secar.

“Estes dias de final e início de ano passam a voar, logo logo estás aqui vais ver! O 25 foi um dia bem passado ao lado dos amigos, tenha um ótimo dia!”

Escreveu sem intenção nenhuma de prolongar a conversa. Do outro lado a moça respondeu rapidamente:

“De igual modo pra si, obrigada!”

Devo mazé organizar os matérias de agronomia, nada de deixar coisas para a última hora, pensou rispidamente.

No dia seguinte a tarde, Carla deu uma fugida de casa para estar com os amigos em casa de Power, compensar o 25 semiperdido.

— Afinal não foi tão má assim esta viagem. — Disse o Joel. — O coroa precisa que alguém tome conta das coisas aqui.

— Ya, ele já não volta, isto é evidente, ora, se quer que tu fiques com as cenas não devias olhar atrás, aceita logo! — Disse o Rico.

— É, aceita logo antes que os outros se apercebam e coloquem a mão, e nós sabemos que nem todos merecem uma coisa assim. Sorte não existe, devemos é merecer as coisas. — Disse a Sónia.

— Eu mereço?! Só vi o velho três vezes em dez anos! — Disse a Carla encolhendo os ombros.

— Isso não importa. Hah sei lá! Vai ver ele viu algo em ti não visto em ninguém. Repara que decisões assim não são tomadas do dia para a noite, ele tem procurado dar tudo pra alguém, tu és a escolhida, ponto. — Disse a Sónia querendo rir de si mesma, falando e fazendo gestos com as mãos imitando a atriz polémica da novela das treze, conhecida entre as moças.

— Está bem, mas, eu não sei. Sei o que faria com o dinheiro que ele me dispôs, e não é tudo o que tem, uma parte ainda vai vender. Não sei se devo aceitar.

— Tá, mas ainda é a maior parte a que ele deixa com você? — Interrogou Power.

— Sim.

— Não maya! — Explanou a Sónia.

— Ai, o que eu faria com um dinheiro como esse!... — Exclamou o Joel olhando para as nuvens sorrindo brincalhão.

— Não brinca! Isso é sério. — Disse a Carla dando-lhe uma palmada no ombro.

— Ya, muito sério, e não é coisa que não acaba, mal gerida, tudo vai para o espaço num abrir e fechar de olhos. — Disse Power.

— Verdade. — Assegurou o Joel se recompondo.

Power continuou:

— O que os teus amigos estão tentando dizer, só que de uma maneira muito emocionada é que, é uma oportunidade única a que te é dada, devias pensar bem antes de dizer não, o problema é que tens muito pouco tempo pra isso, vamos te ajudar desse jeito: Eu e todos que estão aqui, neste quintal, nesta casa, todos sabemos que tu não és uma interesseira, oportunista, vilã, sanguessuga, enfim, todo tipo de nome que serve para alguém com essa natureza, tu não és nada disso e não será esta aceitação que há de mudar isso. Percebes? Tu és a Carla, vindo esta oferta ou não, aceitando-a ou não.

Carla fez uma pausa ajeitando as costas na cadeira, respirando, todos ficaram em pause.

— Às vezes dizer não, não tem cabimento. — Disse em fim a mulata quebrando o silêncio.

— Graças a Deus! — Exclamou a Sónia levantando a mão em direção à garrafa de sumo que estava em cima da mesa como que querendo brindar a alguma coisa.

— Mas ainda não digo "sim". — Rebate a Carla. — Digo talvez.

— Já é meio caminho andado. — Disse o Rico.

— Então como vão os teus primos? São gatos? — Inquiriu a Sónia fugindo um pouco do assunto.

— Hah, ninguém merece... Chatos, falam muito, eu sempre me esforçando para responder, e a conversa continua... Viriam comigo, mas acho que finalmente perceberam que eu tinha uma vida antes deles e tenho uma vida sem eles.

— Imagino... — Disse o Joel.

— Só queria mesmo estar com os meus amigos, o Natal foi super, já fiquem sabendo. — Disse servindo-se do lanche na mesa.

— Éh, foi como disseram! Não. Melhor do que disseram! — Disse o Joel sarcástico.

— Hah, hah... Hah foi?! Parabéns! — Disse a Carla com o mesmo tom sarcástico.

No resto da tarde falaram de coisas várias desde o revellion às portas, a faculdade, alguns planos para o ano vindouro etc.

31 de Dezembro. Último dia do ano até, agora nenhum sinal da Tina, nem mesmo uma mensagem, ele também não fazia sinal nenhum. Até esteve desligado das redes sociais, gastando a maior parte do tempo com as matérias interessantes de agronomia, imprescindíveis para o êxito no exame de acesso à faculdade.

Mas mesmo super entretido com a leitura de fascículos, pesquisas na internet e resolução de exercícios, de quando em vez dava uma espreitadela na caixa de mensagens do telefone, esta sempre vazia. Até a estas últimas horas ainda se debatia com a ideia de ir ou não ao revellion mais logo. Iria se decidir na última hora. Quanto as mensagens, sabia que receberia muitas de “feliz ano novo”.

A festa estava uma coisa bonita, o branco dominava como cor de fundo no salão, a decoração e também os trajés do pessoal, afinal não são assim todos os revellions? Power está sentado com um copo na mão a direita do Dj, tinha decidido ficar assim desde que chegara. Ali numa das quinze ou dezasseis cadeiras colocadas sobre um tapete, parecia uma área vip. Era uma área vip. A música sabia bem, era um pop atrás de outro. Em casa apenas tinha ficado os cães, a mãe foi a um jantar de gala ao qual fora veemente convidada, um revellion de requinte com muitas entidades, Vilma, Zunana e Sara foram a uma outra festa a três quartos de casa, enquanto ele, Power, foi raptado por Carla, Joel e Rico quase o arrastando para fora de casa, pois este não estava com disposição para festa, nem mesmo uma de passagem de ano. No entanto, não pode negar aos amigos algo assim. Então estava ali bebendo quase displicentemente a sua bebida energética, era o quinto copo mas ainda estava sentado.

— Man, a que horas vais levantar desta cadeira?! — Diz o Rico sentando-se ao lado de Power. — Já viste a miúda aí ao lado? Ela não tira os olhos de você. — Power apenas olhou rapidamente a dita moça e voltou a dar um trago na bebida franzindo a testa.

— Chega lá! Hum?!

— Táh. — Disse fazendo um “sim” com a cabeça. — A Sónia? Ainda vem?

— Yeah, disse que ainda vem com um irmão e uma prima.

— Yeah mas são vinte e três e vinte... Ups! Falando nos anjos... — Disse apontando com o copo para a entrada do salão de maneira que só eles dois podiam entender. Lá estavam eles Sónia e mais um e outra acompanhante. Logo receberam um sinal da Carla do outro lado onde tinha um sofá de forros vermelhos. — Nossa! Ela está muito gira! Uma das mais bonitas desta festa, esse tudo branco lhe ficou realmente fixe, soltou o cabelo, está afro não? Está muito diferente, simplesmente deslumbrante. — Power ainda não tinha percebido que já estava a falar sozinho, pois Joel apenas sabia contemplar o fulgor da recém chegada, parecia havia uma áurea nela, podia jurar que via uma áurea nela agora. — Joel! Brow!

— Hum, sim. — Conseguiu responder, Power apenas lançou-lhe um olhar compreensivo e disse levantando-se:

— Eu vou ter com esta miúda ao lado.

— Yeah!... — Disse Joel levantando-se também, desta feita para ir cumprimentar a resplandecente Sónia e outros dois.

Tudo em cima, as luzes lampejavam em brilhos mais notáveis, afinal soavam agora as grandes faixas de Hip-hop mixadas pelo Dj Luna. Saltos, cabeças a mexer, copos no ar e finalmente fogos-de-artifício no alto.

Era agora um novo ano.

DOZE

Tina sai de casa, bate fortemente com a porta. A briga foi feia, de cá fora no quintal ainda dá para ouvir a mãe gritar algumas palavras. Desta vez a moça não quer ir à marginal como da outra vez nem mesmo até à casa da irmã da mãe no prenda, não, agora ela só quer voltar para a casa, para o Lubango, de onde nunca devia ter saído. “Não para vir cá em Luanda ver os pais, estes nem sequer sentem a minha falta, basta-lhes os meus irmãos pequenos para serem super, giga-hiper felizes, claro! Eu não sei o que ando aqui a fazer...” Pensou severamente. Que seja, amanhã mesmo me retiro daqui.

– Tina às vezes não te entendo filha! – Disse a mãe aproximando-se.

– Às vezes!... Parece que a mãe nunca me entende mesmo, vocês... – Disse afastando-se como que querendo fugir desta.

– Nós, eu e o teu pai só queremos o seu bem, sim, tu não devias ter saído de Windhoek, devias ficar e terminar o que te levou lá, parece que tu sempre darás problemas filha...

– Terminar o que me levou lá?! Foram vocês que me levaram lá, me obrigaram a ficar e eu não quis terminar e se eu sou um problema mãe, lamento, não pedi para estar aqui. – Disse com a voz chiada e com lágrimas descendo dos olhos, abanando a cabeça.

– Auto lá miúda! O que estás por aí a dizer? Vê lá como falas, tem muitas meninas que gostariam muito de ter uma vida como a tua, nem que fosse só por um dia, nós trabalhamos muito para te sustentar, desde pequena nada te faltou, caso ainda não tenhas notado. Tu andas muito alheia àquilo que nós perspetivamos para ti, era pra ser mais do que isso que tens mostrado, te preparamos cursos melhores não quiseste, sugerimos ótimas escolhas, não quiseste, é uma pena. No mínimo devias te emendar, começar a olhar para frente com outros olhos. – Com estas palavras Tina apenas olhava para a mãe e de seguida para o chão ou para o portão e quando a mãe terminou conseguiu dizer.

– Mãe eu não sou uma desligada, uma inútil só porque não fiz o que vocês queriam, como vocês queriam.

– Tu és muito insolente e mimada, acorda desta sonolência e enxerga as coisas por favor!

– Eu vou ficar a morar no Lubango.

– Sozinha?!

– Sim, eu sempre estive sozinha, não sei o que vim cá fazer, vocês só têm sentenças para mim, sempre me punindo, sempre a me criticar, a mãe nunca quis saber o que eu tenho sonhado, o que eu gosto, claro isso, não importa. Também tenho os meus medos mãe. Minhas frustrações, a mãe não sabe conversar comigo nem pelo menos me ouvir, então eu ando vivendo a minha vida assim. – As lágrimas não paravam de rolar no rosto, os olhos agora se tornavam mais avermelhados. – Eu estou sozinha.

– Ora essa agora! Virás com esta conversinha em que te tornas inocente... Nós nunca te abandonamos...

– Pois não, afinal sempre ainda tenho dinheiro na conta e um bom lugar para morar néh!? – Disse olhando fixamente a Dona Isáura, esta sentiu ironia nas palavras da filha e enfureceu-se ainda mais.

– Tina tu tens que me respeitar, deves nos respeitar minha filha! Não goze comigo miúda! Pois sem este dinheiro que estás aí a desprezar, onde tu estarias hum? O que você seria? Devias agradecer, sua ingrata, é por isso que não aproveitias nada do que tens, não sabes valorizar sua...

– Eu te odeio mãe! – Disse fugindo desta, entrou em casa e foi trancar-se no quarto, talvez deixar passar duas horas pelo menos até chegar a tarde para comprar uma passagem de autocarro para o Lubango. Tinha de ser hoje.

Chegada a tarde, a menina não perde mais tempo, levantou-se da cama, foi lavar o rosto antes encharcado de lágrimas mas agora seco, arrumou o cabelo, só não dava para arrumar os pensamentos, o interior estava uma confusão, sabia o que queria, voltar ao Lubango neste novo ano que começava, mas o que aconteceu hoje, esta briga com a mãe, a indiferença do pai, era de mais para ela, sofria com isso. Sozinha.

Foi comprar a passagem.

Sairia as quarto horas da manhã, em casa todos já estavam informados. Preferiu mesmo ir passar a noite na agência de viagens, ao que o pai não a contrariou, apenas disse:

– Sabes que eu mesmo te posso levar à paragem às três horas néh? Ou mesmo o Jino. – Tina apenas assentiu com cabeça mas continuou a caminhar, arrastando a mala em direção ao carro que o Jino conduzia

para levar e ir buscar as crianças à escola, passeios, compras da casa etc., todo tipo de apoio.

Jino era um empregado da família nesta área. Jovem de vinte e oito anos, proveniente do Huambo, sem muitos estudos, já nos seus vinte e dois anos fez as cabeçadas para adquirir as cartas de condução, conseguiu mais tarde e não demorou muito para que começasse a trabalhar como moturista. Hoje para a família Fonseca, contratado pela dona Isáura.

Tina é forte, mesmo vivendo um descalabro por dentro, não o mostra por fora. O pai fala um pouquinho com ela antes que esta suba ao *Lexos* azul escuro que já tem o Jino no volante a esperando. Às breves palavras do pai Tina apenas balança a cabeça concordando. A mãe está observando a cena da janela da casa. Terminada a conversa, Tina dá um abraço no pai e entra no carro. Dona Isáura não desvia o olhar, apenas aperta os lábios e respira fundo ao ver o carro se afastando dali.

21h e 30. Nas ruas os enfeites de natal ainda tomam conta, ela não os quer ver, então fixa os seus olhos na parte traseira do banco a sua frente.

Eu podia te levar às três horas se quisesse, hoje, dia quatro de Janeiro, pra quê voltar já? Podias ficar, curtir um pouco, estes dias assim de início de ano é que cuia mais tchilar aqui na Nguimbe. — Disse Jino como que querendo alegrar a moça do banco de trás, péssima ideia, péssima observação, a moça nada respondeu. Até à paragem Jino não falou mais nada. Chegaram, o jovem motorista abriu o porta bagagem, tirou a mala encerrou-o e acompanhou um pouco a moça até ao alpendre, esta fez um sinal com a mão dizendo que bastava, tomou a mala na mão e afastou-se depressa do jovem, este ainda ficou atento nela, demorou um pouco, mas finalmente virou-se de regresso ao carro.

Passam-se as horas e finalmente chega o momento da partida.

O autocarro movimenta-se num ritmo gradual e logo logo é possível ver os bairros sendo deixados para trás, agora parecia que o motorista do grande veículo estava fugindo de alguma coisa, querendo remover-se dali o quanto antes. Tina está confortavelmente acomodada no seu banco, o relógio marca 3h e 35 minutos, as luzes internas do autocarro estão apagadas, ficando acesas apenas duas barras azuis que saiam de uma extremidade para outra em todo comprimento do carro e mais uns botões vermelhos, azuis e verdes no teto. Agora é só ela. Atravessando casas, prédios, ruas, avenidas, deixando tudo para trás, caiu para dentro de si mesma, mergulhando no mais profundo do seu íntimo, fundo e mais fundo, até onde podia chegar e, bateu. Bateu uma saudade, uma tristeza

tão grande, uma dor. Saudades de quê? De quem? Um sentimento tão obscuro, tão inerte, era inexplicável, simplesmente a moça não pôde resistir, caiu. Caiu sobre si mesma e agora só chorava, chorava amargamente em silêncio com o rosto virado à janela de modo a evitar chamar a atenção da senhora ao lado no banco a sua direita. As lágrimas desciam mais e mais, ouvindo *Fingertips* nas auriculares, via a sua vida uma indignância. Ninguém a podia julgar dizendo que não era assim, só ela sabia o que sentia. Não era feliz. Via-se uma sobrevivente nas trincheiras do "eu", abandonada, em plenas batalhas da existência, tumultos da vida. Talvez fosse culpada. Sim havia certa dose de culpa em seu íntimo, talvez um pouco exagerada, certas coisas não entendia, preferia não julgar mais, atirando a culpa à si mesma, afundava no caos que tinha por dentro. Sofria.

Ao final da tarde, a moça estava na terra do Cristo-rei. O resto da viagem tinha sido de muita reflexão e autoconsolo, pensando no que podia fazer de sua vida daqui por diante, em algumas de suas qualidades, se não mesmo as melhores. Conseguiu se enxergar, não era uma pessoa má. Porém ainda estava triste, já no táxi ligou para a Sónia dizendo-lhe que acabara de chegar, esta imediatamente prontificou-se a ir vê-la, afinal estava morrendo de saudades apesar do pouco tempo e também notou alguma nostalgia na voz da amiga, primeiro iria buscar a Carla.

— Porque não vieste de voo? — Indagou a Carla.

— Nada mesmo, quer dizer, quis passar algum tempo sozinha, enquanto viajava, vendo a paisagem... — Disse Tina saindo do banho com uma toalha envolta do tronco às coxas.

— Amiga, o que aconteceu? Conta-nos, tu não pareces lá muito bem, ninguém te conhece melhor do que nós. — Disse a Carla com muita mansidão.

— Éh... — Concordou a Sónia, ambas estavam sentadas na cama. Tina fez uma pausa, respirou, e disse:

— Os meus pais, estão nem aí pra mim, com a minha mãe é só briga, o pai é indiferente. — Diz sem querer ir muito distante. — Eles estão nem aí.

— Aih, mas como assim querida?! — Perguntou a Sónia.

— Psiu! Eles estão nem aí, o mesmo de sempre, parece que não gostam de mim, mas... Que seja, eu estou aqui, quero fazer a minha vida.

- Sinto muito meu bem!... – Disse a Carla levantando-se para ir abraçá-la, Sónia faz o mesmo.
- Não está só “Tih”, estamos aqui. – Disse a Sónia.
- Sim, estamos aqui, de quando em vez viremos passar cá a noite. Nossa casa. – Diz a Carla balançando o dedo indicador. – Para começar mesmo passo aqui a noite hoje, hum?! – Disse olhando para Sónia.
- Ai! Infelizmente hoje não posso, tem coisas lá em casa das quais não me posso baldar, é minha vez na cozinha, saindo daqui ainda devo passar na peixaria... Mas amanhã venho.
- Ótimo, eu fico hoje, amanhã tu vens, só tenho de fazer uma ligação, ao Dady, digo-lhe que é uma emergência, a minha amiga precisa de mim hoje.
- Ah... Obrigado amigas! Vocês são as melhores amigas do mundo.
- Deixar-te sozinha neste estado é que nem pensar, agora bora lá animar-se. – Disse a Carla.
- Sim, vamos um pouco até ao shopping comprar o vosso jantar, depois passamos na peixaria. – Disse Sónia.
- Sim boa ideia, por falar nisso aqui em casa não tem acompanhantes, só muito macarrão, arroz, fuba, feijão... – Disse Tina. – Hum, tem muito por se comprar. Como sabias que faltava o jantar?
- Palpite querida, e também vi a tua geleira, está às moscas, só um iogurte abandonado.
- Então é melhor irmos andando miúda, coloque uma roupa! – Disse a Carla.
- Dez minutos. – Disse Tina pondo a mão no enorme guarda-fato feito de madeira pura. – Meninas, eu bem podia ter comprado algo pra cada uma de vocês, mas a pressa com que saí de lá... Não pensei em mais nada. – E logo veio à mente a imagem dela chorando no autocarro. – Desculpa!
- Ah, tudo bem amor... – Disse Carla.
- Não seria pra menos “Tih”, está tudo bem, afinal ainda podes pagar aqui. – Disse a Sónia divertida.
- Claro! – Disse Tina querendo rir.

As três amigas prosseguiram em conversas sobre faculdade, os preparos, assuntos de meninas, planos a médio e longo prazo, mas antes Tina já havia perguntado por Power e Sónia falou dos primos gatos de Portugal obrigando a Carla a tecer mais comentários sobre ambos.

A peixaria acabou sendo o primeiro lugar que visitaram dado que o relógio avançava, e avançaria ainda mais fazendo com que a Sónia ficasse apertada entre “tempo e dever”. Assim sendo, esta pegou um táxi de volta à casa com um enorme saco de peixe na mão enquanto Carla e Tina seguiram para o super mercado um pouco mais para frente no quarteirão seguinte.

– A tia Dora vem morar contigo?! – Disse a Carla enquanto viam os produtos e os respetivos preços, empurrando os carrinhos de compras num dos corredores da loja.

– Sim, já conversamos sobre isso antes de ir pra Luanda.

– Ela é fixe.

– Sim é uma gracinha, um pouco atrapalhada mas é responsável, alegre, ela me entende um pouco sabes?!

– É adulta.

– Sim, menina tu estás a impelir-me a dizer muito “sim” hoje. – Disse Tina balançando a cabeça e sorrindo.

– Sim, sim, sim... – Disse Carla.

– Sim, sim... – E riram. Tina parecia mais descontraída agora. Também ela sabia guardar muito bem as suas mágoas, estas raramente a devastavam como da última vez, a poucas horas, no principiar deste dia.

– Quando ela vem?

– Bem, quando eu lhe dar um toque, farei isso quando chegarmos em casa, possivelmente ela virá amanhã. Viajei, ela não quis ficar em casa sozinha, já era pra estar lá agora.

– Entende-se, prefere ficar sozinha lá em sua casa onde já está acostumada.

– Claro, a solidão seria “diferente” na casa alheia, mais dolorosa, “assustadora” ou não sentiria nada... – Sorriu de novo. – Transformava aquilo em sua casa e pronto.

– Yeah, só tinha de pensar, “esta agora é minha casa” “consciencializar”, mas isso depende muito da habilidade de cada um, nem sempre é tão simples. No teu caso és perfeitamente capaz de passar a noite sozinha em tua casa ou em outra normalmente, eu sei disso e me assusta, e admira, muito mais me admira, na verdade o susto a que me refiro também é relativo a admiração. – Tina calou-se, colocou as muitas finas e compridas tranças lá atrás da orelha, talvez para ouvir melhor a amiga, agora iam mais devagar, bem mais devagar. Carla continuou. – Faz-me pensar no que carregas ali dentro, no que tu passaste, hoje és o que és e ainda te tornarás. Tu és forte Tinelsa. Eu... é um orgulho ter-te como amiga. Dás-me forças sabias?! E eu vou estar sempre aqui pra ti, está bem? Eu amo-te. – Com esta palavras Tina quase ficou sem forças nos pés, a amiga falava francamente.

– Obrigado Carla! Eu também te amo. – Sentiu um reconforto por dentro, as palavras da Carla ecoaram fundo, eram como chuva em regiões secas e áridas.

Continuaram a escolher mais alguns produtos e foram fazer o pagamento.

A geleira agora estava abarrotada, as moças conseguiram trazer para casa uma quantidade considerável de produtos, desde lacticínios às hortaliças.

– Então o vosso revellion foi bem a maneira...

– Hum, podemos dizer que sim, estivemos todos lá, foi uma festa bem organizada.

– Ai, que inveja!

– A Sónia esteve bem no look, saiu mesmo como a mais bela da festa.

– Uau, imagino. E o Danny

– Esteve bem, animado. – Carla disse fechando um olho e balançando a cabeça.

– Bom...

– Bom seria se ele estivesse animado como no vinte e cinco, vocês divertiram-se pra valer....

– Sim, foi fixe, bem espontâneo.

— Sem você não foi a mesma coisa, todos estiveram lá, menos você, então foi diferente. — Disse olhando fixamente a amiga, Tina sentiu um calor subindo a barriga e achou que tinha de responder e encerrar o assunto, pelo menos pôr limites.

— Ah, eles estavam todos molengas, ninguém quis organizar alguma coisa, eu só fui diferente, tinha de ser, desafiei-os a fazer algo diferente, melhor dizendo. — Disse desviando o olhar para a TV.

— Han-han... e funcionou. — Carla disse fingindo mal que acreditava. Tina hoje estava mais branda que de costume, melancólica, não era dia de a contrariar, ou discutir certos factos, bastaria a companhia, nem que fosse mesmo em silêncio, afinal por vezes as palavras se tornam mesmo desnecessárias quando tudo que precisamos é uma ação. Então Carla aproximou-se um pouco mais da amiga de formas a ficarem juntinhas uma da outra, passou um braço em volta dela, Tina logo caiu com a cabeça no peito da amiga. Era oficial. Não tivera dias fáceis em Luanda.

Continuaram conversando e vendo TV acomodadas no enorme sofá enquanto coziavam o jantar.

No dia seguinte ainda pela manhã Power foi até à casa da Tina , esta estava feliz por o ver, ele também, naturalmente. Conversavam na sala enquanto a tia Dora fazia limpeza em alguns cômodos da casa, a estas horas da manhã Carla já havia ido embora tendo algumas coisas para adiantar, como o encontro com o grupo de estudo preparatório para os exames de acesso à faculdade, estava comprometida até ao pescoço com o dito cujo, passaria mais tarde, se desse tempo. Power consentiu bastante, entristecendo-se com a narração da moça, sobre o que se passara com ela, sobre como as coisas estavam, tudo que podia fazer era transmitir alguma força, encorajar e desejar coisas boas para a amiga, era certo dizer que ela vivia um drama. A sua vida como tal não era mesmo um drama? Ouvia atento, buscando inferir e relacionar certos pontos da conversa, que ao todo parecia mais com um desabafo mas ele não a deixava divagar sozinha. Confortava-a. Os pais da moça faziam como sempre, mandariam dinheiro para ela, dinheiro nunca fora problema, sempre tinha algum na conta, pois já há um tempo que a moça parara de fazer gastos desnecessários. Recebia dos pais antes mesmo de ter consumido totalmente o que tinha no banco. A casa estava praticamente em suas mãos já que os pais não voltariam cá morar. Pelo menos não agora. Seus pais tinham-se mudado para a capital já há um ano quando seu pai ganhou uma promoção, a oferta de salário era inegável, no entanto, havia uma condição, ir trabalhar em Luanda. Dona Isáura, sua mãe, também era funcionária da mesma empresa na área de marketing, Jaime Fonseca, seu pai, era consultor e diretor, controlando

algumas áreas importantes na empresa. Parece que o P.C.A viu o seu desempenho de lá de cima e gostou das ideias do senhor Jaime, algo que não via em mais ninguém no universo de funcionários por todas as províncias onde estavam instaladas as respectivas filiais da I.T.G (Ivan Thrive Group), então estava feito o convite, era quase irrecusável, o casal esperava por algo assim há muito tempo embora não levantassem a hipótese de terem de se mudar para Luanda necessariamente. Pois é, não dói tanto assim pensar em sacrifícios quando queremos algo de verdade, algo maior, dizem até que somos capazes de suportar o que for necessário para atingir certos objetivos, sonhos, conquistas, não importa se entre os sacrifícios tenhamos que ir dar uma volta a Marte. Proposta feita era agora ou nunca. Senhor Jaime aos quarenta anos não queria uma nova vida, pensou, queria era dar sequência à vida que tinha, melhorando agora com o passar do tempo. Mania das pessoas em achar que mudam de vida com a introdução de A ou B, coisas materiais, mudou de carro, mudou de vida, mudou de casa mudou de vida, mudou de emprego mudou de vida. Não. A vida continua sendo a mesma desde a concepção no ventre das nossas mães, apenas crescemos, evoluímos, sei lá, tornamos-nos, mas não trocamos de vida, isso não. Mania das pessoas em querer sempre recomeçar, “agora um novo caminho, agora um novo...” isso nem sempre deve ser assim. Até chegou a pensar em coisas de igreja, ele que não era e nunca fora ligada a nenhuma. “Mude a sua vida!” Não. Seria “mude a maneira como encaras a sua vida.” Desistiu no pensamento, foi falar com a mulher. Dona Isáura não quis ficar para trás logo levantou a hipótese de ambos seguirem para a capital, nem que ela tivesse que ficar sem trabalho, pois o convite era apenas para o marido. Não quis saber, depois dariam um jeito. Assim foi, mudou-se o casal e os dois filhos, Jerson e Nana. Agora a mãe também trabalhava, afinal o “Doutor Jaime” como era tratado agora, fez o que tinha de fazer para a ter como funcionária.

Tia Dora acabou de fazer a limpeza.

— O que faço para o almoço? — Perguntou interrompendo a conversa dos dois que agora parecia mais branda.

— Hun, pode ser mesmo peixe. — Diz Tina olhando para a tia e de seguida para Power como se quisesse ver alguma reação no amigo. — Com arroz?! Sim com arroz por favor! Aquele mesmo que só você sabe fazer minha cota! — Completou com olhos bonitos e mordendo o lábio por dentro. Tina estava linda esta manhã, na verdade acabara de acordar quando Power chegou, apenas lavara os dentes, ainda com a roupa de dormir e sem mesmo ter espreitado o telefone, ouviu a tia Dora chamar-lhe do corredor

avisando que Power tinha chegado, correu do banheiro para atender o amigo.

– Acho que não fico para o almoço. – Disse Power.

– Não, por favor, fica! – Disse Tina com algum desespero na voz. Nem percebeu já tinha pedido favor, ela que não era muito de usar esta palavra, podia pedir de muitas formas usando as mil maneiras que existem sem ter de usar “favor”, a não ser que fosse absolutamente necessário.

– Fica! – Acresceu tia Dora, Power olhou pra o relógio e depois para a Tina.

– Fico. – Disse balançando a cabeça.

– Obaa! A tia Dorivalda vai caprichar no almoço. – Tina acompanhou a sua fala com um gesto reforço de cabeça.

– É melhor eu ir andando então. – Disse a tia Dora como que pedindo permissão para se retirar.

Dora era uma mestra na cozinha, fazia um arroz com tudo, pratos da terra, especialista em carnes, era uma investigadora gastronômica, prima da dona Isáura, uma das poucas com quem esta se dava, a mais privilegiada em regalias que as demais familiares nem podiam sonhar ter. Dona Isáura, afastara-se da família e quase mesmo dos pais quando se casou, não é o que acontece na maioria dos casos?! Bem, aconteceu com ela, esteve distante, por fim ouviu o falecimento primeiro dum e depois de outro progenitor, o sentimento de perda foi igual em medida para ambos os casos. Quando mais jovem vira crescer “Donivalda” assim chamada pela criançada, Dorivalda de registo, hoje aos vinte e nove anos era empregada de restaurante, sempre respeitou e obedeceu a mana Isáura, sem muitos estudos, quarta filha de sete irmãos, independente como era hoje, passou a morar com outras três primas e depois sozinha, falar de homens é um assunto delicado, muitas trocas e vai e vem, aborto. Cansada do machismo que padroniza, aliás que tem de necessariamente padronizar os relacionamentos. Agora ainda buscava estar sóbria, só, inapropriadamente para alguns. Ela sabia que o relógio estava a voar e ela ficando. Nem um filho tinha, resguardada demais. A moça parecia estar abaixo da sua idade, baixinha de corpo pequeno, não era bela como a sobrinha Tina, mas também não era feia de morrer, Rico surpreendeu-se ao conhecer esta criatura que era tratada de “tia” tão precocemente. Soltou uma gargalhada depois de um longo tempo de seriedade. Dora aceitou morar com a sobrinha, afinal também era esta a vontade da dona Isáura, expressa numa ligação telefónica.

TREZE

"Dois meses depois,

14 de Março de 2017"

As nuvens tormavam-se cada vez mais escuras no céu, eram dezoito horas numa terça-feira.

Tina saía da padaria rumando para a casa. Demorou um pouco até ser atendida pois a padaria estava cheia, de facto havia uma carência de pão em boa parte da cidade, havia gente que tinha saído das bandas de lá de cima e de lá em baixo com o mesmo objetivo, a compra do rei sustentador. A informação de que na padaria do Bronn saía quentinho corria. Por isso, o aglomerado de gente, mas finalmente tinha conseguido e agora só queria chegar a casa, jantar mesmo deste pão, irada pela eterna espera acabou comprando pão para três dias. O tempo fechou, escureceu mais cedo devido a ação das nuvens que agora pareciam ser de tempestade. As trovoadas falavam mais alto, os relâmpagos não queriam ficar de fora. Como se isso não bastasse, a energia também tinha ido embora, por medo dos relâmpagos, a cidade ficou às escuras. Começava a dar medo agora. A moça só queria chegar em sua casa. Os primeiros pingos começaram a se fazer sentir como quem não quer nada, precipitavam-se colando a terra, o alcatrão, roupas, peles e tudo em que podiam. Era evidente que haveriam estragos. Sentia-se no ar. Estava escrito. A moça agora corria mais apressada, dobra a primeira esquina, a segunda, não estava muito distante de sua casa, mas hoje parecia estava a correr atrás do horizonte, nunca mais chegava. A chuva não quis mais esperar, começou a cair em arremessos mais perceptíveis e rápidos, era tudo rápido e assustador. Havia uns outros poucos na mesma situação, correndo para chegar o quanto antes a algum lugar. Carros eram os mais apressados, ela só tinha de correr mais um pouco, amarrou o saco de pão, não dava para fechar muito pois este estava impar, os pães quase saltavam para fora, "devia ter ido procurar pão mais cedo, ou não devia ter saído de casa bolas! Mas fazer o quê, eu tinha só era vontade de comer pão, lá em casa acabou ontem, mas agora estou na chuva, ótimo, que se dane!" Falou em seu íntimo. Continuou apressada, um pouco mais para esquerda, um pouco mais para a frente, outra vez a direita e já dava para ver a sua casa, um passo e mais outro, antes que pudesse começar a atravessar a estrada aparece um carro no cruzamento, bem a sua frente, deu um susto enorme, os pneus do carro gritaram quando este parou, ao mesmo tempo ela para perante os vidros escuros, as portas abrem-se e antes que ela pudesse esboçar reação alguma, dois jovens saem agarram a moça e

empurram-na para dentro do carro, ela grita, mas inútil, os jovens aplicaram força na ação. Foi rápido, a moça apenas deu por si já estava dentro de um carro que arrancava na mesma pressa com que parara, fazendo os pneus gritar. Estava atônita, assustada, não podia entender o que se estava a passar, agora tremia de dentro para fora, começou a gritar fazendo perguntas, quem são vocês?, o que querem?, deixem-me descer, um deles a pegou, tapando-lhe a boca.

O telefone tocou... Ele não pôde ouvir o toque. Tocou de novo... nada, toca outra vez... Power está longe do quarto, a chuva forte que agora caía distraía-o, ficando a observar da janela da sala os relâmpagos rasgando o céu quase de minuto em minuto. Diferente dos fogos de artifício, estes sim eram clarões apavorantes lá no alto. Fechou as cortinas e deitou-se no sofá, deixou-se ficar acomodando a cabeça num travesseiro, sempre com os olhos na janela. Não buscava nada no pensamento, tudo calmo cá dentro, sem luz, Sara e Vilma estão nos seus quartos, a mãe não está em casa, é provável que esteja na casa da tia Solange, chegaria mais tarde, mas tudo indica que já não vem.

A tempestade torna-se mais forte gradualmente, daqui a pouco o ambiente na sala torna-se nostálgico, ao mesmo tempo assustador e preocupante, mas, preocupar-se com o quê? Não sei, estas chuvas sempre trazem consigo danos, problemas públicos e ou pessoais, mas ele estava bem, em casa, tinha toda a segurança numa enxurrada como aquela. Teve vontade de ouvir música pelos fones mas estes estavam longe, no seu quarto, e ele não quis sair do sofá, nem mesmo se mexeu. O tempo avança, chove torrencialmente lá fora, os relâmpagos já não se mostram, agora são as trovoadas e as gotas que dão o show. Ao fim de algum tempo levantou-se e foi para o seu quarto. Tomou os fones e o telefone, notou cinco chamadas e uma mensagem da tia Dora. Abriu a mensagem... Dora perguntava se por acaso Tina estava ali em sua casa, e que esta já saíra a um bom tempo e ainda não voltara, o seu telefone estava desligado, tia Dora estava preocupada. Power quis ligar na hora, olhou para a janela, ignorou a chuva pôs os fones e ligou. Do outro lado a voz de Dora ouve-se um pouco abafada mas dá para perceber através dos headfones hiper potentes:

— Alô! Danny.

— Sim mana, só agora vi as tuas ligações perdidas e a mensagem, hum, como é isso? A Tina não está aí?

— Não mano, ela saiu para comprar pão na padaria do Bronn, mas até agora nada, não voltou, pensei que talvez estivesse aí ou com outros

amigos, mas também não, já falei com todos eles, e depois com esta chuva. Estou preocupada.

– O telefone dela está desligado? Talvez esteja mesmo na padaria, deve estar presa lá devido a chuva. – Olhou de novo a janela. – Tem de estar lá, deve estar a esconder-se da chuva. – Queria esconder-se nestas palavras, esconder algum desespero, susto, medo. Não podia acontecer nada com ela, não, ela estava bem.

– Sim, talvez isso, os outros disseram o mesmo. Mas ela tinha que correr para casa néh?! Esta chuva não parece que vai parar agora, já faz uma hora.

– Sim tens razão mana, mas ainda são dezanove e dez, esta chuva só tem que abrandar um pouco.

– Sim mano.

– Mas eu vou atrás dela se não chegar nos próximos quarenta minutos está bem? Me avise se não chegar!

– Está bem, mas... esta chuva também... cáh! Está bem mano vou avisar.

– Então está bem, até já!

– Até já mano!

Power desligou e o pensamento voou, e se ela não estiver na padaria? Visto que não está com a Sónia nem com a Carla. É certo que tenha passado em algum lugar antes ou depois de ter ido à padaria, alguma casa sei lá, mas que casa? O pensamento é interrompido pelo toque do telefone... é a Sónia.

– Danny como vai? Eu estou bem, é só esta preocupação com a Tina, parece que ninguém sabe de nada, acabo de falar com a Carla, ela também recebeu uma mensagem da tia Dora, acho que tu também.

– Sim recebi... – A ligação ficou como se tivesse sido interrompida, colou e depois a linha caiu, tentou ligar de novo, não era possível, o telemóvel não chamava, tentou de novo nada, esperou.

Não houve outras manifestações até que recebeu outra mensagem da tia Dora dizendo-lhe que Tina não tinha voltado. Pensou um pouco, eram vinte horas agora, a chuva não parava, teria de ir andando até a casa dela, até que chegasse seriam mais alguns minutos em compasso de espera. Ir direto à padaria? Não seria uma boa ideia, ela acabaria por voltar assim que a chuva abrandasse, foi ver como estava o quintal, ficou

na varanda e sentiu o ar fresco no rosto, ainda chovia com alguma intensidade no escuro da noite. Ela acabaria por voltar para a casa assim que fosse possível, agora sentiu que foi um pouco precipitado em dizer que iria atrás dela caso não aparecesse, abanou a cabeça e passou a mão nos dread-loks soltos, respirou, é muito normal uma reação assim, foi algo espontâneo, sentiu que devia fazer alguma coisa, só quis ajudar, mas não seria uma boa forma de fazer isso, muito inusitada esta atitude, ela estava bem, Tina estava bem. Ela sabe cuidar-se, é uma miúda que já passou por muitas coisas, não é uma tempestadezinha que a vai fazer ficar sem norte. Ela sabe se cuidar. Quase riu de si mesmo quando pensou nisso. Ela aparece. Escreveu de volta para a Dora acalmando-a dizendo o que pensou. Tina iria aparecer, devia haver uma razão para este sumiço, vamos esperar, ainda chove muito. E não é que era verdade mesmo? Pegou no guarda-chuva da Sara que ficava logo atrás da porta de entrada da cozinha e foi dar uma olhada na rua. Abrindo o portão, o que podia ver com a ajuda da lanterna não era agradável, água correndo sobre toda estrada, havia portões que já estavam em cima dela. Assim não dá, isso parece um dilúvio. Entrou no quintal e recebeu outra mensagem da Dora concordado com ele, mas lamentando apreensiva. Power imaginou o semblante da moça nestes momentos, comoveu-se, entrou em casa. Como a chuva não parava decidiu mesmo ir deitar, assim talvez quando acordasse já teria cessado e tudo se normalizando, sim, a noite ainda é uma criança, pensou, ainda é cedo. Foi deitar-se.

Despertou três horas depois, a chuva tinha cessado há uns trinta minutos, ainda assim a escuridão dominava a cidade, sem energia na rede. O telefone não tinha muita carga, ignorou isso, ligou para a Dora. O telefone chamou uma vez e na segunda a moça atendeu:

— Alô Danny!

— Oi mana, ela ainda não chegou? — A pergunta soou como se tivesse feito uma afirmação.

— Não... Ela não chegou... os soluços agora solavancavam o interior da moça, parecia mesmo que já começara a chorar antes, agora só dava continuidade.

— Vai ficar tudo bem mana, deve haver uma razão. Não devemos reclinar... — logo sentiu estar sendo pragmático. — Não devemos pensar baixo, pensar mal, não, ela está bem, tem de estar bem, então?! — Sentiu-se forte, confortado com as próprias palavras. Mas de jeito nenhum afastava aquela... ainda que pequena, mas estava lá. Era aquela dose de medo, medo de que estas palavras não descrevessem a realidade, portanto, que fossem o contrário da descrição da situação. Medo que não podia permitir a sua manifestação exterior.

– Está bem mano, está bem, temos que tentar ficar calmos, assim pensamos melhor. Ela vai aparecer, amanhã ou mesmo esta noite lá para a madrugada quem sabe. Logo ela aparece aí.

– Sim, é mesmo, ela é grandinha néh?! Sabe dar conta do recado. – Mais uma vez a sua mente deu um nó, perguntou-se porquê, ora porquê ela faria isso? Não é próprio dela. Não dá para entender.

– Tá, mas quando ela dar as caras eu vou dar-lhe um puxão de orelhas, sim, ela vai ouvir-me.

Power riu para amenizar o clima denso na ligação.

– Tens a minha permissão minha cota. Dá-lhe um puxão! – E riram os dois muito breve.

– Está bem... então... fiquem bem mano!

– Igualmente, feliz noite!

– Feliz noite!

O dia seguinte seria um dia recheado, como sempre, Power tinha muito que fazer. Pela manhã normalmente tinha a faculdade, após esta o curso, se a mãe o chamasse, tinha de ir auxiliar nos trabalhos da empresa, na supervisão e digitação de algumas coisas no computador, para ser mais preciso. Desculpa da mãe só para o manter ocupado, e por acaso, também à vista. Ainda tinha a patinagem depois do curso.

Levantou-se cedo, depois do banho, matabichou sozinho, Sara saudou-o a caminho do banheiro. Estava calmo, mas olhava o telefone de maneira diferente, como se lhe estivesse perguntando algo. O aparelho não o respondia. Decidiu esperar, não tarda teria uma resposta. Tudo arrumado, foi à escola. Uma aula após outra, e antes que saísse do recinto escolar caiu a mensagem da Dora na qual o saudava e dizia o mesmo de sempre. Tina não estava em casa, não tinha voltado. Power relê a mensagem hirto. Alguns instantes depois apressou-se para pegar o autocarro escolar, um miniautocarro que hoje estava meio vazio, conspicuamente aos demais dias, talvez a chuva... Sim, definitivamente a "chuva" é a palavra-chave para esta pouca demanda de alunos na escola hoje. Muitos preferiram não vir, ainda não tinha notado, mas os estragos causados pela última enxurrada tinha impassado a vida de muitos hoje.

Desceu em direção à padaria e seguiu direto até a casa da Tina. Era conforme, o cenário transmitia tristeza e uma atmosfera de indagações, Power debatia-se sobre o que fazer, ligou para a Carla.

— Sim Danny, estou sabendo, puxa! Mas... onde ela pode ter ido? Sei lá, não vem nada à mente.

— É complicado...

— Eu estou atolada em cantas aqui, mas de tarde largo tudo e vou ao teu encontro, ao vosso encontro.

— Precisamos tentar localizá-la. — Power tentava parecer o mais calmo que podia.

— Sim com certeza. — Disse Carla séria na voz.

Despediram-se e Power começou a pensar numa busca. Difícil pensar em lugares nos quais possivelmente a sumida estaria. Somos os seus únicos amigos, pensou mais um pouco... Merda! Deu mesmo vontade de tirar uns palavrões. Despediu-se da Dora e seguiu em direção a sua casa, não quis ficar sentado na companhia da moça sem poder fazer nada, era ultrajante.

Com algum esforço estavam todos aí. Todos não, Sónia não pôde aparecer neste encontro em casa da Tina, "a sumida". Já era cada vez mais frequente a ausência de um e de outro, viam-se poucas vezes agora. Carla aceitou a proposta do tio-avô, e agora ia não poucas vezes ao Namibe. Era muito para aprender. Estava aprendendo. O velho ainda estava lá, fazia questão de a ensinar e passar algumas visões de empreendimento, a moça mergulhava mais cedo no mundo dos negócios. Na verdade era inconcebível a ideia de que ela na sua idade estaria a gerir um empreendimento daquele tamanho. Era uma oportunidade única, inédita demais, parecia mesmo que caíra do céu, esta sim seria a exceção daquela famosa regra que diz "nada cai do céu". Cada um deve ter o seu dia de sorte, é só estar no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas, pronto.

— Onde te meteste miúda?! — Suspirou o Rico.

— Ainda não podemos meter o caso na polícia. — Disse o Joel com um braço cruzado e a outra mão agarrando o queixo.

— Por que não? Indagou outra vez o Rico.

- Trata-se de um desaparecimento, uma pessoa só é dada por desaparecida depois de quarenta e oito horas. — Respondeu a Carla.
- Pode ser que estejamos a nos precipitar, esperemos! Ela aparece, deve ter uma razão. — Disse o Joel abanando a cabeça e olhando para o chão.
- Então táh, fiquemos a esperar enquanto ela pode muito bem estar a correr perigo por ai sei lá onde! — Disse o Rico satírico. Joel olhou para ele, de seguida fitou cada um dos companheiros.
- Estamos aqui na casa dela, no quintal dela porém, não sabemos o que se passa com ela, isso não é nada agradável. — Disse a Carla querendo soluçar. Power está encostado ao muro, apoiando-se neste com o pé direito, mãos entrelaçadas e cabeça abaixada, parecia estava pensando um pouco, ou não tinha nada para dizer mesmo.
- Está bem, vamos... Vamos recapitular um pouquinho a cena, ok? — Diz o Rico sempre com o mesmo ar de quem quer desmistificar logo o caso.
- Então ela sai de casa com o objetivo de ir à padaria comprar pão, certo?, isto bem lá pràs... dezassete e pouco, dezassete e dez para ser mais preciso, a estas horas já havia sinais de chuva no céu, provavelmente ela ignorou, parece que precisava muito do pão...
- Está mais para, "queria o pão". — Interrompeu a Carla, os outros agora a interrogavam com os olhos. — Nós meninas. — Começou a explicar. — Às vezes queremos comer certos alimentos só mesmo por mera vontade sabe?, não é que necessariamente precisamos comer aquilo, mas, sei lá é só mesmo uma vontade forte, portanto, diferente de necessidade. — Fez uma pausa. — Só estou dizendo, vai ver ela por fim tenha decidido que não mais queria o pão, fazendo outras escolhas.
- Bolos?! — Ripostou o Joel incisivo. Ninguém soube bem o que responder. Ficou estranho.
- Que seja! — Interveio o Rico por fim — Vontade ou necessidade, mas o facto mesmo é que ela saiu... espera aí! Essa sua analogia chega de alguma forma a ser importante também. — Disse olhando para a Carla e acalmou-se. — Sigamos o pensamento.
- Eu conheço a minha amiga mas, não... não consigo pensar onde ela se possa ter metido. — Disse a Carla com alguma tristeza na voz. Rico continuou:
- Calma, claramente o teu sexto sentido vai acabar por te levar a perceber o que agora não entendes, é só uma questão de tempo, vós sois amigas, têm um elo...

— Rico, estás a brincar? — Disse ela fitando-o. — E ainda que assim fosse, quanto tempo mais para esperar?

Houve um silêncio.

Power olhou para as nuvens lá no alto, ainda havia água por cair mais logo. Teve vontade de dizer:

— Devemos perguntar se alguém a viu na padaria ontem.

— Seria uma boa ideia, se não passassem centenas de clientes lá. — Disse o Joel.

— Não custa nada tentar Jou. — Disse a Carla.

— A Dora já entrou em contacto com os poucos familiares dela aqui do Lubango, de todos a resposta foi a mesma, ninguém a viu. — Disse Power.

— Os pais dela em Luanda já sabem?

— Rico!

— Não, penso que não, Dora não quis alarmar as coisas, não por enquanto. Na possibilidade de ela aparecer logo, isso prejudicaria ainda mais a relação pais e filha. — Disse Power.

— Se é que esta relação ainda pode ficar pior, será que pode? — Disse a Dora acabando de entrar no quintal com alguns sacos nas mãos e com um semblante meio entristecido.

— Tia Dora, já está de volta?! — Indagou a Carla.

— Sim, preferi sair mais cedo hoje, falei pro meu chefe que não estava a me sentir bem. Chegaram há muito tempo?

— Ah, sim faz algum tempinho.

— Vão entrar? — Perguntou a recém chegada destrancando a porta com uma chave que trazia na bolsa.

— Não mana Dora, nós vamos agora até a padaria em que ela foi ontem. Tentar seguiu algum rastro. — Disse Power meio descrente nas suas palavras. Dora apenas acenou com a cabeça olhando todos eles da porta.

Retiraram-se de casa. Caminhavam na rua, pouco expectantes, não havia nada diferente, a rua era a mesma, era amarga a insatisfação da caminhada. Um e outro queria achar uma placa, uns restos, um vestígio

que indicasse onde podiam achar a sumida. Chegaram à padaria e nada. Primeiro porque a moça que atendia hoje não era a mesma que atendera ontem naquelas horas. Segundo é que estava cheio de clientes devido a enorme procura de pão. Terceiro, os clientes eram atendidos na maior urgência possível, sendo despachados. Portanto, era difícil reconhecer a moça que estava na fotografia que traziam no telefone.

Power perguntou:

– Quando posso apanhar as tuas colegas que atendiam ontem?

– Amanhã. – Respondeu a moça. Power agradeceu, todos o imitaram agradecendo às palavras da moça.

Já fora da padaria, o telefone da Carla toca...

– Tenho de ir. – Disse ela.

– Mantemos contacto. – Disse o Rico, Power acenou com a cabeça.

– Se pensares em algo, sei lá, lembrares de alguma coisa... – Disse ainda o Rico fazendo o gesto de um telefone com os dedos no final.

Despediu-se dos amigos e saiu caminhando meio apática. Power sentia-se impotente, logo os pais da Tinelsa saberiam o que estava a acontecer. Ainda pensou, a verdade é que os pensamentos não tinham um ponto de convergência, estava tudo solto, porra ela é adulta, há que se ver, nada de pânico, nem agora, nem depois. Rumou de volta a casa. Precisava falar com a Sara ou mesmo com a Vilma.

– Isso é muito estranho... – Diz Sara. – É estranho o facto de ela não dar nenhum sinal, como?! Não, não pode ser, como ela faria isso?

– Sim, é muito estranho. – Sustentou a Vilma. – Isso não faz sentido, pensar que ela o fez para chamar atenção?!

– O quê?! Ela nunca faria isso? – Disse a Sara muito séria. Cá entre nós, sabemos bem que ela não é muito de visitar parentes nesta cidade, e mesmo que o fizesse, por que razão estar desligada de tudo? Hum? Já viste no facebook dela Danny?

– Em todas as redes que ela usa. – Disse Power fazendo antes um sim com a cabeça.

— É claro! Ora, mas também não vamos nos alarmar néh? — Diz a Vilma.
— vai ver daqui a bocado ela aparece aí.

— Sim, mas eu antecipo já que isto tem um cheirinho de queimado. — Disse Sara. Power não gosta desta possibilidade, mas fazer o quê? Estava pronto para ouvir todas as possibilidades. Tinha de estar.

Começava a chover moderadamente, Power trancou-se no seu quarto no intuito de dormir mais cedo, talvez agora sim, desta vez dormiria e amanhã tudo entrava nos eixos. Ficou deitado na cama, envolto no cobertor quente, muito confortável, os ossos relaxam, mas não adormece. Pensa. Pensa na Tina, em alguns momentos, palavras ecoam, o som da sua voz, o seu sorriso, conseguia vê-la, talvez senti-la também. Pegou no telefone e tentou ligar, a resposta que tinha era sempre a mesma, o telefone dela ainda estava desligado. Se por ventura tivesse chegado em casa desde às dezasseis quando de lá saíra, a Dora ou ela mesma o teria avisado. É certo, tudo estava na mesma, até quando? E se... Não, não é permitido pensar assim. Nada pode acontecer com ela. Amanhã talvez devesse ir ao hospital, quase abanou a cabeça, e no hospital é que não tem sinal? Não tem energia!? Quando deu por si já estava na galeria vendo algumas imagens, saltou para ver as fotos dela, poucas em que aparecia sozinha, estavam sempre em grupo de três ou mais, mas ele focava nela. Só agora percebeu que em nenhuma das fotos estavam ele e ela, sós.

A noite ia embora dando lugar a um amanhecer lento, porém alegre, depois veio o Sol brilhando livremente no céu limpo e seco, contrastando com a terra ainda meio sonolenta e húmida por causa da chuva persistente que se prolongou até às primeiras horas da madrugada. Power levantou-se às seis, como de hábito primeiro foi para o banho, vestiu-se e agora tem o matabicho à mesa.

— Bom dia Danny! — Saudou a Vilma entrando na cozinha.

— Bom dia! Dormiste bem?

— Dormi bem, e tu?

— Bem.

Vilma abre uma porta entre as muitas dos armários de baixo e tem na mão uma tigela de porcelana cor-de-laranja, fecha a porta e abre uma outra nos armários de cima e tira uma caixa de cereais, fecha a porta e põe ambas as coisas na mesa, tira uma colher no respetivo lugar de repouso dos talheres e senta-se à direita de Power.

– Vou encontrar-me com uns rapazes do centro, querem umas dicas sobre uma peça teatral a falar sobre a cultura, é um trabalho de escola. – Disse ela como que se justificando por ter acordado cedo hoje.

– Hum, que bom. E tu serás a mentora?!

– Yeah, vou ajudar-lhes a escrever a peça, é tipo escrever o roteiro de um filme, é bastante recreativo, muito fixe.

– Hum, não sabia desta sua inclinação para o teatro filha! – Disse Power depois de fazer um esforço para engolir depressa o galão.

– É, eu acho que depois disso vou me mudar para Hollyhwood e passar a escrever grandes roteiros sabes?! – Disse abanando a cabeça e despejando os cereais na tigela, Power não pôde conter o sorriso, riram os dois e saborearam o café da manhã.

– Ainda nenhum sinal da Tina?

– Nada. – Respondeu Power asperamente abanando a cabeça. Vilma não quis dizer mais nada em relação a isso, é melhor calar e esperar, mas buscava alguma expressão no olhar do irmão.

Power termina primeiro e levanta-se querendo arrumar a louça.

– Eu tiro, pode deixar! – Disse Vilma graciosa interrompendo-o.

– Valeu, até mais tarde!

– Até mais!

Sentiu que devia fazer algo em relação ao sumiço da amiga, ao invés de tratar somente das suas coisas. Devia fazer algo, mas agora tinha de seguir mesmo para a escola, lá tinha trabalho por fazer, matérias para discutir e um grupo para chefiar, portanto, não dava para se baldar. Nos curtos intervalos e mesmo nas aulas às vezes espiava ao telefone que estava no modo silêncio, não havia nada, é certo que todos os outros manos também estavam na mesma situação, esperando um sinal de alguma parte.

À tarde ele está livre e passa de novo na casa delas, hoje Dora já nem foi trabalhar, está mesmo em casa e pelo que Power pôde notar, estava pior, o semblante da jovem era amargo. Agora sim, parecia mesmo uma tia. Conversar já não era possível, falar o quê?, as palavras tornaram-se desnecessárias, perderam o valor. Dora pediu desculpas e disse que não

cozinhou desde ontem, tem umas gasosas na geleira, disse apontando a dita câmara de conservação de alimentos. – Não faz mal – respondeu Power, no momento a energia restabeleceu, ele foi para sala ligar a TV e ela foi no quarto chorar. Power assistia displicentemente, acomodado no sofá, não se sabe se prestava atenção mesmo no documentário acerca de um certo tipo de insecto num desses canais sobre animais ou simplesmente via imagens na telona. A hora subia em minutos e daqui a pouco ele tem de ir embora. Despediu-se da Dora, e antes que passasse pela porta da rua, esta disse-lhe que não tinha dito nada aos pais da Tina, simplesmente não criara coragem para tal e que também se sentia culpada por alguma coisa, que devia contar aos pais dela, mas não via como. Ela não se sentia forte, estava fraca por dentro e muito vulnerável, decerto que o que sentia a fazia sofrer. Power confortou-a mais uma vez com as suas palavras, bem, pelo menos tentou, a moça apenas se calou limpando as lágrimas que depois voltavam a descer na mesma proporção. A polícia agora tinha de saber deste desaparecimento. E os pais dela também. Pensou Power.

O telefone tocou... Dora não hesita, atende logo:

– Alô!

Do outro lado soa um homem nervoso:

– Bom dia!

– Bom dia...

– É o seguinte moça, presta bem atenção! Estás a ouvir?

– Sim, estou. Com quem estou a falar?

– Estás a falar comigo, eu tenho uma notícia para te dar sobre a tua sobrinha, Tina.

– Tens uma notícia sobre a Tina?! – Power sobressaltou-se como se tivesse saindo de um pesadelo.

– Sim, ouve, presta bem atenção! Ela foi raptada, nós estamos com ela e vamos querer dinheiro em resgate dela, entendeste? Ah, e não adianta tentares chamar a polícia ou alguém, porque se fizeres isso nós vamos saber que tu chamaste alguém, então vamos acabar com ela, estás a me entender? Queres ver a tua sobrinha morta?

– Não, não.

– Então é melhor fazer conforme estou a te dizer, não põe a vida dela em risco mais do que já está, pega no teu cartão multicaixa e levanta cinquenta mil, põe num saco preto e vai até à ponte, essa aí mesmo que fica perto da tua casa, num dos postes laterais, esses postes de iluminação da estrada, o penúltimo antes de chagares na ponte tem um caixote de lixo pendurado, tu vais pôr lá o dinheiro, mete lá dentro, dentro do caixote entendeste?

– Sim, entendi.

– Se eu não encontrar já sabes o que vai acontecer com a tua sobrinha. Isso não é brincadeira, só para teres a certeza que estamos com ela eu vou deixar que a possas lhe ouvir...

Demora um pouco, escuta-se alguns toq-toq e a voz da moça é ouvida.

– Mana! Mana esses m...

– Tina! – Já não dá para ouvi-la. Power fica mais atento a expressão facial da Dora.

– Então já sabes o que deves fazer, só queremos o dinheiro e ninguém vai morrer. – Desligou.

Dora está quase em choque, Power foi buscar um copo com água, a moça não quer beber, tomada pelo pavor, um pavor que vinha das profundezas do seu ser, um medo tão grande, nunca sentira antes tal sensação, não falava, ficou estática. Power sabia que tinha de esperar alguma recomposição na moça. Não pôde ouvir a conversa, mas ela chamou o nome dela, então agora podia cogitar no seu íntimo o que estava acontecer, e por esse estado de choque da Dora...

– Dora! Mana fala comigo, o que ele disse?

CATORZE

– Os pais dela não sabem?!

– Não, se souberem nesta circunstância podem acabar por colocar a vida dela em verdadeiro risco, esses gajos não são de brincadeira, repara! Eles sabem quem ela é, sabem que seus pais estão longe, sabem onde eles estão. – Power fez uma expiração pouco profunda. – Sabiam que ela estava vulnerável aqui, que apenas mora com a Dora. Disseram por mensagem.

– Então eles têm vigiado elas.

– Sim, Carla. Tu entendes o que está a se passar aqui néh? – A outra fez um sim com a cabeça. – Olha, por enquanto...

– Se os pais ou mais alguém se meter, eles rebentam tudo, se sentirem o mínimo de dúvida sobre a coisa toda... – Power ouvia-a inerte, Carla chegou rápido no âmago da coisa toda. – Eles estão no controle. Devem ter planeado bem, antes de agir.

– É melhor que fique assim, quanto menos gente souber, melhor.

– Mas Power, e os outros?

Eles saberão em breve, também vamos precisar deles, mas agora é importante não levantar poeira nenhuma. Eu preciso saber quem são esses gajos, de onde são, qualquer coisa.

– Fica meio difícil isso, porque se eles têm vigiado elas, é provável que também saibam de nós.

– Sim, com certeza, mas não devem ter dado muita importância, porque nos últimos tempos não temos estado muito juntos. É provável que eles se tenham focado em estudar a Dora para a poder manipular. Olha, foi com muita dificuldade que tirei a informação nela, mesmo eu estando presente no momento da ligação e a ter ouvido, ela não quis falar, estava borrada de medo e só queria fazer o que eles tinham mandado. Se eu não estivesse lá no momento da ligação, de certeza que não estaríamos sabendo de nada até agora.

– Estou a ver.

– Repara! Eles fizeram aquela ligação achando que ela estava em casa sozinha àquelas horas certo?, caso contrário não teriam ligado sabendo

que eu estava lá, ou uma outra pessoa, resumindo quero dizer que a Dora tem estado sozinha quase sempre. Eles sabem disso.

– Sim, claro. – Carla tentava se reerguer, mas era difícil, a situação era extrema, era impensável que aquilo estaria acontecendo com eles, com a Tina.

– Carla, vai dar tudo certo. Eu conto contigo. A Tina conta contigo .

– Como? Como ela está nestas horas, hum?! – As lágrimas começavam a descer no rosto da moça, Power aproxima-se dela e resiste à vontade de a abraçar.

– Tem calma mana, é difícil mas temos de ser fortes, principalmente agora. Tenho um plano.

Power já lha havia contado como tudo acontecera. Dora fez como eles queriam, o dinheiro tinha ido parar no caixote de lixo e ela se tinha removido daí, pois estava sendo observada de algum ponto que ela não sabia, só tinha de enfiar lá dinheiro e desaparecer. Agora, o que os malfeitores talvez não contariam era que ele, Danny, também estaria a observar a cena de algum outro ponto escondido. Então pôde ver. Pôde ver o tal jovem, moço que aparentemente não tinha muita idade, na cadeia dos vinte ainda, com certeza. Viu-o se aproximar da árvore muitos minutos depois e sacar da caixa moribunda um saco preto. Os caras devem sentir-se no controle da situação, pensou. Ainda pôde segui-lo até certo ponto da cidade, não muito distante quando ele pegou um táxi. Naquela paragem só havia táxis para um destino específico. Humpata.

Foi até a um multicaixa alí próximo e obteve do mesmo algum dinheiro, sem mais demora subiu num outro táxi que sairia a seguir, quase ao mesmo tempo que o primeiro, no qual subira o jovem. Os carros distanciam-se no rolar dos pneus sobre o asfalto. Depois de alguns quilómetros na serra da chela, os automóveis têm as suas paragens obrigatórias, mesmo em frente ao mercado municipal, Power não o perde de vista, porém sempre nas sombras, não se deixava perceber. Sabia bem fazer isso. O homem não tem tempo a perder, saiu do *Hyace* e dirigiu-se até aos motoqueiros, estes que o ambicionavam levar, entretanto, ele determinado apenas falou com um deles, subiu na moto e saíram dali a correr. Power hesita um pouco, mas sai ao encontro deles também. Os homens das motas procedem com ele da mesma forma, disputavam-no, mas Power é convincente ao dizer que um amigo seu acabara de pegar uma moto, querendo saber onde o motociclista o tinha levado, os outros colegas respondiam cada um uma coisa diferente, mas depois um concordou com outro e depois todos afirmaram a mesma coisa. Tinham ido para uma área mais afastada dali, não era muito distante, o nome é que era difícil de fixar, alguma coisa como “Tchicómo” ou perto disso. Era

uma área dentro do município. Assim Danny ficou a saber onde Tina podia estar. Tudo que quis no momento era seguir em frente, quando a imagem de Tina sendo maltratada por homens truculentos atravessou-lhe a mente, indescritível o que sentiu no instante, verdadeiramente agora caia o pano de qualquer segurança na qual se podia refugiar, feito escudo de qualquer pensamento pessimista. Agora ele encarava a realidade da coisa, e a verdade era assustadora, um autêntico terror, tinha ficado quase paralisado observando a estrada a sua frente. Tina está em perigo nas mãos desses... quase amadores bandidos. Quase amadores, mas o jogo estava aberto e o placar talvez marcava um-zero, e quem podia garantir que os tais marginais tinham alguma coisa a perder? O que garantia que eles a deixariam viva depois? O facto é que eles sabiam jogar, não seria nada bom se eles sentissem o envolvimento de mais alguém no caso. Seria extorsão, sequestro e assassinato, até podiam acabar presos, mas aí a Tina já não estaria aqui. Já vira e ouvira casos semelhantes, esses filhos da mãe não sabem nada, por mim bem que se podem ir ferrar, mas a Tina tem de sair dessa, pensou enquanto caminhava na estrada de volta ao Lubango. Tudo bem eles irem presos, mas que isso não fosse sobre o cadáver dela. O pensamento era cortante, pela primeira vez sentiu os olhos humedecerem embanhando-se de lágrimas, o rapaz experimentava algo nunca antes vivido ou pensado. Sentia-se ameaçado, todavia, tinha de bolar um plano rápido ao mesmo tempo eficaz. O tempo não se fazia esperar, a hora subia e ele tem de pegar um táxi de volta à cidade, buscar recompor-se um pouco. Ao fim de algum tempo ele consegue entrar num táxi, sendo já praticamente final do dia, o Sol desaparecia entre as montanhas lá do outro lado enquanto o carro afasta-se de repelão de um lugar para outro. Power faz um esforço, rebuscando no pensamento o que já havia passado e como saíra das encruzilhadas nas quais a vida o pusera. Nada, nada era igual ou minimamente comparável a isso. Ele temia, temia perder a amiga, temia o que ela estava a viver agora. Temia o que podiam fazer com ela. Ele tem de voltar, falar com alguém? Não, isso não, nem todo mundo tem estrutura para suportar tal tipo de coisa. É a mais alta pressão, é preciso ser cauteloso, pensou um pouco no temperamento de cada um dos amigos...

Decidiu ligar para a Carla. Mas antes escreveu para todos com letras maiúsculas que "não deviam ir à polícia ainda, e que havia uma fonte, uma luz verde" a cerca do paradeiro da sumida. De formas a acalmar um pouco qualquer anseio ou atitude impertinente. Consoante a Dora, ninguém iria perguntar sobre a ausência da Tina, já que a moça não andava a lugar nenhum, a não ser escola-casa mediateca e bibliotecas universitárias (as que deixavam), afinal estava focada nas leituras, tornava-se mesmo uma leitora voraz, a estante de livros enchia lá na sala da casa. Ligou para a Carla dizendo que a precisava ver urgentemente, a mulata disse que podia lhe receber em casa mesmo.

Quase não dormiu a noite toda. Tinha ficado até às madrugadas pensando, pensando nela. Conseguiu recompor-se, finalmente. Definiu o que iria fazer. Bem, tudo muito simples, iria até lá pela manhã, sabia que nestes casos os indivíduos envolvidos não seriam muitos, não mais de cinco. Cinco já era de mais, podiam ser mesmo três, assim haveria menos desentendimento, portanto, fica fácil controlar um ao outro, há mais sincronia. Ele tinha de fazer o que tinha de fazer. Mas lá no fundo sabia que era um plano e tanto. Não estava sozinho.

A manhã veio no rompante, quem? Quem a podia parar? Era uma manhã de sexta-feira, oito horas. Danny está de pé com uma mochila às costas, caminha determinado até à paragem de táxi. Subiu no primeiro que pôde, o carro saiu depois de lotado. Na paragem daquelas terras altas, o moço precisou de mais uma boleia, desta vez de um motoqueiro, como não podia deixar de ser, porém sempre, sempre na direção dela. A caminhada é relativamente morosa, mas chegaram. Bem na entrada da área denominada Tchicomó. Era um desvio à esquerda, para eles que vinham. A moto para antes de tomar o desvio e o rapaz no volante pergunta:

— Vais entrar? Eu só vou até aqui, se queres chegar até lá é outro preço.

— Não, aqui está bom. — Respondeu Power já descendo.

Conversou mais um pouco com o motoqueiro escuro de olhos avermelhados, tirando dele mais algumas informações, essenciais, tudo a cerca daquela área era essencial. Não espantou a caça, afinal só era preciso dizer que estava indo ver uns parentes ali, que se precisava encontrar com um senhor nestas zonas, era tudo, já que haviam umas casas e fazendas que começavam mais para lá, a quase um quilómetro da via asfaltada que leva ao Namibe. Power começa a caminhar tão logo que a moto faz a volta para o regresso. Andou um pouco e reparou o lugar, estava tudo calmo, muito calmo, era um mato, devia estar assim. Fixou bem o cominho a sua frente, era uma estrada de terra planada, mais à frente começava uma plantação, olhou para trás, e novamente para frente, decidido a fazer um contorno, iria dar a volta a uma distância considerável, para não se fazer notar. Ninguém podia saber que ele estava chegando. Então a estrada servia de direção, mas não podia seguir por ela e ser visto a chegar. Quem sabe o que haveria de encontrar? Assim tinha de ser surpresa, a sua aparição. Se é que alguém o veria.

A fazenda ficava do lado direito, ir contorná-la levaria muito tempo e lá sim, poderia ser visto. Optou pelo lado esquerdo, onde arbustos e árvores de pouca altura ocupavam o terreno todo. Afastou-se o bastante para se assegurar que não era notável, foi caminhando, desbravando a mata fresca que acordada para vida, pelas abundantes chuvas que caíam de manhã, ora de tarde, ora de noite. Mas hoje está calmo, chuva, talvez só de tarde. Ia num caminho íngreme, tem vezes que saltava por cima de pedras não muito altas, rapidamente corrigiu-se, não, não posso dar nas vistas, nada de subir nas pedras, alguém me pode ver, nunca se sabe, e começou a caminhar mais atento, sempre em direção da estrada oculta pela folhagem. Andou uma boa distância até achar umas poucas casas de adobe, erguidas sem seguirem um alinhamento urbano, estavam bem separadas, uma aqui e outra acolá. A primeira fazenda ficara atrás, além das casas começava uma outra plantação, tudo muito verde, era um enorme campo, “devem ser dos trabalhadores”, pensou seguindo a lógica, afinal este enorme campo que começava ali, não tinha casa alguma nele, pelo menos não via nenhuma. Quem trabalharia ali? Estava numa pequena elevação e podia ver tudo lá em baixo na sua frente. Olhou e notou uma casa um pouco mais afastada, esta também era quase da dimensão das outras, não eram muito grandes. Observou com maior atenção todo aquele lugar, até onde podia. Era muito extenso, e o verde tomava conta da vastidão territorial. Não tinha muita movimentação, só algumas crianças apareciam e desapareciam entre as casas separadas. Olhou de novo a casinha mais afastada, a casa estava com a parte fronteira virada para lá, assim ele apenas podia ver a parte traseira e as respectivas chapas de zinco que brilhavam ao Sol, pareciam ainda novas. Tirou o telefone do bolso e pôde notar a dificuldade na rede, mas ainda dava para ligar, apenas digitou uma mensagem para a Carla dizendo-lhe que estava no terreno, Carla entenderia desse jeito quando ele desse um sinal não era preciso escrever na mensagem, apenas um asterisco servia, quem disse que a linguagem dos sinais estava fora de moda? Carla respondeu com outro asterisco, mas depois numa outra mensagem escreveu mesmo:

“Tem cuidado!”

Power ainda do lugar onde estava, deu mais uma rápida olhada nas casas e o relógio no pulso... Pôs-se a descer. Ia mais uma vez contornar entre os incontáveis arbustos que o ocultavam completamente. Tinha de fazer isso para chegar até aquela casa afastada.

Aproximou-se. As crianças ainda brincavam, despercebidas de tudo. Aproximou-se ainda mais da casa, agora estava mesmo junto à parede de trás. Encostou-se tentando ouvir alguma coisa, sim, tinha alguma coisa tocando, emitindo som musical, podia ser um rádio, talvez, mas não era muito barulho, então se fosse rádio devia ter as pilhas fracas, espiou atrás

de si e nas duas laterais, ninguém, só uns arbustos que o escondiam agachado. Partiu para a esquerda a rodar a casa, em frente eram visíveis os trilhos de pneus de carro, estavam ali estampados no chão lamacento as quatro rodas, podia existir prova mais que suficiente que isso?, ele apostaria mesmo a sua vida que era ali que estavam mantendo presa a moça. A sua amiga. No momento não passou mais nada na sua mente, a não ser o óbvio, os outros tinham saído e ficou alguém tomando conta, um deles. Bom momento para aproveitar. Andou em direção à porta aberta sem fazer o mínimo de barulho com os pés, o capim húmido só ajudava. Pôs os pés na casa e logo deu encontro com o olhar incrédulo de um homem de vinte e poucos anos de idade, sentado bem à sua frente, desviou o olhar e viu a Tinelsa lá atrás, amarrada numa cadeira, mãos para atrás, pés amarrados juntos, e a cabeça abaixada, não dava para ver o seu rosto. A casa não tinha nenhuma divisão, era apenas um salão.

Era um minuto eterno, o jovem olhava para ele e ele devolvia o mesmo olhar.

— Quem é você?! Vieste fazer quê aqui?! — Perguntou o jovem furioso.

— Han... eu... quem és tu?

Com estas palavras Tina levantou a cabeça.

O jovem levantou-se e arremessou-se em cima de Power.

Era uma briga de murros fortes, Power não era tão bom quanto ele, por isso foi com os dois braços em volta do joelho do homem, com ombro no abdómen empregando muita força para o derrubar, o oponente agora encostado à parede, dava socos desajeitadamente nas suas costas e tentava prender as pernas no chão fazendo muita força, endurecendo-as, tentou dar uma cotovelada, foi então quando desequilibrou e foi para o chão. Power sentiu que o tal tinha mais força do que ele, não se deixou ficar no chão, levantou depressa e antes que o ofensor ficasse em posição, remou-lhe com a cadeira nas costas, bem na omoplata, foi com intensidade, tanta intensidade que jovem robusto não quis lutar por um instante. Recuou e ficou abaixado, encostado à parede fazendo uma cara feia, apertando os dentes. A cadeira de madeira ficou meio deficiente.

— Pois, não devias ter sentado aqui. — Disse Power ameaçando bater-lhe de novo com a mesma cadeira, o moço apenas piscou os olhos e encurvou um pouco a cabeça, aquela pancada devia estar a doer a sério, e eles não estavam num filme em que ele tinha de levantar e continuar lutando, não, ali as dores eram sentidas, o osso triangular fraturou. Ou quebrou totalmente?

Power atira a cadeira para o chão e corre até à Tina, que parece não acreditar na cena que via.

Tirou a fita que lhe tapava a boca com cuidado. — Tem de ser rápido. Tina não pronuncia palavra alguma, apenas olha para ele com ar de fraqueza, é com muita calma que mexe o pescoço. Power não perde tempo, prossegue com as cordas, ele não desiste, olha para o homem no chão, este parecia querer levantar-se, já não movimentava o braço direito, Power luta para desatar um nó e consegue por fim, o homem agora está de pé, Power aproxima-se dele, o jovem olha para fora e depois para Power, agora mais perto, quis sair correndo, Power é mais rápido chutando a porta, já que esta abria em sua direção, a porta fecha-se antes que o jovem chegue a ela. Danny pega a cadeira e arremessa-a à cintura do homem, este cai, parecia que todas as suas forças tinham ido embora, mais uma vez Power apressa-se em desatar a moça que até agora não diz palavra alguma. Power olha para ela, seus olhos traduzem tristeza e dor, no momento Danny sente uma comoção tão profunda que o sacode por dentro, inexplicável, quase deita uma lágrima, porém não perde o jeito ao desamarrar as cordas.

Tina está solta, põe-se de pé com a ajuda de Power, e atira-se no peito do amigo, abraçando-o com a pouca força que a sobejava, Power aperta-a ternamente sobre si, acariciando seus cabelos e beija o fim da testa onde começavam os cabelos.

— Eu sinto muito meu bem! — Disse enternecentemente, a moça apenas soluçava em lágrimas. — Mas temos de sair daqui agora, temos que sair, estás pronta? Estás bem? — Disse olhando nos olhos da moça e colocando as suas duas mãos sobre o seu rosto, ela fez “sim” com a cabeça. —Tudo bem, tem alguma coisa para levar? O teu telefone? — Power indagou soltando-a e lançando um olhar sobre os cantos da casa. Tina abanou a cabeça e disse:

— Um deles levou. — A voz dela era calma.

— Tudo bem, então vamos, temos de sair daqui agora, vamos! — Disse segurando a sua mão e querendo sair disparados daí. O jovem estacionado no chão soltou um grunhido de insatisfação, inútil para os fazer parar.

Tina não anda muito depressa, Power abre a porta até ao limite e saem.

Pararam ali fora, Power tenta pensar rápido, qual seria o melhor caminho para escaparem? Se partissem sempre em frente entrariam na enorme plantação milheira, pela picada de entrada não, seriam vistos,

melhor mesmo voltar pelo caminho pelo qual vinha, o contorno. Tina tem algumas tranças soltas sobre o rosto, as roupas intactas, não está muito mal, aparentemente.

— Vamos por aqui Tíh!

E iam tentando sair seguindo a mesma trilha no meio do mato. Não estavam muito distantes quando o carro que se aproximava buzinou. Eram os demais raptos que acabavam de chegar. Power e Tina puderam ouvir o som da buzina, mais rápido, tem de ser mais rápido! Tinham chegado mais dois com o *pajero* preto, estes apercebendo-se da situação, desataram a correr atrás deles, o imobilizado de dor gritou para eles, ali! Aqui atrás, foram daí!

No meio do mato os dois homens balançavam as ramificações das pequenas árvores de caules finos, fazendo-os dançar, através da fúria que traziam consigo, era velocidade e força. Empurrando com as mãos algumas ramificações fortes que estavam acima da cintura, as mais fracas apenas empurravam com a força do corpo. A corrida se prolonga, eles correm na mesma direção, mas cada um fazendo o seu caminho. Power sabe que eles não estão tão longe, não o suficiente, já que Tina não consegue ir mais depressa entre tantos obstáculos no meio da folhagem, ramos, arbustos, capim, pedras e era tudo a subir num terreno inclinado. O cansaço começa a se fazer sentir, mas não dá para parar, o ritmo desacelera e ouvem um disparo. O som era assustador, realmente os perseguidores não estavam muito distantes.

Power segura a mão da companheira e os olhos encontram-se.

— Tudo bem, escuta! Eu vou ficar, tu continua ok? Eles não podem fazer nada comigo, é tu que eles querem, terão de entender que isso acabou, hum? Eles não sabem quem eu sou, eu vou ficar bem, corre, Corre! Encontre a estrada e volte pra casa. — Tina resiste um pouco abanando a cabeça, não. Mas seguiu correndo e desapareceu entre as árvores, era quase instintivo, Power sempre tinha um plano e ela sempre confiou nele, era melhor aceitar, ela já não sabia mais o que fazer, estava toda cheia de adrenalina e banhada de medo, mas sentiu uma coisa a mais ao deixá-lo ali para ser apanhado. Culpa? Peso de consciência? Talvez ou um pouco mais do que isso. Há uma pouca distância parou, não pôde mais avançar, não conseguiu.

Power está parado ouvindo o barulho da aproximação dos dois furiosos atrás deles, mais próximo e mais próximo, e agora é visto.

— Está aqui o madié! — Gritou o primeiro que o viu. — Abaixa no chão, filho da puta! Ajoelha! — Ordenou o mesmo jovem com uma arma apontando-

lhe, Power logo deixa-se cair ao chão, ajoelhando, porém com as mãos abaixadas e a cara trancada.

O outro jovem apareceu dando-lhe um murro na cara.

– Seu filho da mãe, onde é que ela está? – Danny não responde – Continua a apontar a arma nesse merda, eu vou atrás dela, já não foi muito longe eu vou lhe apanhar. Se tentar fazer qualquer merda, lhe põe uma bala no peito! – E se curvou pronto a seguir quando a moça apareceu.

– Muito bem, tu tomaste a decisão certa. – Disse o mesmo espantado e mais contente.

– O que estás a fazer? – Disse Power abanando a cabeça.

– Eu não posso fazer isso, não consigo, não te posso deixar aqui. – Disse Tina aproximando-se sem medo. Enquanto um apontava a arma, outro já estava a passar um olhar ao redor, tentado achar uma corda, qualquer coisa que servisse para amarrar. Nada viu.

– É o seguinte: Comecem a andar, ela fica em frente e tu à seguir. – Apontou o Danny ainda ajoelhado. – E tu logo atrás dele com a pistola, ninguém vai fazer gracinha aqui. – Pegou num ramo e balançou com muita força até o desprender do caule húmido da pequena árvore fresca. – Vamos, comecem a andar! – Disse tirando as folhas presas no que se tornaria um chicote – Comecem a andar, porra!

Deve ser o chefe, pensou Power enquanto caminhava atrás da Tina, em direção ao local por onde tinham saído.

– O que tem aí, nessa mochila? – Perguntou o que tinha cara de chefe.

– Não tem nada. – Respondeu Power querendo retirá-la das costas.

– Éh! Vamos, continua a andar merda!

E continuavam a descer.

QUINZE

As horas voavam, e nenhum sinal de Power. Carla tenta o contacto, mas sem retorno na sms, liga, dá desligado. Ela sabe o que deve fazer, mas custa-lhe conceber a ideia. Começa a suar, sente-se quente e precisa de um pano húmido para passar na testa. Desabotoou um pouco a blusa. Dane-se! Ligou para o resto do pessoal e ela mesma posicionou-se na frente.

— Ainda assim acho que devíamos era meter o caso na polícia. — Disse o Joel depois da explicação da Carla.

— Estás com medo Joel? — Perguntou a Sónia um pouco nervosa.

— Não, é claro que não! Isso foi longe de mais. Mas que se dane, estamos nisso juntos néh?!

— Vai correr tudo conforme, só não podemos vacilar. — Disse o Rico se posicionado mais perto da Carla, sentindo um pouco mais o seu perfume.

— Muito bem, temos de ver a Dora primeiro. — Disse a Carla começando já a andar.

Apenas o Rico chegou em casa delas, os outros ficaram há dois quarteirões, assim não chamavam atenção. Ninguém em casa, Dora tinha saído, ou talvez se trancado? A estas horas a moça deve estar traumatizada, pensou o Rico. Mas não, tinha saído mesmo, mas para onde? Será que recebeu outra ligação? Saiu do quintal da mesma maneira que entrou, pulando o pequeno muro com grades de ferro por cima. Olhou em todos lados enquanto se retirava apressadamente.

— Ela não está em casa!?! Que cena, sabe Deus onde foi... — Disse o Joel meio irritado.

— Vamos prosseguir não podemos parar independentemente disso. — Disse a Carla incisiva.

— É, bora lá! — Disse o Rico no mesmo entusiasmo.

— Nossa, o que estamos fazer... Isso pode sair dos freios. — Disse o Joel.

— Isso já saiu dos freios. — Disse a Sónia lixada da vida.

O relógio marcava quinze e trinta quando chegaram na paragem e ainda tinham de esperar que o carro ficasse cheio, então só chegaram na

paragem do alto município às dezasseis e trinta minutos. Carla dirigia conforme Power Iha havia orientado. Agora as motos. Viu uma e pensou, por que não esta de três rodas? Está nova e parece correr bem, vamos todos nela. Rico correu para dentro do mercado e comprou um martelo, desses que arrancam prego, ao que não pôde escapar do olhar super incrédulo do cético Joel.

– Tu compraste um martelo?!

– Yeah, nunca se sabe néh? Eu tenho de ter algo para me proteger, para nos proteger. – Disse olhando para todos. – Escolhi um martelo, podia ser outra coisa, mas... yeah. – Rico colocou a ferramenta na pasta que a Sónia trazia às costas, as meninas não acharam nada estranho, não ligaram. Talvez porque eram meninas?

Aproximaram-se das motas, Carla recuou, pediu que Rico fosse falar com o rapaz da mota das três rodas, não quis atrair mais atenção do que já estavam atraindo sem querer, ainda não se tinham dado conta, mas estavam muito bem vestidos para pessoas que estavam a ir para o mato. Joel aproveitou para comprar algumas bananas e bolachas próximo à estrada.

Ao final de alguma insistência o rapaz aceitou e manobrou a moto. Rico fez um sinal com a cabeça e os outros começaram a andar, de forma que a moto os apanhasse lá mais para frente, sempre na tentativa de chamarem o mínimo possível de atenção. A moto chegou e subiram todos nela, o rapaz condutor de quase dezoito anos sentia-se o máximo por os levar, nunca levava gente de tão boa aparência incluindo uma branca no seu veículo.

Eram dezassete horas quando pararam na entrada do Tchicomo.

– É aqui. – Disse o rapaz da moto apontando a entrada, uma passagem de terra batida, nas duas margens o capim alto estendia-se em vastidão.

– É aqui mesmo? – Inquiriu relutantemente o Joel.

– Sim, aí mesmo direito. – Respondeu o rapaz apontando mais uma vez.

– Temos de nos apressar, esta chuva com certeza vem para estragar os planos. – Disse o Rico.

– Está ficando muito tarde, daqui a pouco escurece, então qual é o plano?
– Rosnou o Joel.

— Exatamente, esse é o plano. Vai escurecer e certamente eles não contam com a nossa presença, a estas horas? É surpresa. Nós duas ficamos de vigia...

— Enquanto nós invadimos. — Completou o Rico. Eles conheciam bem a tática da surpresa, sempre funcionou, quando bem aplicada.

— Sim, tudo muito cuidadoso, eles não podem perceber, nós duas de vigia, se algo acontecer sempre um de nós vai sobreviver. Não é o melhor plano do mundo eu sei, mas tem um outro melhor? — Carla estava a mil. Ansiedade, medo, euforia enfim, tudo de uma só vez, mas a coragem era maior, nunca pensou ter tal ousadia.

— Bem, nós estamos aqui e de maneira alguma vamos recuar, eles não conhecem o Danny, não podem simplesmente pôr as mãos nele, se é que são espertos o suficiente. — Disse a Sónia.

— Ai, é agora que eu gostaria de ter um plano, pra já não podemos chegar lá assim, por essa estrada, todo mundo vai poder nos ver chegar. — Disse o Joel, no momento passou um carro em alta velocidade, parecia estava a vir das bandas do Namibe.

— Sim, é verdade, e pra já temos de sair daqui, ainda pode ter alguém vindo daqui ou dali. — Advertiu o Rico.

— Precisamos chegar escondidos. — Disse o Joel apontando a esquerda a sua esquerda.

— No capim e pela mata?! — Disse a Carla.

— A ideia é chegarmos de surpresa não? — Disse o Joel.

— Ainda bem que viemos de calças e ténis Sónia. — Disse a Carla, Sónia sorriu breve e disse entregando-lhe o telefone:

— Só, garanta já o nosso regresso!

Carla ligou para a Vilma pedindo que esta os viesse buscar. A outra só achou um pouco estranho quando ouviu o nome "Humpata", mas não reclamou, daria um sinal quando chegasse. Havia uns pingos em precipitação, o céu estava nublado, mas não tinha evidência de grande chuva.

O grupo dirigiu-se ao mato.

DEZASSEIS

Os tipos pareciam agitados agora, apenas um deles mantinha a calma, mas com um olhar carregado de ira. Este era quem efetivamente dava as ordens ali. Power já tinha sido socado no rosto e na barriga, Tina temeu vê-lo ser morto a sua frente, mas tinham decidido parar muito antes que isso acontecesse. Agora os tinham amarrado em duas cadeiras posicionadas de costas uma da outra.

— Por que estás a fazer isso Jino? Tu... onde é que achas que isso vai parar? — Disse Tina na tentativa de fazer o jovem mudar de ideia.

— Cala essa boca, se é só isso que vais falar é melhor calar a boca. — Respondeu Jino.

— Isso não vai te acabar bem Jino, solta-nos e deixa-nos ir, por favor! — Insistiu a moça.

— O teu pai vai aprender que com certas pessoas não se brinca. E se isso vai acabar bem ou mal só depende dele. É melhor que ele faça o que eu lhe disse. Porque senão, podes ter a certeza que isso não vai acabar bem pra ti. — E saíram todos apenas ficando Power e Tina ali dentro.

— Desgraçado! O meu pai deu-lhe tudo e ele agora faz isso. — Disse a moça.

— Existe todo tipo de pessoa no mundo, o ser humano continua a ser o mais complicado entre todos os seres. — Diz Power sentindo ainda a dor dos murros.

— Então trouxeste pêssegos pra mim! — Tina amava pêssegos, era a sua fruta favorita.

— Sim, achei que fosse a coisa mais adequada para te trazer.

Tina levantou a cabeça e fê-la repousar na do companheiro.

— Gostei. — Disse baixinho mas ele ouviu-a. — O que vai acontecer connosco? Por que nós? Por que eu de novo? — Perguntas que não tinham resposta nem agora e talvez nem depois. — É bom, e mau, estar contigo aqui agora. — Disse ela um pouco mais alto.

— Tina eu não me arrependo do que fiz.

— Eu sei que não. Tu... sempre te admirei, e... — Mexeu a cabeça. — Eu... nos últimos dias tenho pensado muito em ti. — Calou-se, Power também não falava, o que iria dizer? Não seria ele a dizer estas palavras primeiro?

No momento passava um monte de flashbacks em sua mente, procurava algo para dizer? Bem, pelo menos não congelou, muita calma nessa hora, mas será que tinha tempo para isso? Dois dos marginais reapareceram interrompendo tudo, a escuridão lá fora carregava-se cada vez mais. Os homens não tinham mudado em nada, estavam mesmo agitados, não era para ser assim, diziam um para outro. Um pegou na fita-cola, desenrola uma boa metade, rasga ao meio e tapa a boca dos dois amarrados, isso, vamos embora, disse outro, saíram as pressas trancando a porta com um cadeado. Estava tudo escuro lá dentro e não podiam gritar, ouvem ainda o rumor do carro deles removendo-se dali, o que está acontecendo agora?

O carro tinha manobrado com os faróis acesos, fazendo um notável sinal de luz nas matas ao redor.

— O que vocês acham?! — Perguntou a Cara levantando um braço, os outros concentraram-se na direção das luzes, já não estavam tão longe das casas, Rico e Joel correram na frente para ver o automóvel, puderam mesmo vê-lo em partida. Observaram bem o lugar quando as moças chegaram perto, não tinham muito tempo, desceram na direção apontada. Mais próximo da casa, Rico e Joel avançam muito rápido, a porta estava trancada, Rico quase que sem precisar pensar já tirava da mochila que agora estava em sua posse o martelo que traziam, uma martelada forte o trinque se abre e os dois estão lá dentro, acende-se uma lanterna do telefone e contemplam a cena. Não era uma imagem bonita a que viam, por isso correram para libertar os cativos.

— Rápido, tem de ser rápido. — Pediu Power tão logo o Joel tirou-lhe a cola da boca.

— Está bem.

— Mas onde é que eles foram? — Perguntou o Rico.

— O desgraçado ameaçou o meu pai. Acho que o meu pai está aqui. — Respondeu a Tina.

— Merda. — Disse o Joel.

— Seu pai está aqui? Aqui no Lubango ou aqui na Humpata? — Inquiriu o Rico.

— Eu não sei, ele quer dinheiro, exigiu dinheiro de resgate. — Disse Tina já com as mãos soltas.

— Quanto? — Perguntou o Joel.

– Não sabemos, mas certamente não é pouco, esses gajos são malucos, podem atirar em nós. – Respondeu Power.

– Estão armados?! É claro. – Foi a vez do Rico estar espantado.

– Sim. – Disse a Tina.

– São malucos. – Disse o Rico abanando a cabeça, as bocas falavam mas as mãos não paravam de trabalhar. Mais um pouco...

– Eles não torturaram vocês néh!? – Exclamou o Joel.

– Contamo-vos os detalhes depois, temos de sair daqui agora. – Disse Power.

Jino manteve os telefones desligados, sempre que precisava fazer uma ligação ia até à sede do município, com medo de ser rastreado. Se assim fosse, saberiam mesmo que ele estava naquelas terras, só tinha de evitar dar qualquer indício que denunciasse especificamente o seu esconderijo, e fazer bem as suas ameaças. Tinha de causar temor. Agora ia encontrar-se com pai da Tinelsa que mal havia aterrado no Lubango, teve de segurar num carro e correr a subir a montanha para se encontrar com o seu ex-empregado.

Já no local indicado por Jino, o senhor Jaime dá o sinal que faz o elenco raptor se retirar a fim de ir pegar o dinheiro de recompensa de seu esforço e se mandar para não sei onde. Já consideraram jogo ganho, Jino conhecia bem o “cota Jaime” como proximamente lhe tratava, ele faria a cena conforme, já lhe mostrei o que sou capaz, pensou. Chegaram no terreno indicado, senhor Jaime não quer que isso leve muito tempo, eles também não.

– Aqui tens o dinheiro, é tudo que eu pude conseguir.

– Quanto? – Perguntou o Jino.

– Quatro e meio.

– Segura a cena! – Disse Jino a um de seus comparsas. Eram duas malas pretas. O jovem abre uma e fecha, abre outra, está tudo em ordem, era dinheiro em cima de dinheiro.

– Muito bem, parece que temos negócios aqui. – Disse Jino.

– Agora onde está ela?

— Hum, não funciona assim, nós vamos sair e tu vais receber a mensagem, saberás onde ela está. — Disse Jino entrando no carro com todos os outros. Não se afastaram muito dali quando notaram na frente um aglomerado de polícias.

— Merda, filho da... — Disse Jino dobrando o carro rapidamente, os pneus fronteiros saem da estrada e pisam alguma brita próxima do asfalto, ele continua com o volante virado e acelera, o carro obedece e segundos depois está mudado de direção, sai correndo, a polícia já o segue com as sirenes ligadas, Jino não para. — Filho da mãe, traiu-me mais uma vez, vocês viram néh? Ele agora vai ver o que eu vou fazer, vai ver! — E seguia acelerando o carro, os outros dois agora estavam ainda mais agitados, um só pensava na cadeia, como seria por lá, nunca tinha ido preso mesmo tendo feito um monte de assaltos durante a sua vida. Parece que para um ladrão esse dia sempre chega. Para ele tinha chegado, estava na cara. O carro continua em velocidade, seguido por dois carros da polícia a uma distancia não muito grande, Jino pisa fundo e faz a curva na frente de um corola que é obrigado a frear duas vezes para evitar um colisão contra o *pajero* que saiu da sua faixa e entrou no mato bem aos seus olhos, Jino não reduz a velocidade apesar do terreno um pouco íngreme, o carro balança e quase os faz saltar dos bancos, ainda bem que estava ele ao volante, nada de medo, o seu olhar era de ira, uma ira descomunal, no momento apenas pensava numa coisa, perdeu a noção, nada mais importava. Próximo da casa afastada, agora estava mais escuro do que quando haviam saído, parou o carro, desligou as luzes e correu para dentro com a arma na mão, os outros dois também saltam do carro e tentam desesperadamente traçar uma rota de fuga. A porta estava fechada, mas não tinha o cadeado, chutou-a a dentro.

Já não tinha ninguém ali.

O que pretendia fazer com aquela arma na sua mão?

Os carros da polícia estão no local, pedem-lhe que saia e que faça isso com as mãos na cabeça. Agentes da polícia aproximam-se em volta da casa.

Ouve-se um disparo.

Power é servido.

O galão quente sabe bem. Ele está apreensivo. Ansioso também? Talvez um pouco. Impaciente bate os dedos da mão direita na mesa um de cada vez, dá mais um trago no seu café com leite e vê os amigos entrar no restaurante, era o Joel, Sónia, Carla e Tina. Sentaram na mesma mesa, ninguém fala nada, Sónia faz um sinal para o garçon, este aproxima-se, ouve os pedidos e depois retira-se.

— Então, antes de mais nada eu só queria deixar-vos saber que nós estamos namorando. — Disse o Joel alegre apontando a Sónia, esta abanou a cabeça fazendo cara de envergonhada e disse:

— Ora, mas que convencido, eu ainda não disse sim.

— Também não disseste não. — Disse encostando-se nela, já que estavam sentados perto um do outro.

— Aié?! Não. — Falou a moça aproximando-se também e beijaram-se.

— Nossa! Parabéns! — Disse a Carla, Power mexeu a cabeça concordando, Tina bateu palma baixinho e olhou para o Danny, ele não olha fixamente para ela mas percebe o seu olhar.

Passaram-se duas semanas desde aquela última sexta-feira na Humpata. A coisa tinha acabado de uma maneira bem dramática. Jino provavelmente voltou para aquele lugar no intuito de tirar a vida dos que lá estavam. Na pequena casa. Era notável a sua determinação, mas não tinha encontrado ninguém, coisa que o deixou sem mais o que fazer a não ser atirar em si mesmo. O tiro atravessou-lhe a cabeça, morrendo no instante, os outros dois se tinham metido a correr dispersamente pelo mato. Foram apanhados mais tarde depois de uma busca intensa. Power e os demais mostraram-se aos agentes, o senhor Jaime emocionou-se ao ver a filha, escapou-lhe mesmo uma lágrima, nunca esteve tão feliz por ver a filha. Seguiram-se ligações para Luanda, muitas ligações. Vilma chegou no *landcruiser* da mãe, seriam feitas muitas perguntas na delegacia, mas o principal já estava apontado.

Jino tinha sido mandado para o olho da rua pelo patrão Jaime a algum tempo atrás quando a dona Isáura descobriu o outro lado do empregado. Por trás daquela serenidade e obediência havia um escuro assombroso. O moço vivia metido no comércio de drogas e outros produtos de maneira ilegal, parece mesmo que ele era um dos chefes. Rumores salpicados diziam que este até já mandara executar dois madiés fora de Luanda que não estavam a cumprir devidamente o regulamento interno da quadrilha. Dona Isáura primeiro ouviu alguns cochichos a cerca do assunto, mas não

deu crédito, ouviu pela segunda vez e falou com o marido. Senhor Jaime era muito concentrado no seu trabalho, portanto, sem tempo para mujimbos populares.

— Isso é calúnia Isáura! Há quanto tempo estamos com o Jino?

— Cinco meses? — Dona Isáura ainda não queria acreditar que tinha contratado um marginal, a capital está cheia deles, é difícil, quase impossível distinguir quem é quem não é.

— Você já conhece esta gente, não tem o que fazer, passam a tempo na esquina e no final do dia começam a inventar histórias sobre A, sobre B, C etc. — A senhora Isáura acalmou-se. Passaram-se mais alguns dias e ouviu de novo, desta vez não comentou com ninguém, nem mesmo com o marido, mas decidiu investigar ela mesma, ir ao fundo da questão, iria descobrir a verdade mais cedo ou mais tarde, e ela não era boa.

Então o Jovem carregado de ódio e rancor, partiu para o sul ao encontro da vulnerável Tinelsa, decidido a desferrar-se contra a família Fonseca. Família que ele já chegou a considerar sua, sentia-se mesmo parte dela, mas tinha aquela outra vida nem ele mesmo sabia o porquê. No fundo talvez porque amava a sensação de estar sempre nas costas da polícia ou quê. Todavia, gostava da família do senhor Jaime, até tinha o seu quarto no anexo da casa. Senhor Jaime o expulsou da sua casa que nem um cachorro, trouxe mesmo alguns seguranças musculosos da empresa para segurarem no lixo e colocarem fora. Contudo, ainda gostava de Jino, daí não o ter levado à prisão, não conseguia entender o porque daquilo tudo no jovem, mas o ameaçou para que este não mais pusesse os pés na sua casa e que não cruzasse mais o seu caminho, que não seria bom para ele.

O carro no qual andavam era alugado. Bem, um dos dois comparsas pegou emprestado da oficina de um camba bem próximo. Dona Angélica também não permitiu que o filho ficasse muito tempo nas mãos policiais, afinal para que servia todo seu prestígio?

Power sente que está mais que na hora de falar. Só não vê como partir para isso. Bem, até sabe como deve arrancar, mas por que é tão difícil? O café já tinha acabado faz um tempo, ela também não consumia nada. É hoje, Danny. Apenas se tinham visto umas duas vezes depois daqueles acontecimentos. Sabia que ainda tinham de conversar e que a iniciativa agora devia partir dele. Porra Danny, qualé?, — Disse para si mesmo no seu íntimo. — só tens que a chamar pra um canto qualquer, já que normalmente estavam sempre em grupo. Ou talvez esperar, chamá-la

para sair, só os dois. Esperar... Logo se deu conta que estava sempre a esperar. Ninguém merece, pelas barbas do profeta! Só, dê um jeito nisso hoje Danny!

Todos tinham terminado e ao fim de algum tempo surge a ideia de irem ao cinema, Tina diz que não pode ir, que tem de voltar para a casa.

— Porquê? — Perguntou Power.

— Minha mãe, desde que chegou não larga do meu pé. — Tina fez uma pausa para sorrir e continuou. — Parece que voltei a ser filha dela, fizemos as pazes, somos novas amigas. Realmente ela me fazia falta sabe?, acho que o medo de me perder fez ela recuar, ver e valorizar o que é realmente importante. Foi isso mesmo que ela me disse. Até me pediu perdão por tudo, eu também me desculpei, amanhã está de partida e só quer passar as últimas horas comigo.

— Ai! Que bom... — Disse a Sónia.

— Isso é ótimo, nossa! — Diza Carla.

— Parabéns! — Disse o Joel.

— Sem dúvidas, isso é ótimo. — Diz Power. — Vês? Não estás só. — Tina concordou com a cabeça olhando para ele, sorrindo. Muito bonita.

— Então vamos brindar a isso, garçon! — Chamou o Joel. — Quatro copos e uma garrafa de espumante, por favor! — Rico acabava de chegar num *santafé* prateado, encostou o carro e entrou no restaurante. O garçon trouxe o que lhe foi pedido, agora tinha de aumentar mais uma taça.

— Chegaste bem na hora óh morenaço! — Exclamou a Carla.

— Nossa, ainda bem! Diz o Rico. — Brindamos a quê?

— Bem, a nossa amizade, essa união que nós temos, por tudo que já passamos porém, ainda estamos aqui, e a reconciliação da Tina com os seus pais, especialmente com a sua mãe. Um brinde a isso! — Disse o Joel levantando o copo. E as taças se tocam.

Beberam e não quiseram ficar por mais tempo.

— Estão a pensar em ir ao cinema? Bora!, estou de carro. — Diz o Rico.

O R&B que soava das colunas do carro era um clássico norte-americano, som inebriante, parecia estar a falar de amor, tinha de ser. O carro avança e eles conversam. Antes que a música acabe, Rico encosta,

Tina tem de descer, dali seguiria para a casa, ela desce e vai andando enquanto o carro se afasta.

– Pare o carro! – Power ordena.

– Ham?!

– Agora!

– Está bem... – Rico disse pisando o travão e puxando o carro para a direita, este não parou completamente quando Power abre a porta e sai a correr. Ele vai direito e depois desvia, era uma rua pouco movimentada, pôde vê-la lá na frente, apressou-se, e agora estava mais próximo dela. A moça andava meio displicentemente, parecia mesmo que faltava alguma coisa, suspirou.

– Tina! – A moça logo deu para trás ao ouvir o seu nome. Parou olhando-o, Power aproximou-se e segurou a sua mão. – Não podemos continuar a fazer isso um com o outro.

– Fazer o quê? – Disse ela com a voz chiada. Power chegou mais perto e beijou-a.

– Eu também, e continuo pensando em ti. – Disse ele.

– Tu também?! Ótimo, porque eu também.

O Sol tinha ficado mais bonito, as nuvens pareciam verdadeiros enfeites lá em cima. Talvez alguém já torcia por esses dois. É, já foi dito por aí que o amor às vezes se pode esconder por algum tempo, mas sempre acaba por se revelar. Tão forte, tão simples e tão complexo, inexplicável.

Rico talvez também tivesse algo a dizer à Carla. Vai precisar de coragem, e da ajuda dos dois amigos. O destino já tinha feito a sua parte, juntando-os.

FIM

Lubango

25 -09 - 2017

Sobre o autor:



Valeriano Sangueve João Alberto nasceu aos 02 de Janeiro de 1996. Começou a interessar-se pela leitura muito cedo, em bandas desenhadas e livros religiosos.

Sang Alba é o seu pseudónimo e também seu nome artístico no que toca a música, enquanto cantor, compositor e produtor musical. Terminados os estudos secundários a sua inclinação para a leitura foi maior, desde então tem feito vários trabalhos, com maior ênfase aos ligados à música e agora também à literatura, sendo um ávido leitor. **A ÚLTIMA GANG** é a sua obra de estreia, escrita entre 2015 e 2017.

Atualmente o autor trabalha nos seus mais recentes romances com lançamentos previstos para breve.

A ÚLTIMA GANG

Valeriano Sanguève João Alberto

A Última Gang

Autor: Valeriano Sanguete João Alberto

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Valeriano Sangueve João Alberto

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

A Última Gang (romance)
Copyright© 2018 by Valeriano S. J. Alberto
Copyright© 2018
E-mail: valerianoalbertoalberto@gmail.com
Telefones: 925470779 – 924852777
Facebook, Instagram, Whatsap – Valeriano Sang Alba

Todos os direitos reservados.
É totalmente condenável qualquer tipo de reprodução, ou o uso deste material para fins lucrativos.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e ou acontecimentos reais é pura coincidência.

Versão digital 2020

Produção editorial:

Por: Valeriano S. J. Alberto – Angola 2018
Edição: Valeriano S. J. Alberto
Revisão: Valeriano S. J. Alberto

Foto capa – Bob Lendário
Design artístico de capa – Valeriano Alberto Sang Alba
Lubango, Huíla, Angola. Brisa Editores.
Literatura angolana